



CÂMARA DOS DEPUTADOS

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS

EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0522/05	DATA: 4/5/2005
INÍCIO: 14h48min	TÉRMINO: 20h12min	DURAÇÃO: 05h24min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 04h11min	PÁGINAS: 157	QUARTOS: 51

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

Humberto Silva
Luís Mário Belleza

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Há expressões ininteligíveis.
A reunião foi suspensa e reaberta.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Havendo número regimental, declaro aberta 15^a reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito Destina a Investigar as Organizações Criminosas do Tráfico de Armas.

Não havendo número ainda para a votação dos requerimentos, convido o Sr. Humberto Silva a sentar-se à frente aqui.

Antes de passar a palavra ao depoente, peço a atenção dos senhores presentes para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Casa.

O tempo concedido ao depoente será de até 20 minutos, prorrogáveis a juízo da Comissão, não podendo ser aparteado. Os Deputados interessados em interrogá-lo deverão inscrever-se previamente junto à Secretaria.

Cada Deputado inscrito terá o prazo de até 3 minutos para fazer suas indagações, dispondo o depoente de igual tempo para resposta, facultadas réplica e tréplica pelo mesmo prazo.

A Presidência tem sido condescendente, mas volta a frisar a necessidade de que os Deputados possam ser bastante objetivos ao fazer os questionamentos.

Por se tratar de oitiva de testemunha, solicito ao Sr. Humberto Silva que preste juramento, conforme o art. 203 do Código de Processo Penal.

O SR. HUMBERTO SILVA - Faço, sob palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agradeço, Sr. Humberto.

Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas de falso testemunho, assim descrito no Código Penal, art. 342:

“Art. 342 Fazer afirmação falsa, ou negar, ou calar a verdade, como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial, administrativo ou em juízo arbitral.”

Então, o senhor fez o compromisso de dizer a verdade.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor pode nos contar os fatos de que tem conhecimento e o senhor tem, se precisar, até 20 minutos; senão o tempo que o senhor desejar.

O SR. HUMBERTO SILVA - Posso começar por onde...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tem V.Sa. a palavra, por favor.

O SR. HUMBERTO SILVA - Está bom. Sobre o tráfico de arma e munições, vou contar para os senhores que eu fiz uma viagem de Timbaúba, que fica no Recife, com destino a Porto Alegre. Fui convidado pelo Sr. Antônio Farias para essa viagem para apanhar uma mercadoria na Rossi, em Porto Alegre, e a outra mercadoria era em Porto Alegre mesmo. Chegando no itinerário, na Rossi, apanhei 20 caixas de espoleta Taquari com nota; apanhei com nota. O Dr. Paulo, que era o representante da Rossi, era o intermediário para me indicar aonde eu ia apanhar a outra mercadoria. Certo? Ele fez um mapa. Eu não sabia. Depois de Passo Fundo, eu me esqueci o nome da cidade, Estação, a 380 quilômetros de Porto Alegre, é Estação. A primeira vez que fui lá ele desenhou um mapa e me deu esse mapa, e através desse mapa, perguntando, cheguei até Estação às 4 horas da tarde. Saí de Porto Alegre às 8h30min, cheguei lá às 4 horas da tarde. Fui ao encontro, liguei para esse rapaz. Eu tinha o telefone dele, eu não conhecia ele. Ele me falou: "Olha, quando você chegar na cidade, você me liga".

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O rapaz é o Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - É o Leandro. Liguei para ele na entrada da cidade, ele foi ao meu encontro num carro vermelho. Seguia ele, ele me levou no depósito, e lá chegando tinha uma caminhonete vermelha, com baú em cima, a caminhonete. Aí encostei o caminhão de fundo a fundo com a caminhonete para pegar essa mercadoria. Perguntei para ele: "Essa mercadoria tem nota?" Ele falou que não tinha nota, que não tinha nota. Já o dono da mercadoria, o Antônio, de Timbaúba, me falou que essa mercadoria tinha nota, mas, quando eu cheguei lá, não tinha nota. Essa não tinha nota. Só tinha nota mesmo a espoleta, que foi da Rossi. Eu falei: "O senhor não pode me dar essa nota?" Ele falou que não tinha nota. Voltando atrás, quando eu saí de Timbaúba, o Antônio me mostrou esse caminhão com o fundo falso. Eu sabia que tinha, vim sabendo que tinha o fundo falso no caminhão. Perguntei por que e ele falou: "Isso é um motivo de segurança. Você pega a mercadoria e guarda tudo". Ele me mostrou, eu e o ajudante — o ajudante trabalhava com ele. Tudo bem. Mas, como a mercadoria tinha nota, vim embora. Chegando lá, eu peguei as 20 caixas de espoleta com nota e guardei. Com a nota eu guardei. Mesmo com a nota, eu fiz questão de guardar, porque ele me explicou



que era problema de segurança. Como os senhores sabem, de Petrolina para Salgueiro dá 180 quilômetros. Lá tem um trevo, um trevão, tem uma Polícia Rodoviária Federal, que do trevo dá 60 quilômetros para Salgueiro, depois de 18 horas a gente não passa, a gente não vai, tem que fazer um comboio. A Polícia Federal faz um comboio de 5, 6, 8 caminhão e não faz. E Salgueiro, Cabrobró, aqueles meios ali é lugar de plantação de maconha. Por sinal, em Pernambuco, é a cidade mais fiscalizada pela Polícia Federal. Cada trecho a gente tem um comboio da Polícia Militar, não a Federal, Militar. É o Estado mais fiscalizado. Mesmo assim é assalto. Não tem jeito que não tenha assalto. Peguei essa mercadoria, guardei no frontal do caminhão. Não tinha nota. Perguntei: "Quantos quilômetros dá daqui para Curitiba?" Ele me explicou: "Dá 500 quilômetros". O Leandro disse que dava 500 quilômetros. Eu digo: "Eu não conheço essa estrada por aqui. Eu vou por Vacaria". De Passo Fundo a Vacaria dá 200, ele me informou que dava 200 quilômetros. Como eu já tinha ido em Porto Alegre, conhecia bem a 116, então fui por Vacaria. Chegando no pedágio, na Polícia Federal, já vinha com uns grampos no telefone, há muitos dias pegando a conversa deles no telefone e me seguindo. Chegando no pedágio, fui abordado pela Polícia Federal. Me perguntou: "Cadê a nota que você pegou a mercadoria às 8h30 na Rossi, em Porto Alegre?" Falei: "Doutor, a nota está aí". "E a nota da mercadoria que você pegou aqui na cidade de Estação?" Eu falei — eu não estou aqui para mentir, vou falar a verdade. Eu falei: "Eu não peguei a mercadoria". Porque às vezes a mentira ajuda a viver. Eu falei: "Eu não peguei a mercadoria". Ele falou: "Abre o baú aí". Aí eu abri o baú e ele não viu a mercadoria. Dessa hora para cá, eu fiz tudo pela Polícia Federal. Procurei, no meu depoimento, os senhores podem ver aí, pode ver na Polícia Federal, eu fiz tudo para ajudar na investigação. Por sinal, me trataram muito bem. A juíza lá me tratou muito bem. Isso eram umas 8 horas da noite, 10 horas da noite. Através de mim, quando foi 6 horas da manhã da terça-feira, já estava todo o mundo preso. Porque eu não neguei, falei, expliquei como foi direitinho: foi assim, assim. Entendeu? Então, dei o depoimento lá. Se o senhor quiser fazer alguma pergunta, estou às ordens para responder os senhores.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Humberto, primeiro, quero agradecer pela tua boa vontade. Como eu disse, a gente descobre na CPI facilmente quem está mentindo e quem está dizendo a verdade.



O SR. HUMBERTO SILVA - Tá certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque a investigação é muito ampla. Então vai se saber tudo isso. E se a pessoa está de boa-fé, a gente sabe melhor ainda.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, sobre essa questão, quando tu embarcaste as mercadorias, lá em Estação, tu já botaste tudo no fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Botei. Inclusive a que estava com nota, também, que eu podia ir carimbando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, me explica o seguinte: quanto tu fosses passar nos postos de fiscalização do imposto, como é que tu fazias?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não era fiscalizado. Não era fiscalizado. Porque (*ininteligível*) passava direto nos postos, ele podia vir atrás, e como era, podia ser. Porque hoje, vou explicar melhor para o senhor, se houve má-fé na fiscalização para não pagar imposto, não era minha, a mercadoria não era minha, não tinha nada...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, sim, tu estavas lá cumprindo ordem de quem tinha te falado. Quer dizer, nos postos de fiscalização...

O SR. HUMBERTO SILVA - Não era fiscalizado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tuias dizer que estava vazio o caminhão.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, porque, se eu passava direto, às vezes, eu passava direto no posto, eles não vinham atrás. Porque dificilmente eles vêm atrás. Onde acontece mais de ir atrás é no Maranhão, no Estado do Maranhão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No Maranhão é que vai?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas, desta vez, tuias passar lá.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, aqui no Estado do Paraná, no Estado do Paraná — pra ficar bem claro, não vou mentir —, no Estado do Paraná, aqui, em Santa Catarina, São Paulo, até o Estado de Minas, ele não fiscaliza baú. O posto de fiscalização da (*ininteligível*) a receita estadual, dificilmente eles fiscalizam lá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles não fiscalizam baú?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Dificilmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, fica fácil passar.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, fica fácil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sem problema nenhum.

O SR. HUMBERTO SILVA - Fica fácil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De qualquer jeito, aí, não...

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, se... Essa mercadoria com nota era para quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Essa mercadoria com nota era da roça, era para Dr. Antônio Faria. Era espoleta. O Paulo, da Rossi, foi o intermediário de comprar essa mercadoria para Sr. Antônio, lá de Timbaúba. Essa, a da Rossi, eu peguei com nota, era de Sr. Antônio também. Só que a Rossi despachou com nota.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Paulo sabia desse fundo falso, aí?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Se ele sabia... Eu mesmo nunca mostrei a ele, ele nunca viu. Dependendo de mim, o Sr. Paulo nunca viu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nunca viu?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Na minha mão mesmo, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, o Leandro e aquele outro lá, o Brustolin, esses sabiam.

O SR. HUMBERTO SILVA - No dia... Eu não conhecia ele, a primeira vez. Agora, no dia que eu carreguei o caminhão, eles viram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles viram?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eles viram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, tinham conhecimento do fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, eles viram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E quando tu perguntaste o negócio de nota, o que ele falou?



O SR. HUMBERTO SILVA - Ele falou que não tinha a nota, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi o Leandro ou foi o próprio Brustolin, lá?

O SR. DEPUTADO LUIZ CARREIRA - O Leandro é o Brustolin.

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi o Leandro. É.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É filho. O Brustolin.

O SR. HUMBERTO SILVA - É filho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Leandro Brustolin.

O SR. HUMBERTO SILVA - É. Segundo o Dr. Alexandre me falou, é o Delegado da Polícia Federal lá em Porto Alegre...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi o próprio Leandro que conversou contigo e disse que não precisava de nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Que não tinha nota. É. Ele me...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Presidente, V.Exa. me permite? É só para ajudar no raciocínio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Humberto...

O SR. HUMBERTO SILVA - Oi?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só para eu entender. Esse produto que tu compraste da Rossi, essa espoleta, é um volume grande?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, são 20 caixas de 18 quilos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tá. E tu carregaste na Rossi?

O SR. HUMBERTO SILVA - Carreguei na Rossi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E não botou no fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, lá, na Rossi, não, porque eu tinha nota.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu levaste de São Leopoldo...

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... até Estação dentro do baú?

O SR. HUMBERTO SILVA - Dentro do baú. Eu tinha a nota.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Normal?

O SR. HUMBERTO SILVA - Normal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sem usar o fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Sem usar o fundo falso.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quando tu chegaste a Estação...

O SR. HUMBERTO SILVA - Aí eu botei para dentro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...tu pegaste a carga da Rossi...

O SR. HUMBERTO SILVA - Botei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... botou no fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - E botei a outra...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu e o ajudante?

O SR. HUMBERTO SILVA - Tinha o ajudante meu e tinha 2 rapazes lá de Estação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, eles te ajudaram a guardar a mercadoria da Rossi.

O SR. HUMBERTO SILVA - Guardou. Não, a mercadoria da Rossi, primeiro, eu guardei eu e meu ajudante. E, quando eu fui apanhar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Guardaram onde?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu guardei chegando em Estação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas onde?

O SR. HUMBERTO SILVA - Depois da Polícia, do posto de pedágio.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Parou na estrada?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi, na estrada. Porque 20 caixas para guardar eram 10 minutos. Mesmo assim, se o senhor encostar a porta do baú, não tem problema. Aí, quando eu cheguei lá, carreguei, os ajudantes, 2 rapazes dele, me ajudaram a carregar e um ajudante que eu tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está certo. Sr. Presidente, V.Exa. me permite outra? Tu foste para Porto Alegre achando que ias comprar toda a mercadoria da Rossi?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não foi assim. Eu fui para Porto Alegre pensando apanhar 20 caixas só na Rossi e o resto da mercadoria o Dr. Paulo ia me dizer onde era que eu ia apanhar, que ele foi o intermediário que comprou a mercadoria.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, tu chegaste em Porto Alegre...

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele fez um mapa...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Carregou a mercadoria da Rossi...

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E quantos dias tu ficaste lá?

O SR. HUMBERTO SILVA - Carreguei segunda-feira às 8 horas da manhã, 8h30min da manhã e no mesmo dia fui para a Estação.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então já estava tudo combinado lá em Estação?

O SR. HUMBERTO SILVA - Já estava. É. Quando eu cheguei, perguntei ao Dr. Paulo: “*Onde é que vou apanhar a outra mercadoria?*”. Eu não sabia nem o que era. Ele me deu um mapa, que era em Estação. Eu digo: “*Onde é Estação, que eu nunca fui lá?*”. Ele disse: “*Fica a 380 quilômetros daqui*”. E me deu os telefones do pessoal para eu ligar. Aí, inclusive, na nota, como expliquei ao senhor, veio o nome do Dr. Paulo como intermediário, e a Polícia Federal pegou o mapa que o Dr. Paulo também me deu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual nota que saiu o Dr. Paulo como intermediário?

O SR. HUMBERTO SILVA - A nota... Um recibo, não foi nem nota. Um tipo...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma espécie de um pedido?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, tipo um pedido, assim, um recibo. Porque o Leandro, ele não me deu nota.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu não tinhas um papel dizendo o que tu irias carregar lá em Estação?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Leandro tinha combinado com quem?

O SR. HUMBERTO SILVA - Com o Paulo, o Dr. Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com o Paulo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi. O Dr. Paulo. O Sr. Antônio, lá, de Timbaúba, o Dr. Paulo e o Leandro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, o Dr. Paulo combinou com o Leandro...

O SR. HUMBERTO SILVA - Exato.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu não sabes como é que foi pago, quem pagou?



O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não sei quem perdeu (*Risos.*). Eu sei que a nota foi no valor de 174 mil reais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - A nota de lá de...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Da Rossi?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, entre... A da Rossi foi vinte e poucos mil reais e a de lá de Leandro foi 174 mil reais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas tu disseste que não tinha nota!

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, nota... Assim, um rascunho. Não é nota. O valor da mercadoria num papelzinho. Não foi nota.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não era nota fiscal.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não era nota fiscal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, entendi, entendi.

O SR. HUMBERTO SILVA - Entendeu?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas foi o Brustolin que te deu isso ou foi o Paulo?

O SR. HUMBERTO SILVA - O que me deu foi o Brustolin. Não foi o Dr. Paulo que meu deu, não. Foi o dono da mercadoria que eu peguei lá que me deu, o Leandro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Correto.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, foi o Leandro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Deputada Laura Carneiro, eu vou deixar os Deputados perguntarem. Eu tenho algumas questões, que farei, depois, no fim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Humberto, explica uma coisa. Há quanto tempo você conhece o Antônio e de onde? Qual é a tua relação com ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Conheço o Sr. Antônio de Recife. Conheço de Recife. Conheci ele assim. Fui levar... Porque em 95 tinha uma empresa, a Comercial Puma, lá em Feira de Santana. Essa empresa não existe mais. Essa empresa negociava com munição. Eu fui levar 30 caixas de Taquari para ele num caminhão carga aberta. Em cima dessas caixas...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A empresa Puma é de quem? É do Sr. Zé?



O SR. HUMBERTO SILVA - Não, a Puma era de Edgar Lira Peixoto, Edvar Lira Peixoto. Inclusive, para dizer para a senhora, Doutora, olha. Eu trabalhei 25 anos de ônibus, vou me aposentar agora, de ônibus, 25 anos de intermunicipal e interestadual. Em 95, quando saí de ônibus, entrei nessa Comercial Puma — minha carteira está aí, dentro da minha sacola — e trabalhei nela 2 anos. Depois dessa Comercial Puma, trabalhei numa metalúrgica, de motorista, entendeu? E depois trabalhei em outra firma, Remendão. Minha carteira está ali, assinada toda. Eu tenho 27 anos de INSS pago. Conheci ele através do Sr. Edvar. O sobrinho dele me pediu para levar 30 caixas de Taquari em Timbaúba. Eu levei num caminhão carga seca, carroceria aberta. Por cima dessas 30 caixas foram 600 quilos de cravo. A senhora conhece cravo? Cravo da índia. Dá muito no sul da Bahia. Conheci Sr. Antônio através dessa viagem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor alguma vez trabalhou para o Sr. Zé Luís, também lá de Feira, que hoje tem um posto?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, trabalhei com o tio dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem era o tio dele?

O SR. HUMBERTO SILVA - É Edvar Lira Peixoto, da Comercial Puma.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, então, agora entendi. O Edvar é o dono da Puma...

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o Zé Luís, então, era sobrinho do Edvar.

O SR. HUMBERTO SILVA - Do Edvar. É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor alguma vez trabalhou também para o Zé Luís? Fez algum bico que fosse?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Essas 30 caixas de espoleta Taquari que levei para o Sr. Antônio foi o Zé Luís que me pediu para levar. Era do tio dele. Foi ele que me pediu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, então, foi o Zé Luís que pediu para o senhor levar essas espoletas, essas 30 caixas para o Sr. Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - É. Lá para o Sr. Antônio. É. Foi no ano de 95. Minha carteira está ali assinada. Comercial Puma. Eu conheci ele assim.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, me diga uma coisa. Depois disso, o senhor nunca mais trabalhou com o Sr. Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Voltou a trabalhar nessa operação. É isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o Sr. Antônio eu nunca trabalhei, não. Eu só fiz levar essa mercadoria, essas 30 caixas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Essa mercadoria do Zé Luís, certo?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, que o Zé Luís pediu para eu levar que era do tio dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá bom. E como é que o senhor retomou o contato com o Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque ele comprou esse caminhão — o que foi pego — na mão de Zé Luís. Agora, só que esse caminhão está no nome de Luís Ferreira Vitório. Inclusive, tenho até o documento na minha mão, o velho — porque emplacou agora. Posso até passar um fax. Eu não trouxe, não. Então...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era bom o senhor passar.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu passo um fax.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E quem é esse dono do caminhão mesmo?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, vou lhe passar. É o...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Explica para a gente quem são os personagens, primeiro.

O SR. HUMBERTO SILVA - Vou explicar direitinho. O caminhão era de Luís Ferreira Vitório.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é esse?

O SR. HUMBERTO SILVA - É um cara que tem lá em Feira. Foi vendido esse caminhão a Sr. Antônio por Zé Luís. O Zé Luís foi o intermediário para vender o caminhão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, então, o Zé Luís também não era dono do caminhão. Ele só era intermediário da ação?



O SR. HUMBERTO SILVA - Não era dono do caminhão. É. A senhora me entendeu?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Entendi. Eu quero entender mais, mas estou entendendo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente. Então, conheci Sr. Antônio através desse negócio aí. Ele veio...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Continue. Aí, o Zé Luís foi intermediário dessa venda do caminhão...

O SR. HUMBERTO SILVA - Certo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Já com fundo falso, não é?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutora, eu não sei se tinha o fundo falso. Vou lhe explicar direito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então me explica.

O SR. HUMBERTO SILVA - Depois eu fui no INMETRO, quando... Esse caminhão não podia ser emplacado em Recife porque esse caminhão era chassi de ônibus, não era...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Chassi de ônibus.

O SR. HUMBERTO SILVA - De ônibus. Não pode emplacar aqui de um Estado para outro. Dificilmente emplaca. Esse caminhão foi emplacado em Feira...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, não era por causa do fundo falso, era por causa do chassi.

O SR. HUMBERTO SILVA - É. Esse caminhão foi emplacado em Feira. Eu fui levar no INMETRO.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No INMETRO de Feira?

O SR. HUMBERTO SILVA - No INMETRO em Salvador. De Feira para Salvador.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor que levou o caminhão para o INMETRO de Salvador?

O SR. HUMBERTO SILVA - Levei porque o Sr. Antônio... É, exatamente, eu que levei o caminhão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas quem fez a negociação com o INMETRO?



O SR. HUMBERTO SILVA - Foi a CIRETRAN. Porque o INMETRO, lá em Salvador, em Feira de Santana, tem uns encarregados lá da CIRETRAN que enviam os caminhões para lá para fazer a vistoria de baú, pode ser carreta, entendeu? Está lá na CIRETRAN, em Feira de Santana tem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem mandou o senhor à CIRETRAN de Feira de Santana regularizar o caminhão?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi a Emplacadora Renan. E de junto a essa emplacadora trabalha um cara do INMETRO.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ao lado ou na mesma...?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ao lado, lá em Feira de Santana. E a senhora...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E quando foi isso? E quando é isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Isso foi, assim, em janeiro, dia 15 de janeiro. É. É Dr. Colbert?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É o Dr. Colbert.

O SR. HUMBERTO SILVA - Prazer, Dr. Colbert. Prazer. Eu ia até procurar o senhor lá em Feira, essa semana, mas...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Viu como o Dr. Colbert, em Feira, é conhecido? Foi por isso que na semana passada eu falei que era só perguntar ao Dr. Colbert. Ele sabe tudo. (*Risos.*)

O SR. HUMBERTO SILVA - Vai meu abraço para o senhor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele ficou vermelhinho! (*Risos.*) Mas é bom que descontrai. Vamos continuar. Eu quero entender a história do caminhão, do fundo falso, do INMETRO, de Feira, porque não ficou muito certo para a gente aquela relação.

O SR. HUMBERTO SILVA - Bom, vamos continuar. Vai ficar agora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, vamos.

O SR. HUMBERTO SILVA - Levei esse caminhão para fazer a vistoria no INMETRO.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Primeiro, começou vendendo o caminhão, não é isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi. É, exato.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos ver se eu acompanho.



O SR. HUMBERTO SILVA - Acompanha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Venderam o caminhão, mandaram lá para o Sr. Antônio, em Recife.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o caminhão não foi. Não chegou a ir a Recife, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não chegou a ir?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque não emplacava lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não emplacava por conta do chassi. O Antônio disse outra coisa. Eu quero estabelecer a diferença do depoimento de hoje dos depoimentos da semana passada.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, exatamente. Certo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, então, o caminhão nem chegou a ir para Recife?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi, depois que emplacou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas, depois que tinha autorização do INMETRO.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, depois. Exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Eu estou antes da autorização do INMETRO. Então, Recife não poderia nunca emplacar porque era chassis de ônibus.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não, não. Exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí, foi para... Ficou lá em Feira?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi para emplacar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Em Feira, quero saber quem foi a pessoa? Foi o Zé Luís que o chamou para o senhor levar ao INMETRO? Como é que o senhor aparece na história? Isso é o que eu quero entender.

O SR. HUMBERTO SILVA - Vou-lhe explicar. O Sr. Antônio me fez um convite para eu emplacar esse caminhão, lá, com o Zé Luís. Eu era o motorista para levar em Salvador, a senhora entendeu? Eu ia levar na CIRETRAN, em Feira, eu ia levar em Salvador. Como levei, como levei em Feira e levei em Salvador.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Sr. Antônio lhe telefonou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Me telefonou.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E como é que ele lembrou do senhor? Por quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque o Zé Luís passou o telefone para ele, para me procurar para... Então, depois que eu fiz a vistoria do baú, que emplacou o caminhão, eu levei esse caminhão para Timbaúba e esse caminhão ficou 18 dias lá parado. Aí, depois disso, ele me fez esse convite, o Sr. Antônio, para vir para cá. Mas só que o mesmo baú que eu fiz a vistoria no INMETRO, esse baú seguiu para Timbaúba.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o INMETRO já havia dado autorização para o baú com fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, se tinha fundo falso, eu não sei. Eu sei que quando eu peguei lá em Timbaúba já estava com fundo falso.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas o senhor viu alguma diferença entre um e outro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não vi. Não dá para ver diferença.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não dá para ver?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não dá, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É muito bem feito o fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - É muito bem feito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor acha que o INMETRO sabia ou não?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o INMETRO não sabia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Por que o senhor acha que não sabia?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque eu acredito, viu Doutora, que, quando a gente fez a vistoria lá, o baú não era o mesmo. Em Timbaúba eles devem ter trocado o baú.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É sua opinião. O senhor não tem certeza disso.

O SR. HUMBERTO SILVA - É minha opinião. É, não tenho certeza, porque um órgão federal, como o INMETRO, ele é muito difícil a pessoa fazer isso, porque o caminhão é botado em cima de uma máquina, assim, tipo um computador, e acusa



tudo. Até se o carro estiver com freio ruim ele não vai passar na vistoria, porque acusa tudo. A senhora entendeu? O baú é medido de ponta a ponta.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor falou, então, que o Zé Luís foi à CIRETRAN. É isso? Como é essa história da agência? O senhor disse, em algum momento, que, da agência, tinha uma pessoa que trabalhava ao lado da CIRETRAN? O que quer dizer isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, do INMETRO. Uma pessoa que trabalha no INMETRO em Salvador, tem um rapaz que trabalha em Feira de Santana, porque só tem em Salvador.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu sei.

O SR. HUMBERTO SILVA - Deixa eu explicar melhor para a senhora. Então, tem aquele intermediário que fica numa cidade menor para levar esses problemas, para pegar documento...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É um funcionário do INMETRO que deve ficar na CIRETRAN.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente, um funcionário, é.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, quem levou o senhor a esse funcionário?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi a emplacadora. Renan Emplacadora, que fica lá em Feira de Santana, na CIRETRAN.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, vamos tentar entender. A emplacadora estava cuidando do assunto para o Zé Luís?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, a emplacadora cuidava do emplacamento. No mesmo tempo, enviou o rapaz, os documentos para o rapaz fazer.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Com quem o senhor falou nessa Emplacadora Renan?

O SR. HUMBERTO SILVA - Com o dono, o proprietário.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é dono?

O SR. HUMBERTO SILVA - O Renan.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É o próprio Renan. V.Exa. já tem trabalho para o final de semana. Vai conhecer todo o mundo. Bom, mas, enfim, o senhor acredita que o INMETRO não sabia da existência do fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Acredito que não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso foi feito já em Timbaúba?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque eu deixei o caminhão lá, pelo menos eu não sabia. Agora, quando eu fui pegar para vir para aqui, ele me explicou, me mostrou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o senhor pegou, recebeu o convite do Antônio. Quanto ele lhe pagou para fazer isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele ia me dar 500 reais.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quinhentos reais para...

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque o acerto foi assim...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Diga.

O SR. HUMBERTO SILVA - Era 500 reais na primeira viagem. Se desse certo para eu ficar trabalhando com ele, ele ia me pagar 2 mil por mês. Mas não deu certo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É. Na primeira logo já deu errado.

O SR. HUMBERTO SILVA - É. Foi 500.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, aí o senhor chegou lá no Dr. Paulo, na Rossi, carregou o caminhão. Até aí o senhor já explicou tudo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Carreguei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o Sr. Paulo lhe deu o mapa, o senhor pegou e pronto. Aí vem minha dúvida. Quando o senhor chega na entrada da cidade de Estação, o senhor passa por algum posto de gasolina. Quem é o Alfredo? Que história é essa? Recapitula com todos os detalhes para a gente.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Posto de gasolina eu não passei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não foi a posto de gasolina nenhum?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Ele queria que eu fosse... Quando eu saí, que eu carreguei, que eu dormisse no posto de gasolina lá na frente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas antes do carregamento em momento nenhum o senhor foi a posto de gasolina?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não passei, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor chegou à cidade, foi direto na Brosca?

O SR. HUMBERTO SILVA - Nem parei para almoçar, por sinal.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor foi direto na Brosca?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui direto.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E quem o recebeu, foi o Alfredo ou foi o Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Quem me recebeu, o Leandro me recebeu por último, porque o Leandro, eu nem conhecia ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Leandro é aquele louro. Deixa eu lhe mostrar a foto.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu sei quem é. O pessoal me mostrou o retrato dele. Mas não foi ele que me recebeu; foi outro, um mais gordinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Alfredo?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor lembra....

O SR. HUMBERTO SILVA - Lembro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Se era o Alfredo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não sei. Sei que era um mais gordinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Deixa eu lhe mostrar a foto aqui. Senão a gente vai ficar doido sem entender quem são os personagens. (*Pausa.*) Aqui. Esse aqui é o Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor, o Manoel... Não tem a foto do outro. Não tem. Tem a foto de todo o mundo, menos do Antônio. Enfim, ele era um mais gordinho. Moreno, louro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era um branquinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Descreve ele para mim.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não era moreno, era um branco não. Um moreno forte. Só que não era esse Leandro. Não foi esse Leandro, não. Não foi nenhum desses aí, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá, mas descreve o funcionário, porque a gente precisa saber depois quem é direitinho.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele é um...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele o recebeu.



O SR. HUMBERTO SILVA - Eu vi o retrato dele lá na Polícia Federal, em Porto Alegre. Tem lá. Ele me mostrou o retrato dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas o senhor descreva para gente.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele é forte, assim, branco.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Cabelo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não é muito cabeludo, não. Médio, cabelo baixo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Gordinho.

O SR. HUMBERTO SILVA - É. Gordinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Alto ou baixo?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, mais baixo um pouquinho do que eu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Os olhos castanhos, escuros, claros, verdes, azuis?

O SR. HUMBERTO SILVA - Olhos claros, porque sempre quem é branco tem o olho mais...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mais clarinho.

O SR. HUMBERTO SILVA - Mais claro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá. Então, ele o recebeu. Essa pessoa lhe recebeu e...

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi ele que foi me pegar lá para trazer até o depósito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí ele levou até o depósito. Esse depósito onde era?

O SR. HUMBERTO SILVA - Esse depósito ficava no fundo da igreja. Inclusive eu fui lá com a Polícia Federal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá, já sabemos.

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui lá mais tarde.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Lá era o depósito atrás da igreja?

O SR. HUMBERTO SILVA - Exato.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tinha alguma placa de casa de caça e pesca, alguma coisa nessa...

O SR. HUMBERTO SILVA - Não tinha não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nesse depósito tinha algum letreiro de loja?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não tinha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Era só um depósito?

O SR. HUMBERTO SILVA - Só o depósito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o senhor chegou lá, estava quem lá? O Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o Leandro não estava. O Leandro chegou depois.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem mais estava além do...

O SR. HUMBERTO SILVA - Estavam 2 ajudantes que ajudou a carregar e esse rapaz que foi me buscar. O Leandro chegou depois.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Esse rapaz que lhe foi buscar, que provavelmente dever ser o Alfredo. E descreve os 2 ajudantes.

O SR. HUMBERTO SILVA - Os dois ajudantes são 2 branquinhos, baixinhos. Parece até que vi um retrato dele, mas acho não tem aí, não, o retrato dele aí não, o que a senhora me mostrou aí.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, aqui não tem mesmo não.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não tem, não. Como eu já descrevi lá na Polícia Federal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor já descreveu isso no seu interrogatório?

O SR. HUMBERTO SILVA - Lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom. Aí esses dois teriam lhe ajudado. A pergunta é: quando começou o transporte da mercadoria. O senhor falou que juntaram as 2 caminhonetes?

O SR. HUMBERTO SILVA - Uma só. Tinha uma encostada na garagem e uma onde estava a mercadoria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A que foi que juntou nos fundos do seu caminhão.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exato.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Qual era a cor da caminhonete?

O SR. HUMBERTO SILVA - Vermelha.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também vermelha?

O SR. HUMBERTO SILVA - É

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o carro da pessoa que foi encontrá-lo também era vermelho?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era um... Não sei se era gol. Sei que era vermelho também. Um automóvel assim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então ele encontrou foi com o Alfredo. O carro vermelho é do Alfredo? E que horas chega o Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Assim....

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor já tinha começado a carregar o caminhão quando o Leandro chegou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Não tinha começado a carregar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas já tinha encostado fundo a fundo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Já.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o Leandro chegou e...

O SR. HUMBERTO SILVA - E me deu o papelzinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Com a nota... A nota, que não é nota, de 174 mil.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não é nota não. É um papel. É foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E disse o que ao senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Perguntei ele pela nota fiscal, ele falou não que tinha nota fiscal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor perguntou pela guia de tráfego? E ele também...

O SR. HUMBERTO SILVA - Se ele tivesse a.... Segundo o que o Dr. Alexandre me falou, ele falou que foi no Exército tirar essa nota, mas a Polícia Federal foi lá no Exército e não existia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Esquece o Alexandre falou. Não quero saber o que o delegado falou.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, ele não me deu nota de guia de tráfego.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quero que o senhor me diga o que aconteceu.



O SR. HUMBERTO SILVA - Guia de tráfego ele não me deu, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não lhe deu a guia de tráfego?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também não lhe deu a nota fiscal?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, também não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, quando o senhor perguntou pela nota fiscal, ele disse: "Não, não tenho."

O SR. HUMBERTO SILVA - Que não tinha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E aí o senhor disse: "Mas como é que vou carregar arma sem nota fiscal?" O senhor falou alguma coisa?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Não falei com ele. Perguntei: "Mas o rapaz me falou que tinha..."

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O rapaz é o Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - É o Sr. Antônio. "...que o senhor ia me dar a nota".

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Aí, eu falei: "*E agora, como é que vou fazer?*" Ele disse: "Rapaz, a gente já está aqui. É levar". Eu peguei — não vou mentir — e levei a mercadoria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, que o senhor levou a gente sabe.

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o senhor começou a carregar. Não é isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Carreguei. Exatamente. Comecei a carregar. Eu, meu ajudante e os 2 rapazes dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Seu ajudante era o Manoel?

O SR. HUMBERTO SILVA - O Manoel.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Manoel já tinha trabalhado com o senhor antes?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês ficaram muitas horas juntos no caminhão. O que ele falou da relação dele com o Sr. Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele me falou que trabalhava com o Sr. Antônio. Ele me falou que estava trabalhando recentemente. Tinha saído de um negócio de serralheiro, negócio de ferro. Entendeu?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele trabalhava em serralheiro?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, ele me falou isso, porque não conversei muito a respeito do Sr. Antônio com ele, não. Inclusive, quando saiu de lá, ele nem viu. Ele veio ver na estrada o fundo, a frontal do baú.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Agora, diga-me uma coisa. Quando o senhor chegou à conclusão de que não tinha nota fiscal nem guia de tráfego, aí o Leandro pediu para o senhor colocar no fundo falso? O senhor acha que ele sabia? O senhor mostrou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu acho que ele sabia, porque ele costumava, segundo ele me falou, que ele costumava carregar mercadoria para o Sr. Antônio. Agora, não sei como ele levava mercadoria lá em Timbaúba.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, ele costumava levar mercadoria direto?

O SR. HUMBERTO SILVA - Agora, não sei como ele levava, porque nunca presenciei ele carregar os carros dele. Eu sei que a mercadoria que eu peguei dele estava fora do... Estava no meio do baú, da caminhonete.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A mercadoria que o senhor pegou. Espera aí. Volte aqui.

O SR. HUMBERTO SILVA - A mercadoria que peguei de Leandro que ia para Sr. Antônio não estava em fundo falso, estava no meio da caminhonete, estava normal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Estava normal?

O SR. HUMBERTO SILVA - Estava normal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A caminhonete dentro do depósito dele.

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aí o senhor só fez transferir essa mercadoria....



O SR. HUMBERTO SILVA - Para o meu caminhão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Para o fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E ele sabia que o senhor estava transferindo para o fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele viu carregar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele viu carregando. Então, ele viu o fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele só não fez ajudar, mas ele viu carregar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ajudar, não, porque ele não ia fazer força, mas ele viu o senhor colocando então a mercadoria no fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Viu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Se eventualmente for necessário, se o Presidente sugerir ou o Relator, o senhor se comprometeria com a Comissão em...

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu venho aqui...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espera aí, deixa eu acabar de falar, nem falei ainda. Em fazer uma acareação, o senhor olhando assim na cara do Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu venho aqui as vezes que a senhora quiser. A senhora é que manda.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu, não. O Presidente.

O SR. HUMBERTO SILVA - Quinhentas vezes, mil. Porque também eu quero explicar para a senhora: não vou fugir, meu endereço está tudo certinho. Venho o dia que a senhora marcar, porque...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor não tem medo, na medida em que isso pode ser uma grande organização mesmo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutora, vou lhe dizer um negócio para a senhora: o tráfico de armas já foi grande demais. Hoje em dia, não. Hoje em dia, hoje em dia... A senhora passava, assim, numa roça, não via nenhuma codorna cantar. Hoje a senhora só vê codorna cantar, porque está todo mundo com medo. Acho que diminuiu 80%. A senhora entendeu?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Codorna, porque eles não matam.



O SR. HUMBERTO SILVA - Porque não mata, não caça, ninguém caça mais.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não caçam as codornas, não matam.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ninguém caça mais. Acho que diminuiu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu vou voltar uma frase que o senhor falou. Que o Leandro teria lhe dito — para a gente ter certeza disso —, em determinado momento, que ele fazia outras remessas para o Sr. Antônio. Foi isso? Olha lá, porque isso é sério.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele já levou. Agora, eu não afirmo se ele levava de fundo falso ou...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas ele, Leandro, então, já tinha levado material direto, ele Leandro, para o Antônio Naves.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, agora não sei como é que ele levava. Não vou afirmar para a senhora...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso. Mas ele falou isso para o senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Falou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Obrigada, Presidente. Obrigada, Sr. Humberto.

O SR. HUMBERTO SILVA - Obrigado, senhora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) - Obrigado, Deputada. Ilustre Parlamentar da Paraíba, Deputado Luiz Couto, com a palavra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Humberto, o senhor foi preso anteriormente?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E qual foi a razão da sua prisão anterior?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, nunca fui preso, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca foi preso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, foi a primeira vez.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A única prisão foi essa?

O SR. HUMBERTO SILVA - A única foi.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A única. Eu perguntei se o senhor anteriormente teria alguma outra prisão.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, nunca fui não, graças a Deus.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que o senhor chegou em Timbaúba? O senhor já tinha ido em Timbaúba? O senhor disse que foi motorista de ônibus.

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui em Timbaúba... Não, fui muito tempo. Tenho meus documentos, comprovo, tudo certo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. O senhor foi motorista de ônibus fazia a linha de...

O SR. HUMBERTO SILVA - Rodava de Salvador a Vitória da Conquista. Dá 500 quilômetros.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, de Salvador a Vitória da Conquista. Era lá na Bahia.

O SR. HUMBERTO SILVA - Lá na Bahia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor trabalhava na Bahia?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como é que o senhor conheceu o Sr. Zé Luiz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Depois que eu saí do ônibus, ele me fez um convite pra eu levar 30 caixas de espoleta.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas ele fez o convite... Como é que ele sabia que tinha o Sr. Humberto Silva? Ele já tinha conversado com o senhor anteriormente?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque tinha um rapaz que chamava — que por sinal já morreu — Zé Ribeiro, me conhecia muito. Quando Zé Ribeiro soube que eu saí do ônibus...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, certo.

O SR. HUMBERTO SILVA - ...aí me fez o convite se eu não queria trabalhar com o Sr. Edvar, da Comercial Puma. Aí, foi quando eu conheci o Sr. Antônio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse seu amigo morreu de morte...

O SR. HUMBERTO SILVA - Finado José Ribeiro, ele chamava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... “morrida” ou foi...



O SR. HUMBERTO SILVA - Coração.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi coração. Tá. Não foi morte "matada"?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não foi não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí o senhor chegou em Timbaúba. O senhor já tinha ido em Timbaúba outra vez?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui em Timbaúba, como eu expliquei pra doutora, fui levar 30 caixas de Taquari , que o Edvar mandou levar, que é o tio de Zé Luiz...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor entrou ao Sr. Antônio Farias.

O SR. HUMBERTO SILVA - Sr. Antônio Farias.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a loja de Sr. Antônio Farias, lá em Timbaúba, tinha muitas armas e munições?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque, naquele tempo era liberado. Todas as casas de arma era liberado. Todo o mundo comprava arma, não é? Era só o senhor chegar com a sua identidade e todo o mundo comprava arma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas eu pergunto se lá tinha muito. O senhor, quando...

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque ele tinha casa autorizada. Tinha casa... Rede das Armas, tinha 2 lojas em Recife, que ele disse que tinha, e tinha uma em Timbaúba.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, Timbaúba.

O SR. HUMBERTO SILVA - Entendeu? Como eu fui recentemente, fui lá que ele ficou me devendo um dinheiro, que eu paguei o advogado. Na loja da filha dele, tinha espingarda ainda lá pendurada na vitrine. Agora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor falou que lá em Estação, ou seja, quando o senhor foi pegar a munição, o senhor perguntou: "Tem nota fiscal?" Alguém disse: "Não, não tem não". Quem é que disse que não tinha nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - O Leandro.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E mesmo assim o senhor...

Esse Leandro era o que andava no carro vermelho? O carro vermelho era do Alfredo?



O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, eu não sei de quem eram os carros deles, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não sei, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Quem é que sabia que tinha o fundo falso no caminhão? O senhor disse: "Sabia que tinha fundo falso." Quem mais sabia?

O SR. HUMBERTO SILVA - Sr. Antônio sabia, eu sabia. Dr. Paulo, não sei, porque ele nunca viu. Mas o Leandro viu na hora que eu carreguei. Ele viu o fundo falso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E o Sr. Zé Luiz sabia que tinha fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Aí, agora, também não sei, não é, doutor?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Eu não sei, porque quando...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Depois que o senhor prestou esse depoimento, o senhor sofreu alguma ameaça de alguma dessas pessoas que foram presas?

O SR. HUMBERTO SILVA - Sofri uma ameaça lá em... Eu estava lá na Polícia Federal, em Porto Alegre, e o Leandro falou para mim que a vingança dele seria maligna.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - O Leandro me falou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Lá na prisão?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o Leandro fez uma ameaça para o senhor nesse sentido.

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, além disso, o senhor recebeu algum telefonema, alguém diz: "Olha, cuidado, se você disser alguma coisa que venha a nos prejudicar, pode amanhecer com a boca cheia de formiga." O senhor não ouviu nenhuma dessas ameaças?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ninguém?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ninguém.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só, no caso, lá, Leandro.

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi. Foi, inclusive, eu comuniquei até o delegado lá da Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. No depoimento que o senhor prestou à Polícia Federal, o senhor disse que chegou ao Sr. Zé Luiz, que o nome completo é José Luiz Chaves Peixoto, que tem um outro irmão. Ele tinha um outro irmão.

O SR. HUMBERTO SILVA - Era. Zé Maria. Foi em 95. Ele também agora não mexe mais com esse negócio, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas aí o senhor diz o seguinte: “*e que trabalhou para ele*”. Por quanto tempo o senhor trabalhou para o Sr. Zé Luiz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não trabalhei. Eu trabalhei para o tio dele. Edvar Lira Peixoto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas aqui no depoimento do senhor o senhor diz assim, olha...

O SR. HUMBERTO SILVA - Agora, o Zé Luiz que me pediu para levar essa mercadoria para Timbaúba.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse Peixoto, esse Edvar não seria um laranja do Sr. Zé Luiz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Aí, agora...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Porque, veja o senhor, o senhor disse aqui, por isso é que quero saber, o senhor diz aqui, olha: “que através de Zé Maria, irmão de Zé Luiz, cujo nome completo é José Luiz Chaves Peixoto, conheceu este. Que Zé Luiz há algum tempo trabalhava com comércio de, entre outras coisas, munição. Que a casa de munição de Zé Luiz chamava-se Casa Puma”.

O SR. HUMBERTO SILVA - É do tio dele, está no nome do tio dele, Comercial Puma, de Edvar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Como é que Zé Luiz... Quer dizer, estava o tio dele e Zé Luiz pediu para que o senhor fosse fazer uma...

O SR. HUMBERTO SILVA - Uma viagem.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...até a cidade de Recife para entregar munição para Antônio Farias. O senhor não acha estranho? Porque não era Sr. Edvar que deveria procurar o senhor e aí vai o Zé Luiz e procura. Alguma coisa tinha ali entre os dois.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente, porque, muitas vezes, eu não sei bem, foi na época que eu estava entrando lá. Ele é sobrinho do tio dele. Não sei qual foi a transação deles que mandou procurar ou não. Eu não posso lhe informar direitinho isso, doutor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ái o senhor disse o seguinte: "que trabalhou para Zé Luiz levando munição para o Sr. Antônio de forma irregular". Quantas vezes o senhor fez isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu fiz essa viagem irregular. A espoleta foi sem nota. Foram 600 quilos de cravos por cima dessas caixas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor só fez essa e depois essa outra que o senhor vinha trazendo e que o senhor foi...

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente. Essa era para o Sr. Antônio que eu vinha trazendo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa carga transportada de espoleta Taquari era ilegal também?

O SR. HUMBERTO SILVA - Para Timbaúba?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não tinha nota.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não tinha nota. Ótimo. Além disso, o senhor disse que... Quem é que vendia essa espoleta Taquari para Zé Luiz? Quem era?

O SR. HUMBERTO SILVA - Para Zé Luiz, não. Para Edvar, da Comercial Puma. Era a Rossi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era a Rossi. Mas tinha uma pessoa que tem o nome que fazia a intermediação.

O SR. HUMBERTO SILVA - Era o Dr. Paulo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dr. Paulo. Quantas vezes o senhor levou cargas de forma irregular de Sr. Zé Luiz para o Antônio Farias?



O SR. HUMBERTO SILVA - Só levei essas 30 caixas de espoleta num carro aberto coberto com cravo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só que na Polícia Federal o senhor disse o seguinte: "que levou umas 5 ou 6 vezes carga irregular de Zé Luiz para Antônio Farias".

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não é de Zé Luiz. É do genro dele. É do tio dele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas aí o seguinte. É importante, porque o senhor está dando aqui um depoimento na Polícia Federal.

O SR. HUMBERTO SILVA - Estou sabendo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o senhor levou do... Qual foi?

O SR. HUMBERTO SILVA - O sobrinho dele, Edvar, que me pediu para levar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, quando se fala Edvar... Eu falei Zé Luiz. É que a associação era tão grande que o senhor sempre se refere a Sr. Zé Luiz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Agora, se era sócio...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Claro, então, era o Edvar que mandava o senhor fazer. O senhor confirma que fez essas cargas de forma irregular?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, confirmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E o senhor sabia que era irregular?

O SR. HUMBERTO SILVA - Sabia, porque não tinha nota. A cobertura quem dava era o cravo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E como o senhor passava pelos postos aí? Como é que era?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, eu expliquei para o senhor. Porque era carga seca. Se o senhor vai carregado de cravo e vai, vamos dizer, 20 caixas de Taquari embaixo de 18 quilos, o senhor leva 600 quilos de cravo, é cravo que vai em cima.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor era parado para ser investigado?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não era parado, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nenhuma vez?



O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Pegava e carimbava a nota dos cravos e pronto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Ninguém um dia tentou identificar.

Que empresa é essa Multiesporte? De quem é essa Multiesporte?

O SR. HUMBERTO SILVA - Essa Multiesporte era de Ricardo, um rapaz que chama Ricardo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde é que ele residia?

O SR. HUMBERTO SILVA - Parava lá em Feira de Santa, na São Domingos, mas também não existe mais.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas também era carga irregular. Também algumas dessas cargas vinha dele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não sei, doutor, porque aqui na Rossi, aqui na CBC, não sai sem nota, entendeu?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor disse que “*algumas dessas cargas também pertenciam à Multiesporte*”.

O SR. HUMBERTO SILVA - À Multiesporte, exatamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o senhor também levou carga...

O SR. HUMBERTO SILVA - O caminhão não era baú, era carga seca.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E esse Ricardo também comprava produto de Dr. Paulo, da Rossi, também?

O SR. HUMBERTO SILVA - Comprava na Rossi e com nota.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Bem como da CBC?

O SR. HUMBERTO SILVA - Da CBC só sai com nota.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Correto. O senhor foi procurado por Sr. Antônio. Como ele o localizou? Como é que foi a localização do senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Através de Zé Luiz. Ele ligou para Zé Luiz. E ele vê um bom frentista e levou ele até mim, que eu estava num restaurante lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas o senhor disse que no caso foram alguns... que ele lhe localizou através de frentistas de um posto de combustível.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde era esse...

O SR. HUMBERTO SILVA - Lá em Feira de Santana.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas esse posto era de Zé Luiz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, é do posto da BR que tem do lado da pista.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Mas foi o Zé Luiz que levou o senhor lá para o posto?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, foi um frentista que me levou para o restaurante do posto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Então, no caso, lá o frentista disse: "O senhor vai agora lá para falar com o Zé Luiz, que tem uma carga para o senhor levar para Recife"?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Vou explicar direitinho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então conte como é que é.

O SR. HUMBERTO SILVA - É assim. O Sr Antônio foi me procurar para negócio de emplacamento...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Nesse posto, o frentista me indicou: "O senhor deve encontrar ele no restaurante".

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Então, foi o Sr. Antônio que foi buscar o senhor.

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi, sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Agora, uma coisa, me explica. Tem aqui 3 caminhões. O senhor, por exemplo, dirigiu o caminhão de placa JKV 1320. Foi esse caminhão que o senhor dirigiu?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi esse que está preso aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E um caminhão cabine fechada, Ford F350G, de 2004, cor vermelha, placa ILV 6400. O senhor alguma vez dirigiu esse caminhão?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque essa caminhonete é de Leandro. Eu não conheço nem Leandro. Essa caminhonete que foi presa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor viu essa caminhonete lá?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu vi essa caminhonete.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o caminhão cabine fechada F350G, de 2002/2003, placa IKX 5108?

O SR. HUMBERTO SILVA - Essa caminhonete é do Leandro também.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Do Leandro.

O SR. HUMBERTO SILVA - Foram presas todas as duas.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E de onde foi tirado esse baú para colocar nesse caminhão que o senhor dirigia?

O SR. HUMBERTO SILVA - Aí agora é como eu falei para o senhor: deixei esse caminhão em Timbaúba. Dezoito dias depois, eu voltei lá e me entregaram o caminhão assim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na primeira vez, o senhor...

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu peguei o caminhão, deixei lá, 18 dias depois que eu voltei para fazer essa viagem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas o senhor, na Polícia Federal, o senhor coloca com muita convicção. Olha aqui: “*que fosse registrado em nome de Antônio*”... “*que fizesse a regularização da documentação do caminhão, bem como colocasse seu endereço no prontuário*”... O seu endereço, o seu.

O SR. HUMBERTO SILVA - O meu endereço. É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...“*embora o caminhão fosse registrado em nome de Antônio, a fim de que não fosse necessário transferir o prontuário para outra cidade*”.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não pode transferir.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor deu o seu endereço para colocar.

O SR. HUMBERTO SILVA - Dei o meu endereço para colocar, que ele me pediu. Sr. Antônio me pediu, para emplacar o caminhão. Eu dei o meu endereço. Inclusive o Dr. Alexandre falou que isso era um crime. Mas, se a CIRETRAN concordou emplacar um caminhão no nome de outra pessoa, o erro foi da CIRETRAN.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. “*Mas que havia necessidade de regularizar o caminhão, pois era carga aberta e queriam transformar para carga fechada*”. Por que isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era carga aberta porque ele era chassis de ônibus. Depois foi com a carroceria carro de boi, boiadeiro em cima, se torna carroceria carga aberta. Aí é que teve a transferência para transferir para carga fechada.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A quem pertencia esse caminhão?

Pertencia ao Sr. Luiz Ferreira Vitório?

O SR. HUMBERTO SILVA - Exato.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Foi dele que foi tirado para colocar nesse aí, certo?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Agora, me explique esse negócio do INMETRO: “que arrumou um outro baú para que fosse feita a vistoria e depois recolocou com o fundo falso”. Que negócio foi esse aqui?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu levei o caminhão no INMETRO lá em Salvador. Quando eu levei pra Timbaúba com o mesmo baú. Se eles trocaram, eu não sei dizer ao senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que tinha um rapaz do INMETRO que trabalhava em parelha com ...

O SR. HUMBERTO SILVA - Com a CIRETRAN.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas era o INMETRO lá ou era onde ele dava expediente?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, ele só faz enviar a documentação pra Salvador, pra gente fazer vistoria em Salvador.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah! Quer dizer, e no caso, ele...

O SR. HUMBERTO SILVA - Por exemplo, era tipo uma filial, uma filial.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Certo. Agora, uma coisa que eu queria saber. São 2 perguntas, só pra passar pra outro. O senhor diz o seguinte: “que na CIRETRAN aceitaram colocar o endereço do requerido no documento do veículo, porque foi um esquema ajeitado”. Quem ajeitou esse esquema?

O SR. HUMBERTO SILVA - Se ajeitou esse esquema aí foi a CIRETRAN e a emplacadora.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor falou que foi ajeitado.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, botaram no meu nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque esse caminhão não podia ser emplacado em Recife. Não tinha alguém pra botar o endereço, e o caminhão estava no nome do Sr. Antônio.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor falou quem é que ajeitou isso. Foi a emplacadora?

O SR. HUMBERTO SILVA - A emplacadora, como botei no depoimento da Polícia Federal...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Renan.

O SR. HUMBERTO SILVA - ... e a CIRETRAN.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. E esse Renan, o senhor conhecia antes ou não?

O SR. HUMBERTO SILVA - Da emplacadora?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, foi a primeira vez que me levaram lá pra emplacar esse carro lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E quem pediu pra fazer isso foi quem?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi Zé Luiz, porque Sr. Antônio pediu pra ele procurar uma emplacadora pra emplacar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E, para concluir, eu queria que o senhor me dissesse o seguinte: Paulo sabia ou não que o caminhão tinha fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, na minha mão mesmo ele nunca viu. Na minha mão mesmo ele nunca viu. Eu nunca mostrei e ele nunca viu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor disse, no seu depoimento na Polícia, que Sr. Antônio falou pro senhor...

O SR. HUMBERTO SILVA - Sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...falou pro senhor que Paulo sabia do fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. O Dr. Paulo não sabia. Na minha mão ele nunca viu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, vamos ver agora. Essa é a informação que temos: “que pelo que Antônio falou ao requerido” — o senhor —, “Paulo sabia da existência do fundo falso, pois inclusive pediu que quando chegasse à Rossi procurasse apenas Paulo e mais ninguém”.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente. Procurei o Dr. Paulo, ele me despachou as 20 caixas de espoleta Taquari , me liberou a nota, eu fui-me embora.



Eu não botei, não carreguei a espoleta na Rossi no fundo falso. Se ele sabia que tinha o fundo falso, deve ser o Sr. Antônio que tenha falado. Eu, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o Sr. Antônio falou para o senhor. Porque o senhor disse aqui...

O SR. HUMBERTO SILVA - Sim, ele falou...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...que um dia Sr. Antônio chegou para o senhor e disse: "Olha, Humberto, Paulo sabe que tem esse fundo falso".

O SR. HUMBERTO SILVA - Não...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele falou alguma vez para o senhor isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. O Sr. Antônio, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o que é que está aqui? Agora então eu estou confuso com essa informação.

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque é o seguinte, vou explicar pro senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. HUMBERTO SILVA - Dr. Paulo mesmo eu nunca cheguei lá com caminhão de fundo falso pra ele ver. Não vou aqui condenar uma pessoa. Agora, Sr. Antônio me falou que tinha um fundo falso. Agora, se ele falou com o Dr. Paulo que o caminhão ia com fundo falso eu não sei. Mas Dr. Paulo não viu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele não viu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. HUMBERTO SILVA - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra o Deputado Colbert Martins.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, boa-tarde. Humberto, você mora em Feira?

O SR. HUMBERTO SILVA - Moro.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Somente pra poder deixar claro, tem 2 situações diferentes: uma é a partir de 95, quando tinha a Comercial...

O SR. HUMBERTO SILVA - Puma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Puma.

O SR. HUMBERTO SILVA - Na Barroquinha.



O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Na Barroquinha. E outra, a Multiesporte. A Multiesporte foi até quando?

O SR. HUMBERTO SILVA - A Multiesporte até agora, 2, 3 anos atrás.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Até 3 anos atrás?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Depois ela fechou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fechou.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Você fez outros transportes nesse período, entre 95 e agora, transportando armas ou munições?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nenhum?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em nenhum momento?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O caminhão que você emplacou pertencia a Luiz Ferreira Vitório?

O SR. HUMBERTO SILVA - Pertencia. Tenho um documento velho em casa.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Ele é de Feira, o Luiz Vitório?

O SR. HUMBERTO SILVA - É. E o documento está na minha mão. Eu me esqueci de trazer, mas posso passar um fax desse documento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O caminhão foi vendido para Antônio Farias?

O SR. HUMBERTO SILVA - Farias.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E Antônio Farias mora aonde?

O SR. HUMBERTO SILVA - Timbaúba.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Na Paraíba?

O SR. HUMBERTO SILVA - Recife.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Em Pernambuco, desculpa. E ele foi emplacado em Feira por que motivo? Mais uma vez, por que ele não foi emplacado lá onde mora o dono? O dono não emplacou por quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque ele não pode ser emplacado em Recife, porque ele é caminhão, era chassis de ônibus. Esse caminhão não pode ser



emplacado fora do Estado; ele tem que ser emplacado no mesmo Estado de origem do caminhão.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Do caminhão?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E como você estava em Feira, o Antônio pediu que você fizesse...

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele me pediu, eu estava parado, eu fiz esse problema pra ele. Eu fiz, quem fez foi eu.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O caminhão estava em Feira mesmo? Você pegou...

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - ...o caminhão do Luiz Ferreira Vitória e levou à CIRETRAN.

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi. Peguei através de Zé Luiz. O caminhão, quem vendeu a Sr. Antônio foi o Zé Luiz, só que o caminhão é de Luiz Ferreira Vitória.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Certo. O Zé Luiz é do Posto...

O SR. HUMBERTO SILVA - É do Posto Tropical.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Tropical. Na CIRETRAN, você apresentou os documentos que você tinha?

O SR. HUMBERTO SILVA - Apresentei.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E aí a CIRETRAN...

O SR. HUMBERTO SILVA - Emplacou o caminhão com o meu endereço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Fez o emplacamento com o seu endereço, mas com...

O SR. HUMBERTO SILVA - No nome de Sr. Antônio.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O nome de Sr. Antônio.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exato.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Quem era o responsável pela CIRETRAN em Feira? Isso foi em janeiro desse ano?

O SR. HUMBERTO SILVA - Dr. Colbert, eu não sei nem quem é o chefe da CIRETRAN lá em Feira.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas isso foi esse ano?



O SR. HUMBERTO SILVA - Foi esse ano.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Mas o senhor não teve... Essa coisa foi feita de forma...

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, eu não tive participação. Só fiz dar meus meu documento.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E depois quando o senhor voltou já recebeu...

O SR. HUMBERTO SILVA - No meu endereço.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Foi feito através da emplacadora?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - O senhor entregou então os documentos na emplacadora?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E a emplacadora...

O SR. HUMBERTO SILVA - Entreguei só meu endereço de luz, recibo de luz.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Foi colocado na emplacadora e a emplacadora encaminhou para a CIRETRAN.

O SR. HUMBERTO SILVA - CIRETRAN.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E a CIRETRAN encaminhou para Salvador, para que o INMETRO fizesse a medição do baú?

O SR. HUMBERTO SILVA - Quem encaminhou pra Salvador não foi propriamente a CIRETRAN; foi a emplacadora, que entrou em convênio com um dos caras do INMETRO que trabalha lá em Feira, porque sempre trabalha uma pessoa lá, que é pra...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sim, pra verificação de táxi, essas coisas.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E essa pessoa lhe encaminhou pra Salvador, onde foi feita a medição do baú, que a essa altura o caminhão já era um caminhão baú?

O SR. HUMBERTO SILVA - Já era baú.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - E esse caminhão foi o que o senhor usou pra ir ao Rio Grande do Sul e voltar com essa carga?



O SR. HUMBERTO SILVA - Esse caminhão, depois que eu emplaquei ele em Salvador, que fiz a vistoria...

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Emplacou em Feira.

O SR. HUMBERTO SILVA - Em Feira, a vistoria, levei pra entregar a Sr. Antônio, que era o dono.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Lá...

O SR. HUMBERTO SILVA - É, ele emplacado não tinha problema.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Lá em Pernambuco e voltou...

O SR. HUMBERTO SILVA - E voltei. Tenho até as passagens da Gontijo, que eu fui na Gontijo, 82 reais eu paguei. Dezoito dias depois eu voltei pra fazer essa viagem.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Somente com munição? Não houve arma?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Nenhuma?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não teve arma.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Só munições?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, não teve arma, não.

O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS - Sr. Presidente, eu estou satisfeito. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Com a palavra a Deputada Perpétua Almeida.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Humberto, independente dessa situação, dessa operação que a Polícia Federal já está investigando, o senhor consegue lembrar quantas vezes o senhor chegou a carregar mercadoria sem documentação?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutora, assim, na base de umas 5 ou 6 vezes.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Além dessa que está sendo investigada?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mais umas 5, 6 vezes.

O SR. HUMBERTO SILVA - É.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o senhor lembra pra quem o senhor levava?

O SR. HUMBERTO SILVA - Pra quem eu levava?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim. Consegue lembrar, pelo menos 5 delas?

O SR. HUMBERTO SILVA - É. Pra Sr. Antônio mesmo eu levei umas 3 vezes ou 4.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E tirando o Sr. Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - Tirando Sr. Antônio, eu levei pra um rapaz de Aracaju.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Como é que era o nome dele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não me lembro nem o nome dele, de Aracaju.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas era uma empresa?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Não era empresa. Era, assim, intermediário.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor sabe o endereço em Aracaju?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque ele pegava no posto, pegava a mercadoria...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Que posto?

O SR. HUMBERTO SILVA - Um posto que tinha chegando em Aracaju.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Posto rodoviário?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Um posto de combustível?

O SR. HUMBERTO SILVA - Um posto de gasolina, combustível.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E eram quantas armas, mais ou menos?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não ia arma.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ia o quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era só chumbo e espoleta. Arma, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o senhor acha que essa quantidade que o senhor levou pra ele nesse posto de combustível daria pra abastecer o quê, quantas armas, pra manter?



O SR. HUMBERTO SILVA - Não, espoleta, espoleta Taquari é espoleta de espingarda de caça; ela não é cartucho. Porque o cartucho 12 é que... Esse cartucho perigoso, 20, mas...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas só isso que o senhor levava?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era. Só levava pólvora e espoleta. Somente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E por que o senhor entregava no posto?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque ele ia pegar num carro pequeno. O caminhão... Ele tinha um depósito de chumbo e o caminhão não entrava lá no depósito de chumbo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. E isso, a quantidade disso enchia o carro dele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Ele ia pegar em caminhonete. Levava assim 8, 9 caixas de espoleta e 5, 6 caixa de pólvora.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor não consegue lembrar quem é ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não consigo não, porque isso era 95. Tem 10 anos atrás.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Foi só pra ele que o senhor fez isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Só para ele, em Aracaju.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E como é que foi, nesse seu trabalho, nesse período todo, como é que foi, por exemplo, carregar as armas para transportar por aeronave? Onde o senhor chegou a entregar.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, nunca transportei armas por aeronave nem caminhão. Arma, nunca carreguei. Nem no tempo em que era liberado, eu nunca carreguei.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E os carregamentos que o senhor levava para transportar em aviões pequenos?

O SR. HUMBERTO SILVA - Avião, nunca carreguei também, não. Afinal, até um campo de aviação que tem em Feira está fechado.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor não consegue lembrar de nenhum desses?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, nunca...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E quem da empresa onde o senhor trabalhava fazia esse serviço?

O SR. HUMBERTO SILVA - Que empresa?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A empresa onde o senhor trabalhava, a última.

O SR. HUMBERTO SILVA - A última empresa, a Comercial Puma? Tinha 3 caminhões, não era só eu. Puxava mais daqui de Porto Alegre para lá.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor lembra quem fazia os carregamentos?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutora, é tanta gente que trabalha, a senhora sabe, não é, não dá para lembrar de funcionário.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, assim, motorista senta, conversa, vocês conversando, se eram 3 caminhões, eram 3 motoristas?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eram 3 motoristas. Porque nós 3 motoristas...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Os outros 2 faziam carregamento para onde?

O SR. HUMBERTO SILVA - Distribuíam para o Nordeste. E acontece que há tantos anos, não sei onde moram, não sei se estão vivos ou se morreram. Dificilmente eu encontro. Porque eu trabalho. Eu procuro resolver meu trabalho, a senhora entendeu? Agora mesmo, vim aqui hoje atender. Estava na Esso, lá em Candeias, fazendo um curso na Esso, na BR, vou entrar com a carreta para carregar, porque só entra lá com carreta. Era para começar a ir trabalhar hoje. Já estou com um bocado de tempo parado. Telefonei porque não podia ir trabalhar, porque tinha de vir aqui, a senhora entendeu? Tenho família. Meus documentos estão todos ali. Tenho 27 anos de INSS pago, e não em aposentei ainda. Meus documentos da minha aposentadoria estão tudo ali dentro da sacola: laudo técnico, tudo, tudo. Mas não consegui dar entrada ainda. Tenho 56 anos e pago 27 anos de INSS, e não aposentei ainda. A senhora sabe quanto eu estava ganhando por mês? Quinhentos reais. Paga o quê?



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor, ultimamente, estava trabalhando onde?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu estou parado. Não estou trabalhando.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, antes desse processo, o senhor estava trabalhando?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu fazia bico, eu fazia bico. Como eu fui fazer essa viagem mesmo e me dei mal. Eu não estava trabalhando. Minha carteira está ali assinada. Tenho carteira profissional. Tenho os documentos todos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - A sua carteira é assinada por quem?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu tenho 20 anos de Camurugipe e 5 de coletivo. Dois na Comercial Puma, como expliquei para o doutor, na Comercial Puma, que trabalhei. E a Remendão Material de Construção.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor lembra quem eram os clientes da empresa do Sr. José Luiz, lá de Feira de Santana, e do Sr. Antônio Farias?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Não entregava para cliente do Sr. Antônio. Entreguei mercadoria para o Sr. Antônio. Os clientes dele, eu não entregava. Os clientes do Sr. José Luiz, não era o José Luiz, era o tio dele, eu também não entregava. Eu só fazia transportar de Porto Alegre a Feira de Santana. Porque vamos dizer: o motorista é escalado para fazer só esse roteiro aqui. Você vai buscar em Porto Alegre, que eu tinha mais experiência, e os outros distribuíam. Freguês dele, eu não vou indicar à senhora quem era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Humberto, como é que era o nome do tio do José Luiz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Edvar Lira Peixoto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele é quem fazia a negociação com o Sr. Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era ele quem fazia. Agora eu fui levar uma vez, porque o José Luiz me pediu, se eu podia...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quem recebia, quando o senhor chegava lá?

O SR. HUMBERTO SILVA - Aonde, no Sr. Antônio?



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sim.

O SR. HUMBERTO SILVA - Em Sr. Antônio, quem recebia era ele.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E no Sr. José Luiz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Recebia era o Sr. Edvar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Sr. José Luiz nunca estava lá?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Se ele distribuía para o José Luiz ou outra pessoa, doutora, não sei lhe informar. Agora, quem carregava aqui de Porto Alegre era eu.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, o Sr. José Luiz tinha um comércio e o tio dele, outro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não sei. Porque a Comercial Puma era do tio dele. Quem comprava direto das fábricas era a Comercial Puma, entendeu? Mas é como o doutor falou, podia ser que ele seja laranja, não é? Se o tio dele fosse laranja, também... Eu não vou informar à senhora. Eu sei que era do tio dele. Se a senhora for no computador, a senhora vai achar a Comercial Puma. A senhora vai achar, porque era registrada. Eu assinei carteira lá. Recebia Fundo de Garantia, recebia tudo. A senhora pode puxar no computador, que a senhora vai achar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu tenho algumas curiosidades. Tu informas que umas 6 vezes levou munição, pólvora, coisa assim, sem nota, para o Sr. Antônio, é isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tanto faz levar 5, 6 vezes para o Sr. Antônio, ou 20 vezes para mais gente, não vai te gerar um problema diferente. O que eu quero saber, e para que outros tu levavas mercadoria sem nota da Puma?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não levava. Eu não expliquei ao senhor. Dificilmente eu fazia entregava. Eu pegava mais direto da fábrica. Eu pegava de Ribeirão Pires. Naquela época a CBC era em Ribeirão Pires, no Estado de São Paulo, lá em Mauá. Depois a CBC foi transferida para Novo Hamburgo. Depois de Novo Hamburgo, agora está em Montenegro. Eu transportava mais daqui do Sul e chegava lá, por exemplo, eu pegava 300 caixas de espoleta Taquari, com nota,



pegava cartucho metal, pegava tudo e levava tudo em aberto. Não tinha problema assinando nota. Agora, o que chegava lá...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas era nesse caminhão que tinha o fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Era em baú, mas não tinha fundo falso, não tinha o fundo falso. Agora, chegava lá na empresa, eu descarregava na Barroquinha e tinha os outros caminhões que distribuíam para fora. É como o senhor ter um funcionário. O senhor determina: “*Olha, você fica só nesse setor aqui e você nesse setor*”. Eu mesmo, quando trabalhava na Camurugipe, fazia mais turismo do que eu rodava na linha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A Camurugipe... O que me interessa é a Puma e o Sr. Antônio. Na Puma, tu trabalhaste 2 anos com carteira assinada.

O SR. HUMBERTO SILVA - Um ano e 8 meses, mais ou menos. Minha carteira está até ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E um pouco mais sem carteira assinada?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Não. Não, porque ele fechou logo. Ele fechou logo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele fechou logo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi. Fechou logo. Essa Puma foi fechada em 97 para 98.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essas cargas que tu levavas para a Puma de munição, coisa assim, da Puma para o Sr. Antônio, isso foi durante quanto tempo mais ou menos?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não demorou muito tempo, não. Eu não ia muito lá, não. Demorava muito ir. Não ia muito lá, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. Mas vamos dizer assim, tu trabalhaste 2 anos. Uma foi no início dos 2 anos, a outra foi...

O SR. HUMBERTO SILVA - Quando eu entrei logo, foram as duas viagens primeiras, como eu falei para o senhor, que dei para o Sr. Antônio, carregado de espoleta com cravo. Entendeu? Depois ele me tirou e me botou para o lado de cá de São Paulo e do Sul. Eu não fiquei... Porque era caminhão pequeno.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, logo que tu entrastes, foram duas cargas de espoleta?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não foram só duas cargas de espoleta que eu levei para ele, levava pólvora e espoleta. Mas eu carregava mais Taquari, arma, bala, porque ele também comprava direto da CBC, o Sr. Antônio. Ele tinha, vamos dizer, o CR. Ele tinha um CR. Ele comprava também direto da CBC. Porque o senhor tendo o CR, o senhor pode comprar direto da fábrica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é esse o problema. Vou explicar uma coisa que tu já deves entender: quando tu compras com nota, tem que sair com nota; quando tu compras sem nota, pode sair sem nota. Vai sair sem nota. Então, se tu quiseres vender para alguém que não queira receber nota, tu tens que comprar sem nota.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente. Essa mercadoria que eu vim pegar aí, o cara não deu a nota.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como essas mercadorias que o Sr. Antônio recebia lá.

O SR. HUMBERTO SILVA - Agora, se ele levava... Eu levava para o Sr. Antônio sem nota.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas tu vês como mentira tem perna curta.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Eu não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não é a tua, não.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ah, sim! (*Risos.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu estou dizendo que mentira tem perna curta, porque o Sr. Antônio disse que só levou mercadoria de arremate do fim da Comercial Puma. E tu agora me dissesse que as duas primeiras cargas tua, quando funcionou lá foi...

O SR. HUMBERTO SILVA - Se está mentindo, doutor, se está mentindo é ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está certo. É isso que eu estou dizendo. Por isso que o tu me dissesse foi que as duas primeiras viagens que tu destes lá na Comercial Puma foi para levar pólvora, espoleta sem nota para o Sr. Antônio.



O SR. HUMBERTO SILVA - Mas não era arremate, porque isso foi no ano de 95.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Um ano onde a firma estava trabalhando bem, não é?

O SR. HUMBERTO SILVA - Trinta caixas de espoleta não é arremate. Como é que é arremate se eu levei em 95 e a firma fechou em 98? Em 97, 98 não era arremate. Agora, ele podia dizer que era arremate, claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então ela já tinha o costume de receber esse carregamento e não tinha nada a ver com o arremate.

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque antes de eu começar trabalhar na Comercial Puma, o Sr. Antônio já existia a casa de arma dele lá em Recife. Já existia. O senhor entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ele já vendia sem nota para os outros também, não é?

O SR. HUMBERTO SILVA - Há muito tempo, porque tinha casa de armas lá em Recife, não é? Ele comprava direto da fábrica, porque ele tem o CR, e ele comprava direto da fábrica. Agora só que eu não conhecia ele. Mas ele tem há muitos anos. Ele tem há 15 anos atrás, ou 20, a casa de pesca Rei das Armas, lá em Recife.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Humberto, o senhor disse que o senhor ganhava 500 pilas por mês trabalhando de motorista. É isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Eu vim ganhando 500 contos para fazer essa viagem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quinhentos para fazer essa viagem?

O SR. HUMBERTO SILVA - Para fazer essa viagem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tinha prometido 2 mil.

O SR. HUMBERTO SILVA - Era. Se desse certo, se eu ficasse trabalhando com ele...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Pegou 500 adiantado?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Com os 500 contos que ele me deu, quando eu cheguei em casa, não cheguei com nada, porque eu fui preso, me levaram tudo. Até minha sacola eu não recebi na delegacia. Até documento meu



ficou lá. O senhor entendeu? Porque, quando a gente está parado, se a gente tem família, qualquer real que entra é bom.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E as despesas da viagem, quem pagou?

O SR. HUMBERTO SILVA - A despesa da viagem quem pagou foi ele. Ele dava 15 reais pra gente almoçar. Só que eu cheguei na delegacia com o dinheiro na minha carteira, na Polícia Militar, na Brigada Militar, onde eu fui preso, me levaram tudo. Até minha sacola ficou lá. (*Risos*) Me levaram... até meus documentos ficaram lá, pulseira que eu tinha, perfume, CD que estava dentro da sacola. Me soltaram meia-noite para eu não pegar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não consegui pegar nada?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ficou tudo lá. Não me devolveram nada.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Me diga uma coisa, Humberto, você falou assim: o tráfico de armas já foi forte.

O SR. HUMBERTO SILVA - Hoje em dia mais, não. De arma não, de munição, porque eu nunca trabalhei com arma, não. Agora, munição eu carregava. Agora hoje em dia acabou. Praticamente eu dou nota zero, porque o trabalho dos senhores aqui está sendo um trabalho eficiente. Pelo que eu vejo o comentário, praticamente não acaba de uma hora para outra, o senhor sabe. Só pode acabar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estão estragando o negócio.

O SR. HUMBERTO SILVA - Pode acabar se fechar a Rossi ou a CBC, aí pode até acabar. Enquanto não fechar essas duas, não vai acabar assim fácil.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com arma, o senhor não sabe quem é que lida?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque pelo que eu saiba acho que nem a Rossi...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O que adianta a munição se o cara não tem arma?

O SR. HUMBERTO SILVA - A arma que pode ser é espingarda, doutor. Porque pelo que eu sei até arma, revólver, a Rossi deixou de fabricar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O problema, Relator, é que o tráfico de munição sempre vai ser muito maior que o de arma. A arma, tu compras



uma vez, usa anos e anos. A munição tu usas até o tiro dado. Aí já tem que vir novas.

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque, a munição, as fábricas continuam abertas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E como é que era esse tráfico? Já que tu disseste que tinha esse tráfico de munição, eu quero saber como é que ele era.

O SR. HUMBERTO SILVA - Como eu expliquei pro senhor, eu transportava daqui de Porto Alegre para Feira de Santana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas daí tu transportavas com nota.

O SR. HUMBERTO SILVA - Só apanhava na CBC com nota e na Rossi também só apanhava com nota — e apanhava ainda hoje.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E onde é que virava sem nota? Quando chegava no Zé Luís?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque tinha que levar até lá carimbando nota, porque o fundo físico... não, se tivesse fundo falso... não sabia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que o Zé Luís vendia, vendia sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Provavelmente... O tio dele... se o tio dele passava para ele, eu não sei, mas vendia com nota.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nós temos de chegar a uma conclusão aqui.

O SR. HUMBERTO SILVA - Vendia sem nota, claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu estás preocupado em dizer que era o tio dele, sempre. Quantos anos tem o tio dele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, ele tem assim uns 50 e poucos anos, 53, sessenta, por aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sessenta anos?

O SR. HUMBERTO SILVA - Mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que comandava tudo, era o tio ou era o sobrinho?



O SR. HUMBERTO SILVA - Quem ia para o Exército era ele, que ele tinha que ir para o Exército. Todo mês tinha que ir para o Exército. Tinha um sargento lá. Ele tinha que ir para o Exército, ele tinha a liberação. Toda a vendagem... negócio de cheque, de banco, quem movimentava era ele. Agora, quem comprava era ele, quem dava cheque era ele. O cheque era tudo no nome dele. Agora, se o sobrinho dele tinha envolvimento com ele nesse caso que tinha dinheiro no meio, se era laranja... eu sei que quem movimentava tudo era ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem movimentava era ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o que eles fazem hoje?

O SR. HUMBERTO SILVA - Esse velho? Ele não mora em Feira mais não. Ele está morando em São Paulo. Ele foi embora para São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está morando em São Paulo? E continua mexendo com munição?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não mexe mais não, que eu saiba não, a não ser que ele esteja lá em São Paulo mexendo, mas depois que ele foi embora nunca mais eu o vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o Zé Luís, o que é que faz?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele tem posto de gasolina. Posto Tropical. Por sinal, é um dos maiores postos de Feira. Ele mexe hoje com esse negócio de Posto Tropical.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só posto de gasolina?

O SR. HUMBERTO SILVA - Posto de gasolina. Tem negócio de obra, negócio de construção, assim, casa de aluguel, esses negócios. Não vejo muito ele não, mas ele tem posto. Posto Tropical, muito grande, um dos melhores postos de Feira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ele é o dono disso?

O SR. HUMBERTO SILVA - É o dono.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o tio tem o quê?



O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, o tio dele, eu não sei. Eu nunca mais vi o tio dele. Eles são de Pernambuco, entendeu? O tio dele é lá de Pernambuco. Os parentes dele são de lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - São de Pernambuco?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, sim senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles vendiam muita munição para Pernambuco?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, ele vendia para o Maranhão, vendia para o Piauí, os carros pequenos distribuíam lá para o Piauí. Pernambuco, praticamente que eu sabia era só Seu Toninho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era só Seu Toninho?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essas viagens que tu fazias para a Rossi, tu falavas sempre era com o Paulo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Toda vida quem vendeu foi o Dr. Paulo. E Hélio... tem um rapaz lá que chama Hélio é que dava as notas, mas quem comandava tudo era ele, Dr. Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Era sempre o Dr. Paulo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Toda vida que eu conheci foi ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Essas munições sem nota, tu disseste que, para o Seu Antônio, foi uma vez.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não foi só uma vez para o Seu Antônio, não. O Seu Antônio... eu falei que, a primeira vez que eu fui, foi sem nota. Foi 30 caixa de Taquari, 600 quilos de cravo, o cravo por cima.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sem nota também?

O SR. HUMBERTO SILVA - A munição da espoleta, porque a Taquari...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E era só espoleta?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era, eu só levava espoleta. Eu nunca levei arma para ele nem bala, porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, não, eu digo munição, é pólvora.

O SR. HUMBERTO SILVA - Era. Ele comprava direto da fábrica bala e cartucho.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pólvora, tu levaste também?

O SR. HUMBERTO SILVA - Levei a pólvora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E levou aqueles cartuchos de ferro também?

O SR. HUMBERTO SILVA - Cartucho, era mais cartucho metal. O cartucho metal, ele não é controlado pelo Exército, nem o chumbo também não é controlado pelo Exército. O que é controlado pelo Exército é a munição carregada, o cartucho 12, só a munição carregada e bala. Mas a pólvora é controlada pelo Exército. O cartucho metal, ele não é controlado pelo Exército, nem a espoleta Taquari também não é controlada pelo Exército. A Fogo Central, que é uma espoleta que carrega... de cartucho, ela, sim, é controlada pelo Exército.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A Taquari não é?

O SR. HUMBERTO SILVA - A Taquari não é nem os cartuchos metal não são controlados pelo Exército. A placa dele é número 5. Quando é um produto perigoso que é controlado pelo Exército é 2 e 3. A nº 5, a placa 5 não é carga perigosa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer que a Taquari pode vender tranquilo, sem...

O SR. HUMBERTO SILVA - A Taquari...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não precisa daquela guia de trânsito?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não precisa, só precisa mesmo de nota fiscal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só precisa da nota fiscal?

O SR. HUMBERTO SILVA - É. Agora, o cartucho carregado, esse negócio precisa de guia de tráfego.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A Taquari é usada em quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - A Taquari é para encher cartucho, assim, esse cartucho metal. O senhor recarrega ele com a espoleta, não é? E para essas caças, essas espingarda de socar que eles usam na roça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Cartucho de metal se usa em que tipo de arma?



O SR. HUMBERTO SILVA - É... 28. Porque tem muitas casas que recarregam os cartuchos. Não tem problema, em qualquer lugar recarrega. Então, é 36, 28, 32.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qualquer lugar recarrega 36, 28?

O SR. HUMBERTO SILVA - Já que tem a carga autorizada, recarrega. Só não pode carregar, se não me engano, o 12, porque esse cartucho 12 de metal não é muito vendido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esses outros, pode recarregar?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu sei que tem lugar... Eu já vi, passei num lugar que... tem lugar que recarrega cartucho. Tem casa que recarrega cartucho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Onde?

O SR. HUMBERTO SILVA - Depende, doutor, o senhor vai ver que tem cidade aí que tem casa que recarrega cartucho. Lá em Feira mesmo eu vejo casa que recarrega cartucho metal, cartucho metal. Porque o cartucho metal o senhor pode recarregar ele 3, 4 ou 5 vezes; e o carregado, o senhor estourou ele, não presta mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O 12 não dá?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o 12 não recarrega, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não recarrega, não?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, de jeito nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Só esse de metal, que aí é...

O SR. HUMBERTO SILVA - Só o metal que pode ser carregado, recarregado 3 ou 4 ou 5 vezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois, não, Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Humberto, o senhor foi sempre motorista, não é?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas pela... O senhor conhece também um pouco de armas. Ou seja, quem é que repassou as informações do que era controlado e do que não era controlado? Foi a observação ou alguém disse: "Olha,



isso aqui pode trazer porque não é controlado. Agora, isso aqui, se for ilegal, se pegar, a gente tem problema”?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, só se o senhor parar na Polícia Rodoviária Federal carregado de cartucho metal que ele vai dizer que não é controlado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas o senhor diz o seguinte: “*Tal tipo não é de controle do Exército*”. Como é que o senhor teve essas informações? Quem repassou? Foi o senhor que estudou sobre armas?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, é porque eu carregava aqui na CBC, eu carregava na CBC e na Rossi, e, com o tempo, o cartucho metal, ele não é... entendeu?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Foi a observação do senhor...

O SR. HUMBERTO SILVA - Observação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ainda, o senhor disse que, de Feira para o Seu Antônio, o senhor carregou diversas cargas, sem... de forma irregular. Essa carga dos cravos e também da Taquari, ela estava ilegal.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o cravo... Vou explicar melhor para o senhor, porque eu expliquei, o senhor...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O cravo tinha a nota fiscal?

O SR. HUMBERTO SILVA - O cravo tem a nota, ele vai por cima da carga.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Certo? As espoletas vão por baixo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E as outras vezes? Era sempre cravo? Ou tinha outro produto?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque a gente entregava cravo em Campina Grande, a gente entregava cravo em Caruaru, a gente entregava carga em Sapé. Sapé é lugar que... já na Paraíba, terra do abacaxi, naquele meio lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, por baixo do cravo, tinha outros cravos?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não é preciso botar outro cravo lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não? Tinha munição?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque é assim, doutor: 20 caixas ou 10 caixas de Taquari não é muito volume, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.



O SR. HUMBERTO SILVA - Não é muito volume, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a coisa, para encobrir... era que em cima tinha os cravos...

O SR. HUMBERTO SILVA - Cravos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... e embaixo tinha canela, não é?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não é isso? Cravo e canela.

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então... Ou seja, tinha que era...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tinha era muita espingarda.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tinha espingarda...

O SR. HUMBERTO SILVA - Espingarda, não. Arma, não...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Agora, isso... tinha sempre alguma coisa para esconder. Essa coisa para esconder era regular. Aí o senhor chegava no posto fiscal, e eles carimbavam. Mas ninguém nunca foi verificar, em nenhum momento, se por debaixo dessa carga...

O SR. HUMBERTO SILVA - É difícil.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... tinha outra carga.

O SR. HUMBERTO SILVA - É difícil.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É difícil por quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque se o senhor carregar uma carreta de 30 toneladas, não tem quem vá descarregar ela para olhar o que tem embaixo. Então pode passar em qualquer posto tranquilo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

O SR. HUMBERTO SILVA - Se o senhor carregar uma carreta de 30 toneladas e o senhor botar, vamos dizer, mil quilos embaixo, ninguém vai descarregar uma carreta de 30 toneladas num posto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas esse baú? Não era um baú? Com é que era? Não era...

O SR. HUMBERTO SILVA - Era baú. Mas, se o senhor carregar embaixo até no meio, dificilmente eles descarregam.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele não vai ser descarregado.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor... Em Timbaúba, o senhor foi uma única vez ou esteve várias vezes?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não. Eu ia bem poucas vezes em Timbaúba. Porque Timbaúba é um lugar que... dificilmente a gente vai muito em Timbaúba. Eu fui umas 3 vezes em Timbaúba.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E por que é que o senhor não ia a Timbaúba? É porque o senhor...

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque, as vezes que eu ia... Ele tem casa de arma também em Recife, não é?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Às vezes, se fosse levar a espoleta, levava para as casas de Recife.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor só conhecia o Seu Antônio em Timbaúba ou conhecia mais alguém?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não conheci ninguém lá em Timbaúba a não ser ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está certo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não conheço ninguém.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, deixa eu só checar uma pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Seu Humberto, o senhor disse que o Seu Zé Luiz tem um posto de combustível, não é isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Tem.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Seria nesse posto de combustível que o senhor deixava aquela mercadoria para quem o senhor não lembra o nome?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, no posto de combustível, doutora, em primeiro lugar, não pode ficar produto explosivo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, mas o senhor me disse... O senhor disse, na hora da minha pergunta...

O SR. HUMBERTO SILVA - Sim.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - ... se o senhor teria entregue mercadorias sem notas para outras pessoas. O senhor disse que, além desse caso, o senhor teria feito em torno de 5, 6 entregas.

O SR. HUMBERTO SILVA - Hum.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aí lembrou uma que o senhor entregou num posto de gasolina.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, eu não... É, mas não foi... Foi em Aracaju que eu entreguei. Não foi no posto Tropical... Em Aracaju. A senhora me perguntou se eu sabia o endereço desse rapaz. Eu falei: "Não, porque no lugar que ele levava não entrava caminhão, só entrava carro pequeno". Não foi em Feira de Santana. Foi em Aracaju.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Tá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De tudo isso, eu só não entendi uma coisa, Seu Humberto. Eu quero saber por que quando o senhor pegou a mercadoria sem nota, o senhor ligou para o Paulo ou para o Seu Antônio para dizer: "Olha, o pessoal aqui está mandando a mercadoria sem nota". O senhor fez isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não liguei, não, porque ele estava viajando. Eu tentei ligar para ele e não consegui falar com ele. Eu não consegui falar com ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Nem com o Paulo, que foi o que te mandou.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque tu disseste que do Paulo...

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não liguei...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... Tu sempre compraste com nota.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não liguei para o Dr. Paulo. Para o Dr. Paulo eu não liguei, não, porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E por que tu não fizeste isso? Quer dizer, se tu estavas acostumado a sempre levar com nota, a primeira coisa que tu tinhas de fazer era ligar para os caras e dizer: "Olha, eu vou levar sem nota. Agora, aqui... como é que vai ser? Se me prenderem, como é que eu fico?"



O SR. HUMBERTO SILVA - Porque o Dr. Paulo, nessa altura... Se eu conseguisse falar com ele, ele ia ordenar que eu levasse. Seu Antônio, que era o dono... Antes de eu vir...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele ia ordenar que tu levaste mesmo sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - O Seu Antônio... eu não consegui falar com ele. Porque eu telefonei: "Oh, Seu Antônio, a mercadoria que eu vou pegar não é aqui em Porto Alegre, é distante daqui. Não dá para ir lá porque é longe". Entendeu? Mas o Paulo me falou que tinha nota, que tinha nota.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas tu estás dizendo que se tu ligasses para ele e dissesses que não tinha nota...

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi o meu caso, doutor. Quando em cheguei lá, estava a mercadoria sem nota. Eu andei 400 quilômetros, eu falei: "Bom, já estou aqui, vou ter que aventurar e levar". Estava com umas outras que tinham... a nota já estava guardada, tentei aventurar, e me dei mal. O problema foi esse.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, não é assim. Tem alguma coisa que não está batendo aí na tua história. Não é assim. Porque tu nãoias levar uma mercadoria para um pessoal, para tu chegares lá e o dono dizer: "Leva de volta, porque não tem nota essa porcaria".

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas Seu Antônio... Mas como o senhor... O Seu Antônio...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sr. Presidente Moroni, até para ajudar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ele é acostumado a vender sem nota.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Outras vezes, a exemplo desse carregamento lá na estação... O senhor já carregou outras vezes mercadorias sem nota com autorização deles?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, sempre que eu peguei aqui, em São Paulo, e na roça era com nota.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Essa foi a única vez?



O SR. HUMBERTO SILVA - A primeira vez que eu vim pegar essa munição sem nota. Que eu...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E lá...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É isso que não bate. Se era a primeira vez que ele veio pegar sem nota, por que ele não falou para quem era o destinatário?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas ele respondeu para mim que transportou de 5 a 6 vezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mais isso foi lá entre eles lá. De Feira até Pernambuco.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E lá do Rio Grande do Sul para cá é a primeira vez que o senhor transportou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Que eu ia levar sem nota era a primeira vez.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E outras vezes?

O SR. HUMBERTO SILVA - Só levava com nota.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quantas vezes?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ah, foi umas 10, 12 vezes, porque eu só puxava para a Comercial Puma, e a Rossi e a CBC só carregam com nota.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Só com nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Só com nota.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E era a primeira vez que o senhor ia trazer sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - A primeira vez e a primeira vez que eu vim trabalhar com esse rapaz. A primeira viagem.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E esse rapaz que o senhor disse, ele já tinha transportado sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Aí eu não sei.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas ele não lhe confessou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não, não, não.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O senhor não perguntou para ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não perguntei.



O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quando o senhor viu que estava sem nota, o senhor não disse: “*Está sem nota, vou ligar para o Paulo, vou ligar para outro.*” Por que não perguntou para o seu colega: “*Escuta, e o que fizeram?*” Ou o senhor perguntou para ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - O que estava mais eu?

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim.

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque o menino, ajudante, ele nem...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim, mas o senhor não trocou uma idéia com ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não troquei, não perguntei a ele, porque ele mesmo nem sabia que... veio saber no meio do caminho, como eu expliquei, que tinha esse frontal no baú.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O senhor assumiu o risco sozinho?

O SR. HUMBERTO SILVA - Assumi o risco sozinho porque não consegui falar com o Seu Antônio. Para Paulo eu não liguei.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, o senhor acha que a responsabilidade de a mercadoria estar no caminhão é sua e não do Paulo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, mas a responsabilidade é do dono do caminhão, o Seu Antônio. Minha não, porque eu não tinha mercadoria, porque se fosse minha, doutor, eu não levava.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E quem é que mandou o senhor ir lá em Estação, nesse lugar, nesse dia, nessa hora?

O SR. HUMBERTO SILVA - O Dr. Paulo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ele que mandou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, ele sabia que a mercadoria estava lá e que não tinha nota e que ia ser carregada...

O SR. HUMBERTO SILVA - Agora, se ele sabia que não tinha nota eu não sei, mas foi ele que mandou eu ir pegar lá, foi ele que mandou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que não está batendo na tua história, a única coisa que não bate é como é que um motorista assume a responsabilidade de levar munição sem nota. É isso que eu não estou entendendo.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Na minha leitura, Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É a única coisa que não bate.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Humberto.

O SR. HUMBERTO SILVA - Oi.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas tu já tinhas entregado mercadoria sem nota uma quantas vezes para o Antônio.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque o problema, doutor, é o seguinte...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aquela mercadoria dos cravos não era sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era sem nota.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Antônio não recebeu um monte de vezes mercadoria sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Sem nota, mas sem transportar de firma. Agora, essa quantidade de mercadoria que eu ia transportando daqui para lá era uma quantidade grande, não podia ir sem nota, o senhor entendeu? Mas só que ele mandou, mesmo com nota eu ia ter que guardar essa mercadoria como eu guardei as espoletas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não faz diferença. Com nota eu entendia tudo isso, agora sem nota não dá para eu entender, porque a ordem era não parar nos postos de fiscalização. Não era essa a ordem?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, tu já sabia que ia ser irregular.

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas mesmo se parar, doutor, mesmo se parar, ele não ia ver que tinha mercadoria, porque essa mercadoria, como eu expliquei ao senhor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque deixa eu te mostrar, Humberto: tu, sendo motorista que queria só ter a cautela de guardar a mercadoria num lugar escondido para ninguém roubar, no posto de fiscalização tu parava, mostrava as notas e ia embora.

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente, exatamente.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele disse que era contra o fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu era contra o fundo falso, claro. Agora, é um negócio...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele disse que era contra, mas fez tudo com o fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Tudo bem porque, se fosse meu, doutor, eu não botava.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, ele mesmo disse, ele arriscou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas eu não consigo...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O senhor sabe que o fundo falso era com o propósito de desviar mercadoria sem nota. O senhor interpreta que isso é verdade?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era por causa de segurança. Quer ver uma coisa?

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Era segurança ou era para desviar?

O SR. HUMBERTO SILVA - O ladrão hoje pega a gente para assaltar para ver se tem fundo falso ou não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas se eu te disse, se tu tivesse boa-fé, se tu tivesse boa-fé tu ia parar nos postos e dizer: está num fundo escondido aí a mercadoria.

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas a boa-fé, doutor, não era minha, a boa-fé era do dono da mercadoria. Se ele dissesse: "Olha, você vai parar no posto, você vai parar no posto"...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E ele não disse isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o que ele disse?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele mandou que não parasse no posto. Se ele mandou não parar no posto, era para não carimbar a nota, para ele não pagar imposto. A fé não era minha. Se ele dissesse: "Olha, você pára no posto, todo posto você pára e carimba a nota". Claro que eu ia fazer isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, tu já sabia que ia receber sem nota a mercadoria?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque eu peguei a nota na Rossi, eu peguei a nota na Rossi e sabia que ia pegar com nota. Agora, mesmo se eu pegasse com nota, eu ia guardar a mercadoria.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sim, mas como é que ele disse?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Em todas as coisas que tu contou eu vi verdade. Nessa coisa não dá para entender a verdade, não dá para entender, porque tu sozinho, ganhando 500 reais, tu não ia assumir o risco de botar no mato cento e setenta e tantos mil. De onde que tu ia tirar cento e setenta e tantos mil?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, estou explicando ao senhor: olha, ele me falou que era para guardar a mercadoria.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Acho que está na hora de a gente ter uma conversa mais reservada.

O SR. HUMBERTO SILVA - Olha, ele me pediu que eu guardasse a mercadoria.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Presidente, peço a V.Exa. que transforme essa sessão em reservada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque a história está muito bonita, eu acho que tu vieste disposto a falar uma parte, e a outra parte tu tá segurando. Tá segurando ou por medo, ou porque te prometeram alguma coisa, ou algo parecido.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Porque tu abre com a maior facilidade uma certa parte. Quando chega na outra parte, tu fecha tudo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Essa parte da mercadoria guardada, doutor, está bem explicada. Se o senhor está achando que eu tenho culpa, como o senhor falou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, não, não. Eu não estou preocupado contigo. Eu estou preocupado com o medo que tu tem de falar dos outros.



O SR. HUMBERTO SILVA - Não, eu não tenho medo de falar de ninguém. Eu vim aqui falar a verdade, que eu não vou me prejudicar por causa de ninguém.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Humberto, o senhor acha que essa pessoa que o senhor está protegendo merece essa proteção?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não estou protegendo porque..., eu não estou protegendo, sabe por que, doutora? Eu fiquei quinze dias preso e ninguém me deu proteção, não. Ninguém me protegeu, não. Nem um advogado ele mandou lá para me tirar. Eu não posso proteger ele, porque eu fiquei quinze dias preso. Se eu quis sair da cadeia, a minha mulher tomou foi mil e quinhentos contos emprestados, três mil contos, eu estou com o cheque na mão do advogado, meu, Dr. Leandro, daqui de Porto Alegre, de 6 mil. Até hoje eu não paguei a ele. Então, eu não estou aqui para proteger ninguém, não, porque ninguém me protegeu na cadeia, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Humberto, o Antônio sabia que tu estava pegando mercadoria lá em Estação.

O SR. HUMBERTO SILVA - Sabia, sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu ligou para ele lá de São Leopoldo, não é? Quando o Paulo te disse, tu foi lá achando que ia pegar a mercadoria lá tudo com o Paulo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi. Eu pensei que ia pegar com o Dr. Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Aí, o Paulo te disse: "Mas não é aqui. Tu tem que viajar 380 quilômetros para carregar".

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu ligou pro Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - Liguei pro Antônio. Liguei pro Antônio e falei: "Ó Sr. Antônio, a mercadoria não é aqui que vai pegar". Ele perguntou: "Onde é?" Eu falei:

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Estação.

O SR. HUMBERTO SILVA - Estação. Eu falei: "E fica muito longe daqui? Eu nunca fui em Estação". Ele disse: "Mas, rapaz, eu estou pensando que ia pegar a mercadoria"... "Inclusive, eu estou pensando que ia pegar, doutor, em Montenegro, na CBC". Eu estou pegando pensando que a mercadoria era de lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O Antônio sabia que era lá, porque ele tinha feito um trato já com...



O SR. HUMBERTO SILVA - Ele sabia, mas na hora que eu falei com ele, ele me falou assim. Sabe por que ele sabia? Porque o cara, acho que já tinha entregado a mercadoria. Agora, eu estou pensando que era na CBC que ia apanhar. Eu estou pensando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só que é o seguinte. Agora, na tua opinião, o Antônio sabia que era sem nota essa mercadoria?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, eu acredito que ele sabia, não é? Acredito que ele sabia, mas ele não falou que era sem nota para eu ir até lá, não é? Eu acredito que ele sabia, mas ...

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ele chegou a dizer que era com nota ou ele não falou da tal da nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Eu achava, doutor, que ele sabia que não tinha nota, mas, quando ele me enviou, disse: "Ah, mas tem nota", que era pra eu vir.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Humberto. Espera aí. Mas agora ele enrolou.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ele disse que tem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele falou lá que tinha nota.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Outra coisa: quando o senhor chegou na cidade Estação — o senhor conheceu a cidade de Estação, não é, ali próxima à Getúlio Vargas, adiante de Passo Fundo? É uma cidadezinha que tem..., é uma cidadezinha bem pequenininha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Uma praça.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ah?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Uma praça. É uma praça.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não, não vamos exagerar. Mas é um pouco mais. É uma cidade que tem 5 mil habitantes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - É uma cidade assim bem pequenininha. Eu conheço bem lá. O senhor sair lá de Porto Alegre, lá de São Leopoldo, enfim, do centro, para ir lá na parte norte do Estado, numa cidadezinha bem pequenininha. Que hora era da noite?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não foi de noite, não.



O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - De dia?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi 4 horas da tarde.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quatro horas da tarde? Ainda que seja de tarde: ir lá, carregar num fundo falso, sem nota? Não lhe ocorreu que era mercadoria mal havida, mercadoria roubada? Alguma mercadoria desviada, sem nota, escondida, longe, fora do centro de comercialização de armas?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque o Dr. Paulo, ele é um cara muito conhecido, da Rossi, por sinal é um dos grandões da Rossi. Foi ele que me enviou. Jamais eu ia pensar que fosse uma mercadoria, vamos dizer, roubada ou algum tráfico.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas aí a dúvida: ele lhe enviou ou... O senhor disse pra mim...

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele me deu o endereço para eu ir lá.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele lhe deu o endereço, quem lhe enviou foi o Antônio.

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque foi assim, vou lhe explicar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Espera aí. Só terminar o raciocínio em função do que disse o Deputado. Quem lhe enviou foi o Sr. Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O Sr. Paulo lhe deu o endereço e explicou como chegar.

O SR. HUMBERTO SILVA - O endereço, exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não é isso?

O SR. HUMBERTO SILVA - É, exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E, ao mesmo tempo, o senhor disse que o Sr. Antônio, já várias vezes, lhe mandou buscar mercadoria sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas não aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não lá, mas em outros lugares.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não. Eu já levei para eles sem nota. Pegar, eu nunca ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor já levou sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Primeira vez. Primeira vez que eu vim pegar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pegar, não. Mas levar sem nota?



O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom. O senhor já levou sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele não lhe avisou que não tinha nota. Das outras vezes, ele lhe avisou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Porque eu nunca peguei mercadoria pra ele. A primeira vez.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas o senhor não ia levar a mercadoria sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas, aí, foi o Sr. Edvar que mandou, foi da Comercial Puma, não foi dele. Eu levava sem nota pra ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas ele recebia sem nota.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele recebia sem nota.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, ele sabia que ia receber sem nota.

O SR. HUMBERTO SILVA - Aí, agora, era o dono da Comercial Puma que falava pra ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Era o dono que falava pra ele que ia sem nota.

O SR. HUMBERTO SILVA - Era.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor já não se preocupava nessa época em carregar mercadoria sem nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas, se a fiscalização pegasse, quem perdia era ele. Não era eu.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Puma também mandava sem nota arma e munição?

O SR. HUMBERTO SILVA - Arma, não. Arma eu nunca carreguei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, foi a primeira vez que o senhor carregou arma?

O SR. HUMBERTO SILVA - Arma eu nunca carreguei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O que a Puma mandava?

O SR. HUMBERTO SILVA - Era cartucho.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só munição?

O SR. HUMBERTO SILVA - Só munição. Arma, não. Arma nunca carreguei, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não. Agora, dessa vez, tinha arma.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, também não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, tinha.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não tinha, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Desculpa, mas tinha.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não tinha, não. Eu tenho o relatório ali em cima... Não tinha, não, não tinha arma, não, não tinha, não, doutora., pode... Pode ver a ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, a única coisa que não bate é da onde tu tirou a coragem toda de assumir o risco de perder a carga inteira sem nota. Isso não bate.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, isso está justificado, como o senhor já me falou, porque eu digo: "*Bom, mesmo se eu perder essa carga, a carga não era minha*". Mas não foi para fazer cobertura dele, não estou fazendo cobertura porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas já pensou se tu faz uma loucura dessa, o dono diz: "*Não, mas agora tu tá me devendo a carga; ninguém mandou tu receber sem nota*".

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, exatamente o quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele podia até falar isso que eu podia pagar porque nunca recebi sem nota, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu não estou entendendo, não dá para entender, por que , nesse ponto, tu queres, de certa forma, cobrir o Antônio.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, de jeito nenhum, eu não quero.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Compreendeu? E, ao mesmo tempo, quer deixar... porque, no flagrante, tu disse que o Paulo sabia do fundo falso. Agora, tu tá dizendo que ele não sabia.



O SR. HUMBERTO SILVA - Não, no flagrante eu não botei, não; não, porque ele nunca viu na minha mão...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas no flagrante o senhor disse que o Sr. Antônio falou pro senhor que o Paulo sabia do fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, Dr. Paulo no flagrante eu não botei, não acompanhou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas no depoimento do senhor está isso registrado.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Agora uma coisa seguinte, o senhor disse que, mesmo que tivesse nota fiscal, o senhor era orientado pra guardar essa nota e não mostrar. Quem que orientava?

O SR. HUMBERTO SILVA - Carregar sem a nota, porque ele me falou o seguinte: "Problema de segurança, guarde tudo". Porque eu podia levar em aberto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu podia pegar a que estava com nota e ir carimbando a nota até lá, não tinha problema nenhum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, quem é que orientava o senhor pra guardar essa nota?

O SR. HUMBERTO SILVA - Sr. Antônio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Antônio. O senhor conheceu, conhece Dayan José Leitão de Farias?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não conheço. Vi o filho dele, vi só uma vez no dia em que fui pegar o caminhão, mas nunca carreguei nada pra ele, não conheço ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que entregou munição em Campina Grande, na Paraíba.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, foi cravo que eu entreguei; munição, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Cravo? Mas, na carga que tinha cravo, mas debaixo o senhor não...

O SR. HUMBERTO SILVA - Deixei no Sr. Antônio e levei o cravo pra Campina Grande.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só o cravo só?



O SR. HUMBERTO SILVA - É, não entreguei, nunca entreguei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E em Sapé foi cravo ou foi...

O SR. HUMBERTO SILVA - Cravo também, tem muitos compradores de cravo em Sapé. Sapé nunca levei nem munição nem arma, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não foi arma não? Não foi munição não?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, nem munição nem arma.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E alguma vez o senhor levou alguma carga de munição pra Paraíba?

O SR. HUMBERTO SILVA - Nunca levei, nunca levei; pra Paraíba, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, eu quero saber o seguinte: Por que o Manoel disse que o Paulo ficou olhando o caminhão ser carregado e que a carga estava sendo acondicionada no fundo falso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não na Rossi. O Dr. Paulo não seguiu com a gente. Quem viu foi Leandro. O Dr. Paulo, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Na Rossi, na Rossi, foi o que o Manoel disse, está aqui.

O SR. HUMBERTO SILVA - Então, ele está... Mas o Dr. Paulo, não. Eu não carreguei na... Eu carreguei na Rossi, ele me deu a nota, estava a mercadoria no meio do carro, eu saí. Mas o Dr. Paulo, eu não estou defendendo ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Olha o que está escrito aqui: "Que Paulo ficou olhando o caminhão ser carregado".

O SR. HUMBERTO SILVA - Sem carregar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas o depoimento não é seu, o depoimento é do Manoel, seu assistente. "Que Paulo ficou olhando o caminhão ser carregado; que a carga carregada na Rossi foi acondicionada no fundo falso do caminhão".

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Continua lendo, porque inclusive...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - "Que foi nesse momento que o interrogado tomou conhecimento do fundo falso".

O SR. HUMBERTO SILVA - Exatamente, mas não foi na Rossi que a gente colocou, a gente botou a mercadoria no fundo falso, mas não foi lá na Rossi.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E onde é que foi?

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi no meio do caminho, como eu expliquei à senhora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, por que ele diz que o Paulo ficou olhando?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque ele foi entregar a nota e o fundo do caminhão estava aberto e a mercadoria estava no meio do carro, mas ele não ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, espera aí, aí não combina com o que você me disse. O que você me disse...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah, agora está começando aclarear o negócio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Explica de novo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu carreguei, eu peguei vinte caixas na Rossi, Dr. Paulo me deu a nota, eu perguntei: "E a outra mercadoria eu vou pegar onde? Eu estou pensando que era na CBC, em Porto Alegre". Falou: "Lá em..."

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Estação.

O SR. HUMBERTO SILVA - Estação. Eu digo: "Mas, doutor, Estação, quantos quilômetros dá daqui pra lá"? "Dá 380 quilômetros". E fez o mapa e me deu, e fez o mapa e me deu. A mercadoria...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso foi dentro do baú lá? Foi dentro do baú, quando ele te deu a nota?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi dentro da Rossi.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, lado de fora, foi lá dentro da Rossi, dentro da Rossi eu peguei. Agora só que eu não botei a mercadoria dentro do fundo falso na Rossi, não foi na Rossi que eu botei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas o fundo falso estava aberto.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não pode ficar aberto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu acabaste de dizer agora.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, mas não pode... O baú estava aberto, o baú.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí é que eu não estou te entendendo. Tu acabou de dizer que "ele me entregou"... "ele me entregou..."



O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor, é o baú, foi o baú.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer, eu volto a fita.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - “*Que ele me entregou no baú*”...

O SR. HUMBERTO SILVA - O baú aberto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - “*No baú, o fundo falso estava aberto*”...

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o fundo falso foi aberto lá em Redenção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - “O fundo falso estava aberto, mas a mercadoria estava fora do fundo falso”. O senhor acabou de dizer.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu volto a fita para tu ouvir

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, eu não falei. O Doutor disse... Eu não falei que o fundo falso estava aberto e que o Dr. Paulo viu, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Falou isso.

O SR. HUMBERTO SILVA - A mercadoria estava no meio do carro, que o Manoel falou aí que ele viu o baú aberto e não o fundo falso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Todo mundo ouviu aqui, não precisa dizer porque todo mundo ouviu.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas aqui está escrito, ó. Mas continua o próprio Manoel, Moroni. Ele continua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que ele falou todo mundo ouviu, e foi num momento que tu descobriu que o Manoel falou que o Paulo tinha vista o fundo falso no caminhão.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Desculpe aí, mas eu não falei não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu falaste agora.

O SR. HUMBERTO SILVA - Desculpe, doutor. Desculpe aí, mas eu não falei que abri o fundo falso para Paulo vê, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu queria saber se tinha condições de pegar a fita e botar agora. Voltar a fita.



O SR. HUMBERTO SILVA - Se o senhor quiser acreditar em mim, o senhor pode acreditar. Eu estou aqui, não estou mentindo, não vim para mentir, não sou de mentir, mas eu não falei que abri o fundo falso para Dr. Paulo ver não. Só quem viu foi Leandro. O Leandro viu, agora o Dr. Paulo, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que lá, que o Leandro, o Leandro ele disse que a vingança dele ia ser maligna. E ele disse que essa vingança seria contra quem? Contra o senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele acha que foi eu que entreguei a carta à Polícia Federal. Ele falou isso, deve ter julgado isso, porque ele virou para mim e disse que "a minha vingança será maligna". Ele pensou que foi eu que entreguei ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, ele ameaçou.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o Paulo chegou a ameaçar o senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Quando eu estava lá Federal os agentes não deixavam ver. Viu porque eu saí, o delegado mandou me chamar, o Leandro vinha chegando...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor chegou a ser preso?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fiquei 18 dias presos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem foi que pagou os seus advogados?

O SR. HUMBERTO SILVA - Quem pagou foi eu. Eu não paguei ainda. Estou devendo ao Dr. Leandro, eu tenho o telefone dele aqui. Um cheque meu está na mão dele. Eu não consegui, porque eu não tinha dinheiro para pagar. Minha esposa tomou dinheiro emprestado, deu para pagar a ele, porque o Sr. Antônio não me deu um tostão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem indicou o advogado Leandro para o senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque ele foi ser, foi ouvir o meu depoimento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem que indicou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu mesmo contratei ele porque ele foi ouvir meu depoimento lá na Polícia Federal, o Dr. Leandro.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas como é que o senhor conheceu esse Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque ele é advogado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - De quem?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o meu advogado, ele foi acompanhar o meu depoimento lá na Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas ele foi advogado de quem também, foi de outro, foi de algum dos outros?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, o senhor conhecia o Sr. Leandro?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não. Eu conheci no depoimento. Chamei ele para...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas como que o senhor fez contato — o senhor estava preso —, quem fez o contato para que ele viesse para ouvir o seu depoimento?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque na hora... quem contratou, quem chamou foi o delegado, não foi eu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, foi o delegado.

O SR. HUMBERTO SILVA - O Dr. Alexandre que chamou. Não foi eu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sabe qual é a minha preocupação em tudo isso: nós temos que tomar uma decisão e nós vamos fazer uma devassa financeira, contábil, telefônica em cima do Dr. Paulo, que trabalha na Rossi.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele não está mais trabalhando lá não. Já saiu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é que te contou?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu ouvi dizer que a Rossi botou para fora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ouviu dizer?

O SR. HUMBERTO SILVA - Está?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele diz que está.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ah!.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente,...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, nós vamos fazer uma devassa na vida do Paulo completa.



O SR. HUMBERTO SILVA - Pode fazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vai aparecer tudo, para quem ele mandou dinheiro, para quem ele não mandou, o que aconteceu. Compreendeu? Pode fazer por quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque o que eu falei dele, ó doutor, eu não vim aqui para mentir, eu falei para o senhor, eu venho aqui 500 vezes, eu vim falar a verdade porque eu sou pai de família, minha família depende de mim. Eu não vim aqui mentir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu quero saber uma coisa, tu bota a mão no fogo por ele?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não posso botar a mão no fogo por ninguém, eu não posso botar a mão no fogo por ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É importante a gente saber se tu...

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não posso botar a mão no fogo por ele, claro, não é doutor, não vou botar porque ele... Se eu fosse botar, ia queimar porque ele comprou essa mercadoria e eu não sabia. (*Risos.*) Eu não sabia. Entendeu? Ele comprou essa mercadoria e eu não sabia, aí que amarra a minha mão. Eu estou pensando que era um negócio organizado, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Um negócio organizado?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ou porque ele mandou eu pegar essa mercadoria e disse que tinha nota, fui lá não tinha nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O meu medo todo, Humberto, é que mais tarde, os graúdos dizem que o doido foi tu e que tu fique abraçado no rojão sozinho. Entendeu?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O meu medo é esse.

O SR. HUMBERTO SILVA - Quando eu saí da Polícia Federal, o delegado me falou...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E eu quero ter a consciência tranquila quanto a isso.



O SR. HUMBERTO SILVA - O delegado me falou: "Ó, Humberto, não deixe, não se venda a ninguém porque ele vai querer lhe comprar. Não se venda a ninguém".

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ele quem queria lhe comprar?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, o delegado me falou para eu não me vender a eles, porque ele ia querer me comprar. "Você não se venda a ninguém. Você, se mudar de endereço, comunica a gente. Qualquer dia que a gente lhe chamar, você vem". E eu prometi que vinha, vim, e venho qualquer vez. Agora não vou me vender a eles porque eu não tive apoio dele. Quem sabe muito bem que eu não tive apoio dele é Dr. Alexandre, que eu não tive apoio dele. Porque Dr. Alexandre falou: "O seu patrão é tão ruim que nem um advogado mandou para você". E ele não mandou não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Sr. Paulo foi preso por quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - O quê?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Sr. Paulo foi preso por quê?

O SR. HUMBERTO SILVA - Por causa dessa intermediação, essa negociação em que ele foi intermediário.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E ele intermediou que outras, que o senhor lembra.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não lembro. Eu não tinha muita conversa com ele não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E como é que o senhor está sabendo que ele saiu da Rossi?

O SR. HUMBERTO SILVA - Porque eu vi esse comentário, o Sr. Antônio mesmo falou. Porque eu fui em Recife cobrar o meu dinheiro, ele não me pagou e ele me falou...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Cobrar para quem?

O SR. HUMBERTO SILVA - Seu Antônio que me falou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Manoel foi solto também?

O SR. HUMBERTO SILVA - O Flávio?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Manoel, o teu auxiliar.

O SR. HUMBERTO SILVA - O inquérito dele estava junto com o meu. Então, nem o dinheiro para o rapaz ele mandou. Eu que paguei do meu bolso; não paguei,



ainda estou devendo ao Dr. Leandro. Quer dizer, ele não mandou dinheiro para a gente. Até para minha passagem de Porto Alegre para Feira, eu tive que tomar dinheiro emprestado. Até no Rio um cara me levou de carona, eu estava com um alvará de soltura, que está ali dentro. Eu tive que pedir carona para chegar em casa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor pegou dinheiro emprestado, no Rio, de quem?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, no Rio eu fui de carona, com alvará, me apresentei que estava com alvará de soltura, que como está ali na mala, e fui me embora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, de tudo isso, olha, de tudo isso a única dúvida que fica...

O SR. HUMBERTO SILVA - É do negócio do carregamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Exatamente.

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas o carregamento o senhor já explicou, entendeu? Eu já expliquei, eu não tenho nem como eu sair para explicar o senhor. Eu dizer assim, bom, eu vou me responsabilizar... Eu não posso me responsabilizar pela mercadoria dos outros. Eu não posso porque...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, mas...

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não posso ficar...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) -...a partir do momento que tu aceitar sem consultar os outros, tu estás te responsabilizando pela mercadoria dos outros.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não consultei. Como eu falei com o senhor, tudo bem, a culpa minha está aí. A culpa minha está aí, nesse meio que o senhor está falando aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente...

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não estou dizendo que eu estou certo. A culpa minha está aí. A culpa minha está aí, doutor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, eu queria mostrar essas 4 fotografias para que ele indicasse aqui quem é que estava vendo se colocarem as munições no fundo falso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Todos os 4, aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Os 4 estavam lá.



O SR. HUMBERTO SILVA - É. Os 2 ajudantes, o rapaz que me pegou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quem é o Leandro aí?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é o Leandro, quem é o ajudante?

O SR. HUMBERTO SILVA - O ajudante são esses 2 aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Esses 2 são ajudantes. E o que tinha...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Exatamente. O Leandro, ele apontou corretamente. Agora isso eles fizeram com naturalidade.

O SR. HUMBERTO SILVA - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Isso quer dizer que normalmente já deviam fazer com outras pessoas isso. O Leandro já devia fazer com outras pessoas isso.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Paulo quando te encontrou o que ele disse? Ele disse: "Tu é doido carregar mercadorias sem nota?"

O SR. HUMBERTO SILVA - Não vi mais ele. Depois desse dia para cá eu não vi mais ele, porque ele foi preso e eu fui preso também. Eu não vi mais ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quando foram presos não se encontraram?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, de jeito nenhum. E a Polícia Federal não deixava ninguém, um encontrar nem com o outro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E depois quando foi solto?

O SR. HUMBERTO SILVA - Fui solto à meia-noite, viajei no outro dia, às 9 horas do dia, e ele ficou preso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deixa eu perguntar um negócio para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele nunca disse, nunca disse: "Ó, tu..."

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, eu não encontrei com ele não. Eu não encontrei com ele mais não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o Antônio o que te disse, depois?



O SR. HUMBERTO SILVA - O Antônio, eu vi ele porque eu fui lá cobrar o meu dinheiro, e sabe o que ele me disse?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Há?

O SR. HUMBERTO SILVA - Que não tinha nenhum tostão. E ele estava fazendo, diz o menino, esse Flávio aí, que nem um bom-dia ele está dando ao menino.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Conta-me uma coisa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem é o Flávio? Quem é o Flávio?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foste tu lá cobrar...

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu fui cobrar o meu dinheiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, os R\$1.500,00 que estavam faltando.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Os 500 reais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, 500 reais ele tinha recebido.

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele não me deu...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está. O que o Antônio te disse? O que o Antônio te disse?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele? O Sr. Antônio?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É. Falou com ele mesmo?

O SR. HUMBERTO SILVA - Falei com ele mesmo, pessoalmente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E ele? Conta direitinho aqui o que ele disse.

O SR. HUMBERTO SILVA - Falei com ele mesmo. Ele falou assim: que ia vender o caminhão para me pagar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não quis te pagar, nem os R\$500,00?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não me pagou nem... o meu dinheiro está na mão do advogado. Eu tenho o telefone celular dele. Dr. Leandro todo dia liga para a minha casa, todo dia, cobrando esse dinheiro. Estava lá um cheque de 6 mil contos na mão dele, que ele me cobrou 10 mil para me soltar. Eu só dei 3 mil reais a ele, entendeu? E fiquei devendo o resto. Saí, à meia-noite, o cheque está na mão dele, ele me cobra todo dia e eu vou...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu tinhas uma economia de 3 mil, é?

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, minha esposa que mandou para a conta do advogado. Minha esposa tomou emprestado na mão de minha irmã e mandou. E meus parentes é tudo de Feira, eu não tinha ninguém, eu não podia me comunicar com ninguém, que não tinha telefone, não tinha nada. O advogado é que fazia toda a comunicação com a minha família. E eu estou parado, devendo esse dinheiro, entendeu? Devendo esse dinheiro e outras coisas que eu não tenho dinheiro para pagar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está bom.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom. Eu vou.., eu quero ouvir o Sr. Belleza, mas eu tenho que saber como é que está o andamento do Plenário, lá.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está falando o Relator, agora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está na fala do Relator ainda?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Está na fala do Relator. Eu acho que tem que tocar, Presidente. Se precisar vamos lá, votamos e voltamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então está. Então, se for o caso, eu só peço à Secretaria que a hora que começar a votação nos avise para que possamos ir lá votar. Sr. Humberto, o senhor ficou me devendo...

O SR. HUMBERTO SILVA - Dr. Presidente, eu vou lhe falar uma coisa, senhor. O senhor pode acreditar, não adianta jurar, não, porque não... Eu vim aqui para falar a verdade. Não estou mentindo para o senhor. Teve essa falha nesse carregamento que o senhor está me cobrando, que o senhor está cobrando de mim. É um negócio que eu vou dizer que eu tive culpa, que eu tive culpa, como o senhor está dizendo, tive culpa, mas o resto que falei para o senhor aí, tudo é verdade. A minha falha está aí, porque o senhor está achando que eu quero encobrir o pessoal e eu não quero porque eles não fizeram nada por mim. Eu estou dizendo para o senhor, de coração, que eles não fizeram nada por mim. Ninguém.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu queria pedir a V.Exa... Me preocupa, a partir do depoimento de hoje, o que pode acontecer com ele. Isso sim é o que me preocupa. O futuro é que me preocupa.



O SR. HUMBERTO SILVA - Pois é.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, eu não sei, mas acho que V.Exa. podia, de alguma maneira, se comunicar com o Ministério para tratar de auxiliar, porque, querendo ou não, ele confirmou e mais do que confirmou o depoimento, com os detalhes todos, com identificação de pessoas, os depoimentos que vão ser utilizados no indiciamento dos outros. Então, eu, sinceramente, fico preocupada. Acho que de alguma maneira a gente tinha que ajudar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu não me preocupo muito, porque eu vou lhe contar a instrução que poderia ter sido dada a ele. A instrução é a seguinte: *"Todo o delito que já passou e já prescreveu pode assumir. E pode nos botar no meio. Todo delito que não prescreveu o senhor assume sozinho, não nos bota no meio"*. Os de 95 estão todos prescritos. Então, ele pode assumir à vontade. Agora, o deste ano, esse não está prescrito, e esse ele está assumindo sozinho. Esse rojão, ele está pegando sozinho.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu estou pegando sozinho...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então essa é a questão que na verdade é a instrução dada a ele, ele está cumprindo fielmente.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não, não estou cumprindo nada não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A instrução, está cumprindo fielmente.

O SR. HUMBERTO SILVA - Não estou, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - No momento em que assume sozinho o delito que não está prescrito, que é o deste ano e que já está sob a legislação nova, muito mais dura do que a legislação antiga.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não estou assumindo não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Os delitos anteriores estavam numa legislação muito frouxa, e que certamente todos já estão prescritos.

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, esse é o ponto. E é por isso que a única falha que ele tem é justamente a falha mais importante. A falha em que ele envolveria os mandantes...

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas eu falei com o senhor que ele mandou...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, eu só quero dizer que ninguém é idiota aqui...

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - ... que nós vamos atrás, e se nessa falha tu mentiste, nós vamos fazer uma relação de telefonemas, de coisas e tudo mais, e aí tu vai entrar junto com eles.

O SR. HUMBERTO SILVA - Agora é o seguinte, Doutor, vou explicar para o senhor: eu não estou na falha, não...

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Deputado, V.Exa. me dá licença?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Eu acho o trabalho do senhor extraordinário na busca de apurar os fatos. Agora, emitir pensamento de julgamento não me parece que a Comissão tenha o direito de fazer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, nós estamos só dando possibilidades. É isso que nós estamos fazendo.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Eu acho que temos que apurar os fatos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Exatamente.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Os fatos devem ser apurados rigorosamente, e os fatos é que podem levá-lo à prisão. Não a ameaça de que possamos, a Câmara fazer, para uma pessoa que se vê que vive de 500 reais. Então, eu só pediria isto, que nós...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que eu quero...

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - ... nos ativéssemos à apuração dos fatos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Depois do relatório, cada um faz a opinião que quiser. Mas que se liberasse um pouco, talvez, o depoente do sofrimento de levar para casa essa ameaça de que ele está faltando com a verdade. Tem prova de que ele está faltando com a verdade? Vai para a cadeia. Se não tiver, não pode receber ameaça.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, deixa... Eu tenho o maior respeito por V.Exa. e pelo seu parecer. E quero dizer que tudo que nós



fazemos aqui é com responsabilidade. E nós só estamos dizendo que diante de uma verdade total, uma parte não bate na verdade. Nenhum motorista vai assumir um risco sozinho, sem ter o conhecimento.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Isso é julgamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Compreendeu? Claro, é em cima de indícios que se investiga.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - E a Comissão não tem competência julgar ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E nós vamos em cima dos indícios investigar. E aí, o que foi dito a ele, se ele estiver dizendo a verdade, ele vai dormir tranqüilo hoje. Sem problema nenhum. Compreendeu?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu vou dormir tranqüilo, estou falando a verdade para o senhor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E nós vamos dar toda a cobertura, com tranqüilidade. O que eu falei foi que os outros não teriam grandes razões de atacá-lo, porque, na verdade, juridicamente, ele não influenciou em acusações para cima dos outros. É isso que foi falado aqui por esta Presidência. E isso que tem que ficar claro para V.Exa. Principalmente o fato...

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Eu estava aqui, eu ouvi V.Exa. falar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Principalmente o fato de que nós não queremos que o motorista mais tarde seja condenado, e os mandantes verdadeiros, os graúdos verdadeiros sejam inocentados. É isso que nós não queremos.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Eu também não quero.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E é por isso que a CPI vai atrás.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Eu também não quero.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu tenho certeza.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Agora só não quero ver uma criatura como ele tratada desse jeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas isso é para protegê-lo. Essa que é a razão. É para protegê-lo.



O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Deputado Pompeo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Até para fazer um contraponto. Eu, primeiro, eu participei da CPI do Narcotráfico, participei da CPMI do Roubo de Cargas e agora participo desta CPI, e com outras experiências em algumas outras CPIs estaduais. Mas nessas CPIs, quando se trata de questionar pessoas que estão envolvidas em crime, ou sendo investigadas, ou eventualmente sendo denunciadas, ou muitas vezes até mesmo condenadas, como essa CPI já ouviu muitas pessoas nessa condição, é óbvio que é uma relação diferente, porque nós estamos tratando de uma questão de investigação. Nós não vamos condenar nem absolver. Nem tampouco me propus e sequer vi algum colega ameaçando alguém. Eu acho que há uma inversão aqui. Com todo o respeito à história do Deputado e Dr. Collares.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Isso é uma maneira de ver as coisas. Estou vendo desse jeito.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não, o senhor pode ver...

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Tem que respeitar meu jeito de ver.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Pois é, mas o senhor não pode nos acusar.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - O senhor vai me respeitar.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não, o senhor está nos desrespeitando na medida em que está nos colocando como se nós estivéssemos ameaçando. E ameaça é crime.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Eu não toquei no companheiro, até nem gosto de tocar no companheiro.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas é melhor não tocar mesmo.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Toquei no Presidente, porque tenho admiração por ele.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não, mas eu me sinto atingido, porque eu também fiz o questionamento e eu não ameacei e não vi nenhum colega ameaçar ninguém. Até porque uma ameaça é crime. E aqui ninguém está cometendo crime. O que estamos fazendo é um questionamento, até para permitir ao Humberto da Silva que possa dizer o que sabe, o que sente, o que conhece ...



O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Agora baixou.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - ... até para proteger ...

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Baixou. Baixou demais a coisa.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Deputado, eu lhe escutei,....

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Baixou demais.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - ... e o senhor não tem a grandeza de me escutar. Espero que tenha a grandeza, para poder receber...

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Não, eu não sou obrigado.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não é obrigado. Obrigado é o pau-de-arrasto.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Não sou obrigado ao sacrifício.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Pode até se retirar, se quiser.

Não tem problema. Mas eu vou dizer o que eu penso como eu ouvi o senhor dizendo o que pensa. Conseqüentemente, nós não estamos ameaçando ninguém, estamos dando a oportunidade ao Humberto, através dos questionamentos, para que se ele tem alguma coisa para dizer de alguém maior, porque obviamente ele não foi lá buscar as armas para ele, não é ele o dono do caminhão, não foi ele quem fez o fundo falso, não foi ele que armou a questão das notas fiscais... Quer dizer, ele, nessas alturas, é quase uma vítima. Eu diria assim, se fosse numa outra situação, seria uma mula nesse processo, no caso comparando com o tráfico de armas. É aquele que está sendo usado para esse propósito. E o que nós queremos, Humberto, tão-somente, é permitir, viabilizar a oportunidade para que o Humberto possa aqui dizer, "Olha, na verdade, eu sei que Fulano deu as ordens para que recebesse essa mercadoria sem nota. Fulano é o proprietário do caminhão que fez o fundo falso. O caminhão tinha esse propósito." Que tu abras o que tu sabes. Com isso, tu colaboras com a Justiça, com a verdade, e, com certeza, tu vais começar a fazer aí a tua própria defesa. É isso que nós estamos permitindo. E nunca ameaçando ninguém.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Eu estou aqui desde o início do depoimento. Um dos males das nossas Comissões é que, por vários afazeres, o dirigente ou os integrantes da CPI, não são eles que fazem todo o interrogatório. O nosso Deputado Pimenta já tinha feito um interrogatório como Presidente. Grande parte de todas as formulações que depois foram feitas e repetidas, o que não é um



mal, já tinham sido feitas pelo primeiro Presidente. E isso é que me preocupa, é a repetição de interrogatórios e questionamentos que já tinham sido feitos exaustivamente. Isso é que me parece que é uma espécie de tortura para o campo do questionamento. Cada um Presidente que chega não ouviu, cada Deputado que chega e não ouviu, e nisso vai formular perguntas que já foram feitas. E nós não podemos tratar um ser humano desse jeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois não, Deputado. Eu só gostaria de explicar que quando a gente fala a verdade, falar 100 vezes a verdade não é tortura.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - É uma maneira de ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Falar a verdade não é tortura. Agora, quando se inventa alguma coisa, falar 100 vezes, talvez na 50^a se mude a versão. E aí se pegue uma versão diferente.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ou na segunda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ou na segunda, ou na terceira.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Presidente, eu só queria fazer uma última pergunta para o Sr. Humberto, antes de o senhor liberá-lo. Até porque nós estamos aqui é para perguntar, nós estamos aqui é para investigar, e esse é o momento de oitiva da CPI, nós temos que fazer isso. Essa é a nossa função.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E só para deixar bem claro: pessoas como o Humberto é que menos interessam à CPI...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como disse bem o Deputado Pompeo, o que nos interessa são os cabeças disso.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Com certeza. Como os bandidos no nosso País estão sendo supridos em munição é isso o que nos interessa. E muitas vezes as únicas que acabam pagando na Justiça são justamente os motoristas, são justamente os carregadores, enquanto os graúdos ficam rindo à toa e dando gargalhada do sistema.

O SR. DEPUTADO ALCEU COLLARES - Ele terá proteção? A Deputada levantou o questionamento que não foi levado adiante. Ela tem preocupação com a vida dele, ela tem preocupação com a vida dele depois do depoimento dado. Acho



que a Comissão terá de tomar medida no sentido de dar proteção à testemunha ou ao indiciado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não vejo problema nenhum. Vamos ouvir a Deputada Perpétua.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Humberto, em algum momento percebi que o senhor ficou sensibilizado, emocionado. O senhor tem medo de que aconteça alguma coisa com o senhor a partir de alguns nomes que o senhor citou aqui? Quem o senhor acha que seria alguém um pouco mais violento, ou pisaria na bola, ou faria mais ameaças para o senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu acho que vem mais lá de Pernambuco.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - De quem? O senhor acha que viria de Pernambuco.

O SR. HUMBERTO SILVA - É, lá de seu Antônio, de Pernambuco.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Antônio?

O SR. HUMBERTO SILVA - É.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor acha que ele seria capaz de se chatear com esse depoimento, reagir contra o senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Ele pode se chatear, mas eu vim aqui falar a verdade. Eu não tive apoio de nenhum deles, que fique bem claro. Ele botou dois advogados para ele, para mim ele não deu nenhum advogado. Meu advogado é Deus.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O Dr. Paulo lhe apoiou em algum momento?

O SR. HUMBERTO SILVA - Nem o vi.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor tem medo que ele ou o Sr. Antônio façam alguma coisa com o senhor?

O SR. HUMBERTO SILVA - Doutora, a gente deve esperar de tudo, não é? A gente não pode dizer: "Ah, não tenho medo, não". Do diabo da traição nem Deus fugiu, a senhora está entendendo? Agora, eu não protejo ele, porque ele não me deu proteção nenhuma. Tive esse erro, como o Presidente da Câmara está falando, que ele não mandou ... Ele mandou botar, ele mandou guardar no fundo fixo. Agora, foi um negócio, como o Presidente está falando: "E para que você botou?" Aí é que fica a história. Eu já estava com oito dias fora de casa. "Não, vou levar, estou com a



mercadoria, estou com a nota, outra não". Arrisquei e me dei mal, paguei pelo meu próprio erro. Como eu falei para o senhor, eles saíram logo da cadeia, porque ele botou dois advogados. Eu não saí da cadeia, eu fiquei no meio de dezoito presos — traficante, ladrão de banco, assassino. Eu fiquei quinze dias sem comer, só fazia beber água e comer banana. Eles saíram e eu fiquei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles saíram logo.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não tinha parente, estava longe de casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esse é o meu receio. Esse é o receio de toda a Comissão, que os pequenos paguem e os graúdos fiquem impunes. Esse é realmente todo o receio que nós temos.

O SR. HUMBERTO SILVA - No dia que fui preso o Dr. Alexandre falou: "Você agora está lá em cima, mas você pode ficar lá em baixo, depende de eu pegar todos eles". Então, eu acho, doutor, que quem tem que pagar por isso, como o doutor ali explicou, é o cara que é o dono do caminhão, o cara que mandou fazer o fundo falso, que não fui eu. Eu não tenho caminhão, sou empregado, sou simplesmente um batalhador. Muitas vezes a gente pode até morrer ou ficar não sei quantos anos na cadeia por causa de quinhentos contos. Eu não tenho um emprego bom. Eu não tenho. Se eu tivesse um emprego bom eu não vinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu fazer uma última pergunta, em razão do requerimento de dois Deputados, aqui, verbal. Tu te sentes ameaçado, gostaria que a CPI pedisse proteção policial para tua vida? Eu coloco à disposição de ti proteção policial e tudo o mais.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu tenho que pedir aos senhores, vou ter que pedir aos senhores, eu não posso pedir, porque eu sou.... Mas eu acho que o senhor deve dar proteção à minha vida. Tenho minha filha, tenho dois netos. Claro que eu tenho que ter proteção. Medo de ir para casa eu não tenho medo. Eu pegando o avião, me deixa no aeroporto, eu vou embora, não tenho medo de ir para casa, mas se quiser o Ministério Público me dar proteção, é claro que eu vou querer, porque eu posso voltar aqui de novo, eu não estou aqui, eu posso voltar às vezes que o senhor quiser, o senhor vai depender de mim, vai me chamar e eu estou aqui, estou vindo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu sentes receio, então, que alguém possa ameaçar a tua integridade física?



O SR. HUMBERTO SILVA - Não, porque eles moram longe de mim. Mas não é porque eles moram longe que a gente não pode se encontrar algum dia, porque lá de Feira mesmo eu sei que não tem ninguém que vai me ameaçar, mas os outros não sei como eles estão comigo, porque o outro me ameaçou achando que fui eu que tinha entregado a carga para a Polícia Federal. Eu não entreguei a carga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, de ofício, peço à Secretaria da Comissão que peça à polícia da Bahia, que é onde ele mora ...

O SR. HUMBERTO SILVA - Feira de Santana.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) -... e à Polícia Federal para que possa dar segurança à testemunha.

O SR. HUMBERTO SILVA - Hoje mesmo estou chegando a Salvador. Se eu for embora hoje, vou chegar em Salvador meia noite.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Inclusive, se fosse o caso, acho que já pode alguém agora, neste momento, alguém pode esperá-lo no desembarque, depois entra em contato com a Secretaria da Comissão para dar todos os detalhes, para não dar em público, aqui.

O SR. HUMBERTO SILVA - O Prefeito já telefonou para a Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas aí entra em contato sem dar em público o vôo, essas coisas todas, e a Secretaria vai passar um fax imediatamente para que seja dada garantia à sua vida.

O SR. HUMBERTO SILVA - O senhor me dá um minuto. Quero agradecer aqui o pessoal da Comissão, da CPI, que me deu todo o apoio quando cheguei aqui, o pessoal da Sala nº 8 me deu todo apoio, fui bem tratado aqui, desde o aeroporto até aqui, almocei, levaram-me para almoçar, fui bem tratado. Quero agradecer aos senhores. O que os senhores puderem fazer pelo Brasil da gente, pela desarmamento, o senhor pode fazer, se depender de meu apoio, estou aqui a hora que o senhor quiser mandar me chamar, pode me chamar que eu venho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu só quero uma coisa: se fores ameaçado, qualquer coisa assim, mesmo com a Polícia lá, gostaria que tu comunicasse, claro que, em primeiro lugar, vai comunicar logo à Polícia, que vai lhe dar segurança, mas eu gostaria de saber. E se lembrares de alguma coisa que ache importante, por favor, sabe os telefones da CPI, ligue para nós.



O SR. HUMBERTO SILVA - Eu sei o telefone. Ligo para o senhor. Tem o telefone da minha residência aí, por sinal está até atrasado, porque estou sem dinheiro para pagar, mas o senhor pode ligar, não liga a cobrar, não, porque não recebe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Obrigado.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu não estou mentindo para os senhores. Eu vim de casa com dois reais no bolso. Saí de casa quatro horas da manhã, o pessoal foi me pegar às quatros horas da manhã, mas vim e venho a qualquer hora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E a luta desta CPI é para que pessoas que nem tu não paguem pelos maiores.

O SR. HUMBERTO SILVA - Mas eu acredito, doutor, que o senhor vai vencer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado.

O SR. HUMBERTO SILVA - Eu acredito que os Srs. Deputados vão vencer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está dispensado, Humberto. Obrigado.

Solicito ao Sr. Luís Mário Belleza para tomar assento aqui à frente e fazer o juramento. (*Pausa*)

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Faço, sob a palavra de honra, a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor já sabe, o senhor tem por formação Direito, não é?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, senhor. Eu tenho superior incompleto de Agronomia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agronomia. Então, eu vou fazer. Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto ao depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho assim descrito no Código Penal.

"Art. 342. Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial ou administrativo ou em juízo arbitral".



Feitos esses esclarecimentos, tem V.Sa. a palavra pelo tempo que julgar necessário para expor seu lado do problema.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Muito obrigado, Presidente. Em primeiro lugar, senhoras e senhores, o Dr. Pompeo de Mattos, Deputado, já esteve no meu escritório uma vez e depois conversamos outra vez numa galeteria, em Porto Alegre, (*ininteligível*) em Bagé. Nossa saudação. No dia 15 de abril de 2003, às oito e meia da manhã, recebi a visita da Força Tarefa do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul para combate ao crime organizado, em minha casa, em Bagé. Entrou o Capitão Tabajara Rangel e me pediu as armas, as munições, os uniformes camuflados e as tocas ninjas. Os uniformes camuflados e as tocas ninjas devia ser um função de um evento que houve numa possível invasão do movimento sem-terra em Dom Pedrito, e apareceram na foto da capa da *Zero Hora* algumas pessoas vestindo uniformes camuflados, desses de fabricação nacional, com toca ninja. Eu, imediatamente, fiz passar o capitão e os integrantes da força e levei-o à sala onde tinha a minha coleção de armas. Imediatamente, eles passaram. A minha coleção de armas é toda acomodada em caixas de madeira com espuma, a coleção foi toda levada para a sala da minha residência, e eles examinaram toda a minha casa, peça por peça. Levaram os meus celulares, levaram fotos, levaram documentos que acharam importante levar. Enfim, ficaram das 8h30 até as 17h30 da tarde na minha casa e aí me levaram junto para o fórum. Não foi me dada a voz de prisão. Fui junto para o fórum, onde foram abertas todas as caixas das armas, montadas e foram juntadas a outras coisas que tinham sido apreendidas em casas de outras pessoas, porque a megaoperação entrou em 20 casas — parece que é isso, não tenho certeza. Uma vez no fórum, com todas as armas montadas, foram feitas as fotos, e um capitão, do qual não lembro o nome, todo vestido de preto, chamou os repórteres e fez as suposições de tráfico de armas, tráfico de drogas — existia um dinheiro falso apreendido com outra pessoa — e membro de superquadrilha, foi criada a superquadrilha. Eu não conhecia o outro senhor que tinha o dinheiro falso, só conhecia de fotos no jornal porque ele é um advogado atuante em Bagé. E dos outros membros que tiveram a casa visitada, eu conhecia um cabo da brigada, que atirava conosco, do clube. O meu aspecto agora, eu em Bagé. Fui residir em Bagé em 70, em agosto de 70. Eu corria de Kart, não tenho talento para futebol, tênis e outras coisas. Aí, levei o Kart para Bagé, fizemos diversos corridas em Bagé e



depois, no final, da primeira vez que Carlos Azambuja foi Prefeito de Bagé ele construiu um kartódromo. Fizemos dois torneios, um da cidade e outro regional, eu fui vencedor dos dois torneios. Representei Bagé no automobilismo na fórmula Ford, na divisão 3, no ano de 73. Pratico o tiro esportivo desde os anos 70, já no Clube de Tiro e Caça de Bagé. Na ocasião que se deu o evento, já em alguns anos eu era vice-presidente do clube; primeiro eu fui diretor de divulgação, depois fui vice-presidente do clube e era diretor de tiro do Círculo Militar. Eu atirava em todas as categorias, e isso era público dos jornais, posso mandar para os senhores cópias. A minha coleção de armas... São todas armas diferentes, só tem dois revólveres iguais, e assim mesmo os cabos são diferentes. Eu sou um desportista basicamente no assunto. Se foi interpretado ou for interessante interpretar como tráfico ou fazer toda a alaúza que foi feita, faz dois anos que esses eventos aconteceram, dois anos e dias, e até hoje eu não fui acusado de tráfico de armas, de tráfico de drogas, de falsário ou de membro de superquadilha. A situação toda fica em função do atual momento das armas no País. Então, eu deixo à disposição dos senhores, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, fica à disposição. A sua parte preliminar seria essa. É isso, Dr. Belleza?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Podendo ter algum detalhe que eu me lembre depois, mas em princípio é isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputada Laura Carneiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sr. Luís Mário, o senhor disse que na força-tarefa foram apreendidas, além das armas, fotos. Que fotos?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Fotos minhas, fotos do clube, com os atiradores no clube.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, então, isso que eu queria saber, eles não levaram todas as fotos de família, levaram fotos ...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eles levaram ... Eu realmente não sei quais as fotos, porque eu não vi as fotos depois que foram levadas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas o senhor sabe que levaram fotos e imagina que essas fotos eram do senhor atirando no clube, no Círculo Militar, enfim, é isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Imagino.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tinha autorização para essas armas? Eram armas legalizadas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Umas quantas armas são legalizadas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quantos não eram e quais?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Algumas não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quantas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não sei, Deputada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não saberia dizer.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu teria que ter o laudo, eu tenho o laudo lá da... que a Polícia Federal fez ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que o senhor entregou, o senhor tinha uma, duas, três, quatro, cinco, seis carabinas, estou certa? Estou lhe dizendo, porque estou por acaso ...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, sim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Duas espingardas, três fuzis, uma metralhadora, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis pistolas, cinco revólveres e quatro rifles. Pode ser isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Pode ser. Se foi tirado do laudo da Polícia Federal...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Como?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Se essa informação veio do laudo da Polícia Federal ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Com certeza.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É possível.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Além disso, o senhor tinha cartuchos de várias armas. O senhor tinha alguma granada?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tinha uma granada de gás e uma granada de instrução. A granada de instrução é uma granada vazia, é uma granada que se usa no Exército para instrução, que me foi presenteada há uns anos atrás.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor ... Desses armas, algumas delas eram de uso exclusivo do Exército?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem umas quantas armas ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Das Forças Armadas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Deixa eu lhe dizer assim, que eu me lembro, tem umas quantas armas que são armas anteriores à Segunda Guerra Mundial; tem umas quantas armas da Segunda Guerra Mundial e depois disso não tem nenhuma arma pertencente ao Exército brasileiro, não tem absolutamente nenhuma arma ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De uso exclusivo?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não tem nenhuma arma de uso exclusivo do Exército.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nenhuma arma. O senhor se cadastrou como colecionador no Ministério?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Em 1995, eu tive um problema impositivo com a Receita Federal. Em 1997, quando foi dada a anistia, eu não consegui a negativa para poder me cadastrar. Mas, como é que eu vou lhe dizer, acontece que a minha coleção em Bagé é pública, ir na minha casa e achar armas, em Bagé, é a mesma coisa que ir na farmácia e achar remédios.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu já entendi, o senhor está dizendo que tacitamente se entenderia que o senhor é um colecionador, embora o senhor não tenha registro. Mas o senhor também sabe que esta Casa votou uma lei, existe uma legislação nova sobre o assunto, e a legislação impõe como condição *sine qua non* para existência de arma o seu registro como colecionador. O senhor é um interessado na área, portanto sabe da matéria, podia inclusive ter-se credenciado como desportista, não necessariamente como colecionador. O senhor disse aqui que o senhor era, eu anotei, a sua palavra foi que o senhor era um desportista. Nem que fosse como desportista o senhor podia ter-se cadastrado também.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu sou atirador federado e confederado na Confederação Brasileira de Tiro ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas porque não utilizou esse documento para se cadastrar junto ao Ministério?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque sem a negativa militar, federal e estadual não se pode cadastrar junto ao SFPC3.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor, de qualquer jeito sabe que é como cometer o risco, assumir o risco porque ...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Foi... Perfeitamente. Foi uma lei nova. Eu não pude cumprir com a lei por esse detalhe, mas era público, não tinha nada escondido.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor disse que eles foram... Que o senhor foi acusado de participar de uma quadrilha, de uma grande quadrilha, não é isso? E quem eram os seus comparsas nessa suposta quadrilha? Quem seriam, desculpe, quem eram não, quem seriam os seus comparsas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Os outros que tiveram as suas casas revisadas àquele dia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o senhor, claro, deve saber hoje quem são.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Daquelas pessoas eu só conhecia, porque uma vez almoçou conosco, ou melhor, jantou conosco no Clube de Tiro e Caça o Capitão Maciel e um cabo da brigada que atirava conosco.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o Capitão Maciel também foi... Foram vários que foram... Todas busca e apreensão. É isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Todas busca e apreensão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor teve acesso aos autos? Chegou a ler ou o seu advogado?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Dos autos das outras pessoas eu não tive acesso a nenhum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, mas na verdade isso deve estar num processo grande de... Deve ter bando ou quadrilha. Portanto está tudo lá.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não tem processo. Contra mim não tem processo nenhum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Processo não, inquérito. Não tem o inquérito?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Inquérito tem. A Delegacia de Polícia Federal manda para o juiz; o juiz manda para o promotor; o promotor devolve para o juiz. Isso vem acontecendo há 2 anos.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o seu advogado já teve acesso, vista aos autos do inquérito.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o que ele explica para o senhor?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ele não me explica nada, vamos dizer assim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ele não lhe disse nada?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não tem o que dizer. O que tem é exatamente o que a senhora falou. As armas existem. Existe problema de irregularidade em relação ao registro das armas? Existe. Agora, tirando fora isso, não tem mais nada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o possível indiciamento do senhor seria pelo porte de armas... Nem o porte, pela posse de armas não cadastradas. É esse o indiciamento? Eu quero saber qual é o tipo? Foi isso? O senhor foi indiciado ou o senhor ainda está sendo investigado?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, eu não fui indiciado. Eu estou sendo investigado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É o senhor deve estar indiciado nos autos.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não estou indiciado. Indiciado já, eu imagino que já siga para o promotor, não é?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não. Indiciado o senhor está. Provavelmente está. Eu só queria saber em que tipo. Bom, então, só pela posse de armas. Não é isso? Então, o senhor diria que o senhor não tem os documentos. Efetivamente não tem. Não conseguiu esse registro no Exército porque o senhor não tinha a documentação da Receita Federal que lhe permitisse a certidão...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Deixa eu lhe contar uma coisa que faltou. Eu ia ser o próximo presidente do Clube de Tiro. Então... E já ia ser no mês de maio. Estábamos reunindo armas. Além das minhas armas tinham outras armas de amigos na relação, com documento. E nós íamos fazer uma exposição para arrecadar dinheiro para o clube.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês iam fazer uma exposição...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Nós íamos fazer uma exposição no clube.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De armas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - De armas, para arrecadar dinheiro para o Clube de Tiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E o que o senhor acha que isso pode ter a ver com...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não, não. Eu só estou lhe dizendo que tinham armas de outras pessoas aí na relação.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Nas suas armas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Foram juntadas na minha casa... O departamento histórico do clube pediu para juntar na minha casa para eles poderem catalogar. Fazer toda...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E armas de quem que tinham juntas lá?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - De outras pessoas companheiras do clube.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que outras pessoas, por favor.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Está tudo na Polícia Federal.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu queria que o senhor dissesse para nós.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - São atiradores do clube. Companheiros de tiro do clube.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eles não têm nome?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Dar os nomes? Ah... Bento, Suinha Gonçalves, Mário Lopes, Edson Garrastazu Almeida, Boaventura Matos Júnior, João Jerônimo Félix...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Todos eles tinham armas aqui?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essas pessoas tinham armas na minha...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, essas armas daqui são as suas e as deles?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - E algumas deles. Algumas deles.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, quantas armas na verdade o senhor tinha?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Minha deviam ser umas 30 e poucas...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Trinta e poucas ou trinta e quantas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não sei, minha senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Só um minutinho. Deixa só eu explicar uma coisa para o senhor. Só um minutinho.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Veja bem: quando a gente tem as coisas, a gente tem as coisas em casa. Eu não faço uma lista.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Seu Luiz Mário, eu estou tentando ser delicada com o senhor, mas, veja bem, também não... tente entender que um colecionador de armas tem que saber minimamente quantas armas tem: trinta e tantas ou trinta e poucas não existe. Ou tem trinta, ou tem vinte e nove, ou tem trinta e quatro, ou trinta e seis. Agora, eu não acredito que um colecionador de armas não saiba quantas armas tem. Minha filha, que coleciona papel de carta, sabe quantos ela tem.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Excelência, não há nenhuma intenção de desrespeitá-la, em primeiro lugar. Segundo, se eu tivesse a lista, se eu tivesse aqui com o laudo da Polícia Federal, eu poderia lhe dizer: esta arma é minha, aquela não é minha; essa também é minha, essa é do fulano, aquela é do sicrano. Mas eu não trouxe comigo o laudo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor quer que eu leia arma por arma? Se o senhor Relator me permitir? O Relator, antes, vai fazer perguntas e depois eu leo arma por arma para o senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu queria entender, Belleza, o seguinte: falaste que tinhas várias aí que são armas antigas, históricas, não é?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Quantas armas dessas aqui são armas, digamos assim, consideradas armas novas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem duas pistolas Glock ...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Duas? São duas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Duas pistolas Glock.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Duas pistolas Glock. Nove milímetros?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. O que mais?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tenho algumas nove milímetros mais antigas, tenho uma SIG Sauer, que é mais antiga...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, mas, armas consideradas novas, relativamente novas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Das minhas, não é? Eu estou respondendo das minhas. Das minhas são as duas Glock; tem revólveres, mas que foram comprados na década de oitenta e mais alguma pistola. Vamos dizer, novas de lançamento, não é, doutor?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Novas que não sejam da Segunda Guerra.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Pois é. Das minhas são as pistolas Glock.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só as pistolas Glock? Eu quero chegar num raciocínio aqui. E essa munição toda, de quem era?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A grande maioria da munição era minha, mas se o senhor observar, a munição tem vinte mil tiros e calibre 22.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas a munição — me corrija se eu estiver errado — vence, não pode ficar velha.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito? A munição só tem sentido se tu usares, senão ela se estraga e não serve para nada.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Normalmente, durante os meses de outono e inverno, eu dava, no mínimo, dois mil tiros por semana, doutor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Dois mil tiros por semana.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Normalmente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Com que arma?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Com 45, com nove milímetros, com 38...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Com 22...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mesmo que o senhor fosse registrado, o senhor poderia ter uma 45?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Como?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor poderia ter uma 45?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, como colecionador registrado, como atirador. Os atiradores de tiro prático, mesmo que não sejam colecionadores, podem atirar com 45. Não podem agora atirar com nove milímetros, mas até há poucos anos podiam.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mesmo não sendo registrado? Mesmo sendo considerado colecionador, o senhor também era um atirador que, além de ser atirador, utilizava armas tipo 45 e nove milímetros?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, senhor. Eu era o responsável pelo tiro em Bagé. Todo tiro em Bagé. Eu organizava todas as provas de tiro em Bagé, tanto no Clube de Tiro como no Círculo Militar, como nos arredores da cidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo, mas eu quero saber o seguinte: essa munição, o senhor utilizava e fornecia para terceiros?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, senhor. O que era de munição minha - porque aqui tem munição que não é minha... o que é de munição minha...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero saber o seguinte: o senhor tinha lá, o senhor não era registrado, o senhor... não é? Então, o senhor tinha lá, vamos dizer aqui: mil cartuchos de .45. o senhor comprou da onde?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Excelência, os cartuchos de 45 eu tenho há tempos. Eu tenho, provavelmente, da década de oitenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Depois, aqui embaixo tem mais 1.437 de 45 também.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor comprou da onde?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Também são balas da década de oitenta ou início da década de noventa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Entendi, Dr. Belleza. Eu quero saber onde o senhor comprou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pede a nota.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Nos clubes de tiro. Isso aparecia nos clubes de tiro com facilidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas quanto tempo dura um cartucho desse?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A cápsula?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Era só a cápsula?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Não. A bala inteira dura o que a gente gasta. Gastou...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Entendi, Dr. Belleza. Me diga uma coisa: quanto tempo leva para estragar a bala?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ah! Depende. Depende de como estiver acondicionada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor, que acondiciona bem, quanto tempo demora o cartucho na sua mão? O senhor que é um grande colecionador?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Dura, no mínimo, uns 15 anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Essas balas de 45, são de fabricação da onde isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ah...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Só para entender.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Fabricação nacional, fabricação estrangeira... Tá tudo na lista.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero entender. Eu sei. Eu estou vendo aqui. Quero entender o seguinte: o senhor tinha... só aqui eu já achei dois mil e quinhentos cartuchos de 45. O senhor comprou de quem esses cartuchos de 45?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Excelência, isso tudo foi comprado na década de oitenta, provavelmente, início da década de noventa...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu não perguntei quando o senhor comprou; eu perguntei de quem o senhor comprou.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas eu não me lembro, doutor. Não posso me lembrar de tudo isso. São coisas antigas. Isso era a vida de clube. Aparecia uma prova, se comprava uma caixa de um, duas caixas de outro, cinco caixas de outra.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor tem, por exemplo, cartucho de — o senhor desculpe a minha... — Lapua. É esse o nome?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Lapua.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Lapua.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Munição finlandesa.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Lapua 762. 356 cartuchos. Como é que o senhor conseguiu? No Clube de Tiro?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa munição foi importada. Mas deixa eu lhe explicar uma coisa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Arma finlandesa, 762.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Me permita explicar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Claro. Eu quero entender.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Permita eu explicar. A Confederação Brasileira de Tiro, há alguns anos atrás, solicitou à Federação Gaúcha de Tiro Prático, que organizasse provas de rifle, Campeonato Gaúcho de Rifle. O Campeonato Gaúcho de Rifle é um campeonato de fuzil. É o único Estado da Federação que tem esse campeonato. São realizadas provas diversas. Normalmente, são realizadas em unidades militares por causa da segurança, porque é uma munição muito perigosa, então, são feitas em stands militares. Como lá em Bagé, onde eu fiz realizar três provas: uma inicial e duas válidas pelo campeonato gaúcho. Eu fui o introdutor do tiro de rifle lá em Bagé. Eu atirava em duas categorias. E essa munição foi importada e muitos atiradores compraram. Foi importada para esse fim, para o tiro de rifle.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor importou essa munição?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não, não. Alguém importou. Os Clubes importaram com autorização.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. Mas o senhor poderia nos dizer de quem o senhor comprou esses cartuchos de 762?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Doutor, isso é coisa que eu já tenho há tempos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, quer dizer que o senhor não se lembra de quem o senhor comprou.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vocês dois estão me aparteando. Então, se vocês me deixarem e depois vocês voltarem, agradeço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É. Deixa... Me dá licença só... Mas só nesse ritmo, eu só fiz um calculozinho básico. O senhor disse que dá em torno de dois mil e poucos tiros por mês. É isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Às vezes, por semana.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Às vezes por semana. Mas vamos botar dois mil e quinhentos por mês. Daria trinta mil tiros por ano. Como é que o senhor vai usar munição de quinze anos atrás? Tem que usar munição atualizada. Com trinta mil tiros por ano...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Se a munição está boa, não tem problema nenhum.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Onde é que o senhor guarda tanta coisa?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas então o senhor comprou nos anos 80 uns 500 mil cartuchos, foi isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Oitenta, noventa... início dos anos noventa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E guarda onde? O senhor guarda onde a munição?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Na minha casa. Era guardada na minha casa.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Doutor, da onde o senhor comprou esses cartuchos de 762, finlandês?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Esses cartuchos foram comprados em provas de tiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Isso eu já entendi, doutor. Eu perguntei da onde? Com quem?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Dos demais atiradores de rifle.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Comprou de outros atiradores?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - De outros atiradores.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Quem? Quem?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não me lembro, minha senhora. Não me lembro. É muito fácil...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É caro?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Hein?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É caro?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, mas é só fazer essa pergunta para a Federação Gaúcha de Tiro Prático, que tem a lista de todos os atiradores lá, que



eles vão lhe informar, porque essa munição era importada para esse fim. É para esse fim que era importada essa munição.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, quero fazer então... Doutor, por que o senhor tinha lá uma metralhadora ponto 45?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque é uma peça de coleção da Segunda Guerra Mundial, essa é a Grease Gun, que foi fabricada para substituir a Thompson, que era muito cara a fabricação, foi fabricada a Grease Gun. E essa metralhadora, doutor, só tem um carregador. É uma peça com apenas um carregador.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. E o senhor chegou a atirar com ela alguma vez?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, atirei. Atirei no clube. Testei ela...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Munição de ponto 45? Também é isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, munição de ponto 45, usada pelo Exército americano e acho até que pelo Exército brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - E ela dá 400 tiros por minuto, é uma metralhadora mais lenta.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E essas 2 pistolas Glock que o senhor tem, o senhor comprou de quem?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essas pistolas foram compradas de atiradores.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor lembra de quem?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Posso continuar?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É que os senhores estão querendo levar o negócio para o lado do tráfico. Isso é clube, é vida de clube de tiro. Isso é coisa antiga, de anterior à lei, anterior à lei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Doutor, ninguém aqui está levando nada para lugar nenhum. Nem o senhor tem — o senhor me perdoe —, mas o senhor também não tem aqui o direito de ficar questionando como o Deputado fala, nem o que pergunta.



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Me desculpe. Me desculpe.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos continuar então. Essa carabina de 9 milímetros, de quem é? É sua? Se o senhor quiser, a gente acompanha junto aqui. Primeiro, a carabina de 9 milímetros.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A carabina, essa é uma carabina Beretta, que eles não souberam identificar, que foi usada pelo Exército italiano na Segunda Guerra Mundial.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tá, então essa é da Segunda Guerra. A carabina BRNO?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa é uma carabina calibre 22.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tudo seu?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor não sabe se é seu?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, porque tem alguma que não é minha. Eu tenho que ver o número da arma. Eu tenho que ver...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas só tem uma. Só tem uma carabina.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, tem outras mais embaixo. Tem outras mais embaixo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Desculpa, essa carabina ponto 22, só tem uma.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Me desculpe, mas se a senhora procurar embaixo, tem mais.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Me desculpe o senhor. Outra é 30, outra é... Tem três 30 e uma 38. Acabou. Não tem mais carabinas. São só 6 carabinas.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A senhora me permite olhar?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro. Pode olhar. Agora, eu que fico... Como é que o senhor não sabe quais são suas armas? Que colecionador é esse? Já não tem registro, então a gente tem que acreditar que o senhor é colecionador. O senhor não ajuda.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não, estou querendo ajudar, doutora.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor falou que não tem registro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, Belleza, quando a gente pergunta...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, vamos continuar. O senhor não vai ler tudo, não. Estou lhe perguntando é sobre essa carabina aqui?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não sei, eu não vi o número dela, minha senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Que número o senhor quer? O senhor não sabe, então....

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Se a senhora tivesse me avisado, eu tinha trazido o laudo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, eu não tenho que lhe avisar nada. O senhor tem uma...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ah! Bom, mas...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi feita uma busca e apreensão na sua casa.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu posso lhe dizer o que eu sei. Se eu não tenho o laudo da Polícia Federal aqui comigo, eu não posso dizer se essa arma é essa ou aquela.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Foi feita uma busca e apreensão na sua casa. Na sua casa.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Isso foi apreendido na sua casa. O senhor disse aqui que era colecionador. Eu só quero saber se o senhor é colecionador. Aí o senhor disse que o senhor é colecionador, mas que tinham outros que tinham deixado as armas na sua casa, porque haveria uma exposição. Aí, eu lhe disse: pois então, está bem, quais eram as armas dos outros? O senhor me disse: não, eu tenho que saber o nome de arma por arma, e eu vou dizer se é minha ou se não é. Eu estou fazendo isso, mas o senhor continua sem dizer.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem 3 carabinas BRNO.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Bom, então elas não constam aqui, foram desviadas no caminho, porque aqui tem uma.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Parece um rifle. Talvez ele esteja...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não sei, só se está como rifle. Como carabina não está.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É, aparece como 1 rifle, lá embaixo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tem um rifle BRNO. Outro. Segundo rifle. Então, não tem 3.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - (*Ininteligível.*) Cazaquistão.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Onde é que está a outra?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, só tem esse.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Você achou essa como rifle.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E o primeiro que ...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a outra como carabina. Então, só são 2, não são 3. Já não são 3.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - São 3 rifles BRNO.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, um sumiu. Pelo menos do laudo. Bom. Está bom. Então, de quem eram os 3? Vamos lá. Quantos eram seus e quantos eram de outros?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Dois eram meus...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E um era de quem?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - ...e um era do Edson Garrastazu Almeida.

Tem documento, tudo certinho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor também tem documento dessa? Dessas 2?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não tenho.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não tem. Da Beretta, o senhor tem documento?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A Beretta é como eu lhe disse também, é uma peça de coleção da Segunda Guerra Mundial que eu também não tenho documento.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sim, mas o senhor comprou de alguém.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa... Bom, tem 17 armas que pertenciam ao meu pai. Tem declaração nos autos.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo. Tem 17 armas que já eram do seu pai e que o senhor herdou.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Que eram armas antigas. Essas mais antigas todas eram dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Então, vamos lá: tem uma carabina General Motors...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa era do meu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Seu pai. Outra carabina General Motors...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Também era.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também era do seu pai. Uma Underwood ponto 30.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Também era.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Do seu pai. Uma Winchester ponto 38.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa é minha, tem documento.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Sua e tem documento. Uma espingarda Browning, calibre ponto 12.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa espingarda é de um outro rapaz, não estou me lembrando o nome dele, tem documento. É uma arma para atirar skeet.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Uma espingarda Zabala Hermanos ponto 12.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa espingarda é...essa espingarda é minha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor tem documento?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Um fuzil sem identificação nenhuma. Até o calibre eles não conseguiram identificar. Está aqui como "prejudicado". Um outro fuzil ponto 30 e o outro fuzil russo. Quais eram os seus e qual não era seu?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Fuzis, tem um Garand...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O russo também deve ser?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Fuzis, tem um Garand, que era da Segunda Guerra Mundial, que era do meu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Tem um o quê?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Um fuzil Garand.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então deve ser esse o prejudicado.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem o Garand e mais dois, tem três fuzis antigos que eram do meu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O russo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Depois tem...O russo é um AK-47.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É um AK-47. É um AK, não sei se é 47, mas o senhor está dizendo aqui e estou anotando, porque não foi identificado ainda. E tem um ponto 30. Está aqui, "fuzil ponto 30", não sei a marca.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É um fuzil 3006. Também é do meu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Também é AK?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, é um fuzil de ferrolho, antigo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - De ferrolho. E onde comprou o AK?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - O AK eu fui montando ele. Se a senhora tiver oportunidade de ver, não fecha número com número.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor foi montando o AK.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Fui conseguindo as peças devagar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E como consegue peças para montar um AK?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ah!... aparece, o pessoal junta, alguém tem isso, alguém tem aquilo, vai juntando...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É fácil assim?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não! Absolutamente. Não, a senhora não precisa...Veja bem, veja bem...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não é fácil assim. É por isso que cada vez eu me convenço, Deputados — os Deputados do Sul principalmente —, cada vez eu fico mais feliz com o meu relatório no desarmamento. Cada vez eu fico



mais, porque eu ouço um negócio desses e fico assustada. Eu juro que me assusta. Quer dizer que você monta uma AK fácil?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Negocinho fácil.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não é fácil. Levou muitos anos...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É só você ser colecionador.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Levou muitos anos para eu conseguir.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - O AK-47 é uma arma que tem só um carregador e eu nunca consegui dar um tiro com ele porque eu nunca consegui uma bala, porque é dificílimo conseguir essas balas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pelo menos! O senhor ia dar tiro aonde com ele?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - No clube, minha senhora! Era para testar, experimentar uma coisa nova, uma arma nova.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - No clube. Está certo. A metralhadora o senhor já explicou ao Deputado, não é isso? Mas é sua?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É minha.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A ponto 45 é sua?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, essa ponto 45 é do seu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Essa é do seu pai. Qual é a sua?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É das antigas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a sua qual é?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, essas são minhas hoje, mas eram do meu pai. São origem do meu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas o senhor tem isso inventariado de alguma maneira? Está no inventário?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem, tudo. Tem inventariado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Inventariado, quando eu digo, esteve no inventário do seu pai?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, o meu pai é vivo, vai fazer 93 anos.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Ah, desculpe-me. Então o seu pai está vivo, mas então ele tem os documentos?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ele já fez a declaração.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não, não. Ele já tem a declaração de todas essas armas, tudo documentadinho, não é isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A senhora me permite fazer uma explanação?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Claro! Todas.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A nossa família tem tradição na coleção de armas. Tinha um primo-irmão do meu pai que se chama Miguel Belleza que tinha a maior coleção de armas dos anos 40 e 50, uma das maiores do Rio Grande do Sul. Ele morreu em 57, se não me engano, e essa coleção foi vendida para o Arlindo Zatti. Depois iam vender para os americanos, e o Governo brasileiro entrou e não deixou vender essa coleção que é de 1.500 peças, que foi trazida para Brasília e eu até hoje não sei em que museu está.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está certo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Então, aí tem peças que o Miguel deve ter dado para o meu pai, outras peças alguém deu ou ele comprou, mas tudo coisa dos anos 30, 40, 50.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Vamos continuar. A pistola Benelli ponto 22, é sua?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa pistola tem documento.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas é sua ou de algum amigo?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa pistola foi comprada de um atirador.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas tudo documentado?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É minha, está documentado.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - A Beretta 9mm? Tem duas Berettas 9 milímetros.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - As Berettas...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Duas.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A senhora sabe que...deixa eu lhe dizer uma coisa: eu vou fazer confusão. Nessa maneira como está sendo feita aqui, isso está sendo tudo gravado, eu não estou com o laudo da polícia. Eu tenho um laudo onde eu tenho tudo anotado.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor devia ter trazido, não é?
Nem imaginou, não é?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Nem imaginei que fôssemos nos deter...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O que o senhor acha que a CPI das Armas quer saber? Sobre o quê?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas é uma coleção de armas, minha senhora. As armas estavam na minha casa. Ninguém está escondendo nada. Era público que eu tinha as armas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Laura, só para ficar mais fácil. Então, só pergunta o que é dele e o que não é.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu estou tentando. Aliás, essa tentativa foi ele que sugeriu.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem coisas que eu não me lembro, são muitas armas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor não se lembra se as Berettas eram suas, é isso? Vamos tentar lembrar. O que o senhor lembrar o senhor diz; o que o senhor não lembrar o senhor não diz. O senhor não se lembra se as duas Berettas eram suas, é isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu prefiro lhe pedir para voltar aqui, com o laudo, e lhe dizer tudo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas eu não quero saber o laudo. O laudo o senhor diz. O senhor não está aqui falando a verdade? O senhor não está aqui falando a verdade?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas pra não lhe mentir...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, o senhor diz: eu não sei responder. Não tem problema. O senhor diz: eu não sei responder sobre essa arma.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Então, eu não sei responder.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não tem problema. A gente vai registrar como não respondido. Tem uma Colt ponto 38 automática.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa também era do meu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Do seu pai. Três Colts ponto 45.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Todas elas pertenciam ao meu pai.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Puxa! Seu pai é culpado de tudo, coitado! Todas as armas são dele agora.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - São 17 ou 18 armas dele. Eu não me lembro bem. Mas tem umas quantas armas dele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Está bom. Então, as 4 Colts são do seu pai.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - São 4 Colts que têm aí?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - São. Uma ponto 38 e três ponto 45. Quatro. Viu como o senhor lembra?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, agora eu lembrei. Desse caso aí lembrei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Depois tem 2 pistolas Fas ponto 22. São suas, do seu pai ou dos seus amigos?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Duas que foram compradas de um atirador. Eu tenho documento.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Foram compradas pelo senhor? Por ele?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Pelo senhor ou pelo seu pai?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Por mim.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a ponto 32?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A ponto 32... tem uma que pertence ao João Jerônimo Félix, e a outra foi comprada por mim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aqui só tem uma.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas deve ter outra mais embaixo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - É... o senhor tem uma pistola FN, que não sei o que é, não entendo nada disso, 9 milímetros. E outra FN... Duas 9 milímetros aqui.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Uma delas era do meu pai.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - E a outra?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A outra é do Coronel Brito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Do Coronel Brito. As duas Glock são suas, que o senhor já disse...



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem umas pistolas Smith & Wesson que eram do Coronel Brito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Smith & Wesson tem 4: uma ponto 38, duas 9 milímetros e uma ponto 22. Tem mais aqui. Ah, não, pistolas são só essas 4.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - São duas 9 milímetros...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Os outros são revólveres.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sinceramente...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu não cheguei nelas ainda.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu vou ficar num constrangimento aqui. Daqui a pouco eu estou lhe dizendo uma coisa e amanhã ou depois: “*Não, mas o senhor disse isso e não era.*”

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu já lhe falei, quando o senhor não souber, o senhor diz assim: “*Não sei responder.*”

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu vou me abster de responder essas perguntas, senhora me desculpe.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - O senhor vai se abster de continuar respondendo, é isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Eu posso voltar outro dia com o laudo e lhe responder sem nenhum problema.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então, essa o senhor não precisa se abster, não. O senhor me pergunta então... e lá vou eu para as exposições. Me diga uma coisa, olha só: foi encontrado, além dessas armas todas que eu já citei e das granadas que eu não sei porque não estão aqui, mas que o senhor falou, 16 armas. Deve ser Fray Luis Beltran 762; 41 cartuchos de FN 762; 175 cartuchos de FN 765; 356 Lapua 762; 8 RWS 765. São todas de grosso calibre ou estou errada? Eu não entendo bem desse assunto, não.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, as 765 são de calibre pequeno, as 762 são de calibre grande.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Então me explique: o senhor tem dessa Fray Luis Beltran; tem 16 mais 41, são 57; 57 com 356 são 411. Para que o senhor quer 411 cartuchos de 762, que é grosso calibre, se o senhor é um desportista. O povo na semana passada Deputada, que V.Exa. não estava aqui, era



caçador. Nesta semana, é desportista e colecionador. Então, é assim: tudo ou é colecionador ou é desportista. Só que o povo da semana passada o senhor viu o que fez. O pessoal da caça e pesca... é o pobre do menino que estava aqui antes, para o senhor ver como é que as coisas são. Mas continuando: por que o senhor precisa, como colecionador ou desportista — sei lá, porque não vejo registro nenhum do senhor —, para que o senhor tem um cartucho de arma tão pesado?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Assim como um tenista tem raquete e bolas de tênis, nós temos armas e munição para o tiro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas para qualquer arma?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas eu atiro de fuzil, minha senhora. Eu tenho as provas dos jornais que eu participava de provas de fuzil. Eu levei as provas de fuzil para Bagé. O Rio Grande do Sul é o Estado da Federação que tem provas de fuzil. Nós atiramos com essa munição. Essa munição para nós é 308.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas é muita munição, não é? Espera aí, eu não entendo. O senhor disse antes que o senhor pegava essa munição nos clubes de tiro, na hora do clube de tiro. Então, para que o senhor levava para casa. Não era mais fácil o senhor usar a munição lá no clube de tiro? Atirar lá no clube de tiro com a munição que estava no clube de tiro na hora da sua atividade esportiva? Para que o senhor levava para sua casa a munição que era do clube de tiro? E não deixava no clube de tiro?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A munição não era do clube de tiro. A munição era minha. As que são minhas são minhas. Eu levava, porque eu ia usar noutras provas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas para que o senhor precisa... Olha só, colecionador não atira. Que eu saiba, eu conversei...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, eu sou atirador. Eu sou colecionador e atirador. Eu era o responsável pelas provas de tiro em Bagé. Eu fazia todas as provas, eu atirava em todas as categorias.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Mas e por que a munição não ficava no clube de tiro, meu Deus, e ficava na sua casa, doutor?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Era minha a munição. A munição que é minha era minha.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor não disse que foi levado para sua casa, porque pediu para guardar lá, porque ia ter uma exposição? O senhor não disse que era do clube de tiro?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Algumas armas foram para a minha casa...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Umas duas ou três...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - ... porque eu ia ser presidente do clube e íamos fazer uma exposição no clube.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Algumas quantas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Quinze, vinte.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Eu vou...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu tenho de lhe trazer o laudo. Com o laudo eu tenho tudo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Até porque, como tem outros Deputados, eu só queria lembrar para os Deputados lerem os dois artigos sobre os quais ele foi indiciado nos seguintes artigos: contrabando e descaminho; e § 2º. “*A pena de reclusão é de 2 a 4 anos na hipótese desse artigo, sem prejuízo da pena eventual de contrabando ou descaminho...*” Ele foi também incursa, portanto, no “*possuir, deter, portar, fabricar, adquirir, vender, alugar, expor à venda, ou fornecer e receber, ter em depósito, transportar, ceder, ainda que gratuitamente, emprestar, manter, empregar, manter sob guarda e ocultar arma de fogo de uso permitido sem autorização e em desacordo com a determinação legal ou regulamentar*”. Ele entra no § 2º desse artigo que é do estatuto. Então é esse, mas o mais importante, o mais forte é o contrabando ou descaminho. Obrigado, Presidente. É a soma. Claro que é a soma, até por causa do § 2º.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Me permita lhe dizer...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Estou lhe dizendo aqui, estou lendo aqui.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Me permita, então, lhe lembrar uma coisa. Na festa toda eu fui chamado de traficante de armas, traficante de drogas...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aqui não tem tráfico, não.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - ... falsário e membro de superquadilha. E agora estou sendo indiciado...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Aqui não tem quadrilha.



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Então, está muito melhor.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Não sei, depende do seu ponto de vista. Mas aqui não tem quadrilha, não tem formação de quadrilha e não tem tráfico, não; tem contrabando.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Belleza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O Deputado Pimenta pode entrar a qualquer momento. Logo em seguida, o Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu confesso que a minha expectativa é que, com a tua presença aqui, nós pudéssemos entender um pouco melhor a forma como se dão os caminhos, as conexões para a entrada de armas e de munição no País. E acredito, de fato, em que pese a pouca memória, que o senhor tem condições de nos explicar um pouco, até mesmo para que a gente possa compreender a forma como essa conexão, essa facilidade. Assim como vocês atiradores têm facilidade para adquirir uma pistola, uma munição, dali a pouco esse caminho também os bandidos estão usando. Então, é isso que nós temos de entender: como é que faz? Por exemplo, me chama atenção que não tenha nenhuma munição aqui, não tem munição de fabricação nacional apreendida?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem sim.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Onde é que está?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem munição 22, tem.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Qual é a marca?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - CBC

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No meu relatório aqui eu não acho. Eu não achei aqui no meu relatório nada de... mas vamos combinar o seguinte: tem munição aqui de tudo quanto é lugar do mundo: tem da Bélgica, tem dos Estados Unidos, tem da Itália, tem da Grã-Bretanha. Tudo isso aqui é importação legal?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu acredito que sim. Eu acredito que sim. Entraram nos clubes. As federações conseguiam autorização para importar. As federações conseguiam uma autorização para importar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para importar...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Para importar munição.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Autorização de quem, do Exército?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Então, as federações, segundo tu estais nos informando — é uma informação importante para nós compreendermos — teriam ao longo desses anos todos obtido junto ao Exército autorização para importar munição?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente. Essa é a informação que eu sempre tive.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E vocês, atiradores, colecionadores, iam nos clubes de tiros, nos eventos, e abasteciam o estoque de munição

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente, perfeitamente.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeitamente. Esse era o caminho, não é? Tu não quer nos dizer quem, mas me dá um exemplo. Vocês lá... o Clube de Tiro lá de Bagé alguma vez importou munição?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, o clube não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Vocês compravam munição de qual clube de tiro?:

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Era comprada da CBC, com autorização do SFPC-3...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não, não, não... essas aqui, as...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essas eram compradas, acredito, da própria federação em outros anos e de atiradores que tinham comprado das federações.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, Belleza. Mas, para nos ajudar, eu quero chegar lá onde tu comprou e falar com o cara o seguinte: por gentileza, dá uma mão para o Belleza, mostra para nós aqui a autorização do Exército que tu importou. Então essa munição entrou quente no País, vocês tinham certificado do importador, vamos ver lá com o Exército...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Exatamente. Eu acredito...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - A quem eu me dirijo para confirmar a tua informação de que você comprava arma em clubes de tiro. Me dá um clube de tiro que tu comprou munição.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Munição. Eu acredito que o SFPC-3 e as federações poderão lhe informar onde eram feitas essas importações...



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, eu já entendi. Mas eu estou pedindo a seguinte informação: tu tens esse monte de munição aqui, correto? Tu poderias me dizer pelo menos um clube de tiro de quem tu compraste a munição?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Do Clube de Tiro 4 de Porto Alegre.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Clube de tiro 4 de Porto Alegre, perfeito.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tenho até com notas

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Ótimo, quem mais? Qual é o tipo de munição? Essa estrangeira...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, 22. As outras eu sempre comprava de atiradores, as LAPUA e as outras munições estrangeiras eu comprava de atiradores.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Tu percebes o seguinte: uma pessoa que te vendeu cartucho de uma arma 762 finlandesa não poderia também hoje estar fornecendo arma para um bandido?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu acredito que não, porque eram todos atiradores. Essas munições foram importadas pela federação ...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas então se ela foi importada...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ou pelo Exército

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ...por que tu não pode nos dizer de quem tu comprou?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque não me lembro, doutor. Eu não posso me lembrar de coisas que foram compradas em 1980, 81, 85, 90...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas uma arma finlandesa, de calibre 762, não é uma coisa que o cara compra todos os dias, não é? Quer dizer, uma coisa é se tu comprou uma coca-cola... "mas não me lembro de quem comprei, eu compro toda semana". Agora tu vais me dizer que tu não te lembras de quem é que tu comprou a munição? As duas pistolas Glock que tu comprou tu não lembra de quem tu comprou? Não lembra de quem tu comprou as pistolas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não me lembro, doutor. Algumas coisas eu comprei do coronel Brito, provavelmente uma das pistolas Glock eu tenha comprado do coronel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Coronel Brito?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Coronel da Polícia Militar?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É. Mas é amigo nosso, companheiro de tiro.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo, certo, certo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Era.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Me explica uma coisa: e o Uruguai ali, vocês não trazem munição do Uruguai para Bagé?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, senhor, não. Não trazemos munição do Uruguai. Existem provas internacionais, que trazem tudo. Nós moramos na fronteira, nós moramos na fronteira. Hoje, vejam bem...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Todo mundo compra munição no Uruguai, o Belleza tem 60 mil cartuchos e nunca comprou.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Vamos só deixar claro uma coisa, veja bem...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - No Uruguai, Belleza; não é fácil comprar no Uruguai, Belleza.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Se isso tivesse acontecido... isso não teria acontecido se não fosse antes de 97. Não existia essa legislação. Agora veio essa legislação e vêm acontecendo esses fatos. Eu tive a minha casa... foi tudo entregue, e eu estou aqui respondendo perante os senhores.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, Belleza.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Então, de repente, houve uma mudança de lei, e ficamos fora da lei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero entender o seguinte: é fácil

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ficamos fora da lei...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu quero que tu nos ajude, Belleza...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas não tem ninguém que possa vender nada para bandidos, porque nós...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Como é que nós podemos melhorar o sistema de controle para evitar a entrada das armas e da munição que vêm do Uruguai? Tu como uma pessoa que conhece o assunto...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Veja bem, nos anos 80 vinha arma de tudo quanto era lado, principalmente do Paraguai onde as armas eram mais baratas.



Eram bem mais baratas as armas no Paraguai. Vinha, e todo mundo tinha. Era autorizado a atirar com calibres 9 milímetros, tudo autorizado. Se registrava...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Se registrava as armas

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É que não... houve uma mudança na lei e de repente...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas qual é a lei a que o senhor está-se referindo?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - De 97.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - É que eu acho assim, Belleza...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - E agora tem o Estatuto do Desarmamento

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas o senhor foi enquadrado na lei, não foi no Estatuto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Belleza, eu acho assim: o teu depoimento tem uma linha de coerência, tu recebeste umas armas do teu pai, outras do teu sogro, lá em Bagé; organizava o clube de tiro... tudo bem, só que a munição, meu, a munição? Quer dizer, tu não consegues explicar, por que essa...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, tem muita munição aí que era do coronel Brito, que estava guardada lá em casa a pedido dele. Isso está tudo... eu tenho... eu tenho as provas disso.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu não entendo por que tu não pode, por exemplo, nos dizer de quem é que tu comprou as duas pistolas Glock? Não entendo? Por que aí o que acontece...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque que não... a arma não tem registro

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa arma, há alguns anos atrás não tinha problema nenhum de comprar um do outro. Hoje é um crime. Eu comprei na época que não era crime.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sim, mas então...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Agora é crime.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, mas o que eu vou...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Como é que eu fico perante essas pessoas?



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Entendi. Mas o que eu quero descobrir é o seguinte: esse caminho que foi utilizado para que essas pistolas Glock chegassem na mão dessa pessoa que te vendeu, ele pode estar sendo utilizado para que os bandidos comprem arma. É isso o que queremos saber. Nós queremos saber, entendeu, se eles traziam do Uruguai, trouxeram do Paraguai, por onde que é a...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não tenho a menor idéia onde os bandidos compram arma. Mas é impressionante como os bandidos compram arma, principalmente as armas que tem aqui no Rio de Janeiro. Modernas. No domingo, dia 3 de abril, fui assaltado em Porto Alegre com um revólver na cabeça e me levaram um Vectra. Essa semana teve dois tiroteios em Porto Alegre

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, mas...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Agora, as coisas que aconteceram anteriores à lei de 97 não tem nada a ver com o que está acontecendo hoje

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito, Belleza

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Como é que as munições entram: as pessoas vão e buscam. As pessoas vão nesses países compram e trazem

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E entra pelo aeroporto, entra por....

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Acredito que não, acredito que aeroporto seja uma coisa dificílima de entrar, pelo controle que tem

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. De minha parte é isso, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Bem, Sr. Luiz Mário de Oliveira Belleza, primeiro, até por curiosidade, o senhor disse que eu já lhe conhecia; se eu já lhe conhecia, confesso que eu não consigo lembrar e gostaria de ter essa recordação, até para não passar impressão aqui de que eu era sócio nas armas (*Risos*). Daqui a pouco eu passo a impressão: olha, os dois eram sócios, e o Pompeo não se lembra.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, absolutamente. Eu não fiz isso nesse sentido, até porque a minha coleção é clara, é limpa e de público em Bagé. O senhor me visitou uma vez, não sei se acompanhado pelo Abiaga ou por algum ou



por alguém do PDT no meu escritório. Em uma manhã estivemos conversando bastante. Depois eu encontrei com o senhor em uma galeteria em Porto Alegre, em uma reunião do Partido. Tinham outros membros do PDT nessa reunião. O senhor veio e conversou comigo. Agora, faz tempo isso. Depois não nos vimos mais. Não houve nenhum negócio com ele.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não vi arma, não vendi, nem recebi nem me foi oferecido.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Absolutamente.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O que, aliás, no Rio Grande, não é muito problema, porque lá o povo usa arma mesmo. Deixa eu lhe fazer uma pergunta. Feito esse esclarecimento do senhor, já foi processado alguma vez, antes desse episódio a que respondeu?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tive só esse processo da Receita Federal.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Não. Processo crime?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Aliás, o da Receita Federal, inicialmente, começou como processo crime. Em seguida passou a processo...Porque o não recolhimento de imposto federal é crime, não é? Mas fui absolvido.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Sei, mas é coisa do Fisco. Não foi preso? Não foi preso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Sou primário.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Nem respondeu inquérito por qualquer crime decorrente do uso de arma de fogo ?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Eu nunca andei armado. Eu não armado. Nunca andei. E agora muito menos.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Está bom. É importante isso, até para que a gente possa compreender. Quando é que aconteceu esse episódio que chegou essa força tarefa na sua casa, que dia, mês, ano?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - No dia 15 de abril de 2003.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quinze de abril de 2003.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Início da Semana Santa.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, já faz 2 anos?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Dois anos.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O senhor chegou a ser preso?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Fui preso por 25 horas.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O senhor foi detido, então?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Passei uma noite na Polícia Federal, enquanto faziam levantamento de todos os itens. Depois, no outro dia, como a Polícia Federal em Bagé não tem custódia, eu fui recolhido ao presídio.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Presídio lá em Bagé mesmo?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Presídio em Bagé, mesmo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Depois, ganhou a liberdade?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Meu advogado viajou a Uruguaiana, porque a Polícia Federal já tinha entrado em recesso em Bagé em razão do feriado da Semana Santa. Eu fui liberado no outro dia, 25 horas depois, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Faz 2 anos. O senhor compareceu, depois disso, em audiências na Justiça Federal?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Fui chamado à Polícia Federal para prestar depoimento 2 vezes.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Isso no mesmo ano?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Em 2003 ainda.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Posteriormente, o senhor foi chamado no fórum?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não fui chamado mais.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Só na parte do inquérito.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Exato. Ainda está em inquérito policial. Não há processo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - O senhor disse que essas armas são armas antigas e que algumas armas de guerra, do tempo da guerra, o senhor não pode registrar em função de ter esse problema com a Receita Federal. Mas o senhor tentou registrar?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Na ocasião, eu levei as negativas. Já lei positivas. Agora há pouco eu tentei registrar.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Agora há pouco quando?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Em 2003. Logo após. Me foi dado uma negativa, que eu tenho, pelo SRPC-3, constando nessa negativa todos estes itens: o



detalhe do processo em 1995, os 2 processos impositivos e, naturalmente, esse inquérito atual.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Então, tem uma negativa-positiva?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Provavelmente.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - E aí, por conta disso, o senhor foi impedido novamente de tentar registrar. Quando foi aprovada a lei de registrar as armas, em 1997, o senhor não procurou tomar alguma iniciativa, além de registrar as armas como colecionador, pelo menos noticiar a existência dessas armas, fazer uma ocorrência, fazer um registro da existência dessa arma, tornar pública a existência dessa arma?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu nunca registrei nada em cartório, não. É público. Eu posso lhe mandar os recortes dos jornais. Eu tenho vários recortes de jornais, porque eu atiro em 2 categorias, inclusive 2 categorias de fuzis. Em Bagé é público que eu tenho coleção de armas.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Essas granadas que o senhor fala. Confesso que eu não vi aqui no relatório aqui as granadas.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - As granadas foram destruídas.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Mas não constam do relatório aqui?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Acredito que no inquérito conste. Tinha uma granada de gás e tinha uma granada de instrução, igual à granada defensiva do Exército, só que o pessoal ficou com medo de mexer na granada. Quando soube que ia ser destruída, tentamos, através do advogado, barrar, mas já tinha sido destruída.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Quem é esse coronel Brito de que o senhor fala tanto?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - O coronel é um amigo meu, antecessor meu como diretor de tiro no círculo militar. É meu amigo de anos, era o líder do tiro. Ele tinha todos os cursos de material bélico.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Esse coronel vive ainda?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, ele morreu em 2001, logo após as Torres Gêmeas.



O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Ele era coronel do Exército ou da Brigada?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu tenho toda a documentação que prova isso que estou lhe dizendo. Coronel do Exército.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Esse laudo da polícia, Deputado Moroni Torgan, acho que é importante. Aliás, faço o requerimento no sentido de que a CPI requisite o laudo a que se refere, que fez a análise arma por arma, a fim de que possamos ter uma leitura mais abrangente. Um outro aspecto. O senhor não porta arma nem nunca portou arma?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Quando ia para a estância, como porte de ativa e porte de arma numa época.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Registrado? Porte legalizado?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porte legalizado, tudo registrado. Depois, não, deixei de portar.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Por que o senhor não renovou? O senhor não quis?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A gente vive no clube dando tiro. A arma, para nós, é um instrumento esportivo. Parei de usar, não havia mais necessidade de usar. Não tinha inimigos, não me sentia ameaçado de nada. Não era essa a função das armas comigo.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Uma curiosidade dentre as tantas levantadas aqui: por exemplo, o senhor tinha 4.070 cartuchos da LBros ponto 22.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essa é uma munição inglesa de alta precisão.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu sei, eu a conheço. Chama-me atenção, porque é uma munição das mais leves e das mais precisas que há.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque com aquelas pistolas especiais — e tenho umas quantas pistolas especiais de tiro há — essa munição era fundamental para se conseguir um bom resultado. E essa munição era importada pela federação e distribuída para os atiradores. Algumas delas eu comprei de outros atiradores.



O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Eu quero aqui fazer uma leitura, até para que haja uma compreensão. Pelo menos é a visão e a impressão que tenho. Acho importante dizer que efetivamente a questão das armas era muito desorganizada no País até 1997. Em 1997 ela se organizou, por meio da legislação, e acho que no Estatuto do Desarmamento quase que se exagerou. É a minha opinião pessoal. Tenho uma série de divergências. Mas é verdade que entre a organização e desorganização, o senhor era o símbolo do atirador desorganizado. Vejo assim, porque, olhando a primeiro modo, a olho nu, quando vi as reportagens que falavam do senhor, dizia: "está aí um homem perigoso, muito bandido, deve ser o chefe dos chefes dos chefes, que não tem chefe". Essa é a impressão que passa. Agora, olhando de perto, vê-se que são armas antigas, que o senhor é um colecionador, um desportista, vamos dizer assim, desorganizado, embora fizesse as coisas abertas, públicas; não é um bandido, pelo que se sente, não é um traficante, não é ligado ao tráfico, nem ao narcotráfico e nem ao tráfico de armas. Passa-me essa impressão. Há que se organizar também. O senhor mesmo está vendendo o imbróglio em que o senhor se meteu, o que passou para a opinião pública sobre a sua pessoa e sobre a sua personalidade. O que o senhor causou de estrago para o seu próprio clube, para a imagem, e a leitura que a própria CPI está fazendo aqui do que possa ser. Sinto que não há um envolvimento com bandido, o que não inibe — não quer dizer que está tudo bem; não está tudo bem porque os caminhos são errados —, mas não é um traficante de armas ou um narcotraficante, uma ponta do *iceberg* do crime organizado em Bagé, ou do Rio Grande do Sul, ou mesmo do Brasil. Essa é a leitura que faço, mas que fique essa lição e que a gente possa ainda aprofundar esses dados aqui. Tanto eu faço essa leitura que se mais fosse a Polícia Federal, por conta da capacidade que tem a Polícia, e ela é muito capaz no nosso País, ela já teria aprofundado nesses dois anos e, com certeza, chegado às pontas que teriam ligação com a sua estrutura criminosa, se ela efetivamente acontecesse.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Exatamente o que o senhor está dizendo. Eu quero só contar um detalhe. O delegado Sezefredo, Delegado Regional de Bagé, não sabia que eu era bandido; o delegado Benício, o Delegado Pio, o Delegado Bento Cléber, da Polícia Federal, que lá tem delegacia, enfim, ninguém sabia que eu era bandido, só a Força-Tarefa do Ministério Público Estadual que sabia que eu era bandido, a ponto de ser tudo aquilo que botaram... E o que menos falaram foi nas



armas. Falaram em tráfico de tudo aquilo. Isso é uma coisa que está acontecendo. Agora, aconteceu esse episódio com um médico de Santa Cruz. Estive olhando as fotos, tem umas escopetas 12... Tem 40 armas. Tem um fuzil, tem um Rugger mini-14, que atira uma bala 223. Então, já foi entrevistado um delegado. O delegado disse assim: “vamos investigar esse indivíduo se ele não está ligado a assalto a carro forte”. O homem é um médico; vai assaltar carro forte?... Irregularidades há. Eu estou irregular, reconheço que estou irregular. Não tenha dúvida. Agora, é público em Bagé. E, por ser público, eu nunca tive uma preocupação maior. Não que eu não sabia que estava irregular, mas eu tinha certeza, Deputado, que não podia ser julgado dessa maneira. Saiu no domingo subsequente à terça-feira, 15 de abril, saiu uma matéria na Zero Hora: “Conexão Campanha-Rio: Desce Avião Cheio de Drogas e Volta Cheio de Arma”. Fizeram um carnaval fantástico. Essas coisas são complicadas, não é? Está havendo um exagero na coisa. E a arma, que até bem poucos anos atrás não tinha problema, hoje é um produto criminoso. Hoje a pessoa que tem uma arma sem registro é um criminoso.

O SR. DEPUTADO POMPEO DE MATTOS - Tudo isso eu concordo com o senhor também. Só para encerrar a minha parte, mas o senhor deu chance para o azar, não é? O senhor era o homem errado, no lugar errado, no dia errado, na hora errada, no momento errado. E aí aconteceu tudo isso.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu sempre acreditei, porque a Brigada Militar do Rio Grande do Sul tem um dos melhores serviços de informação do País. O serviço de informação da Brigada Militar do Rio Grande eles sabem tudo a respeito dos gaúchos, principalmente das cidades pequenas. E eu nunca imaginei que eu pudesse ser confundido com bandido, pelo serviço de informação da Brigada Militar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, deixe eu informar ao Plenário que temos duas atitudes a tomar. A votação está começando no Plenário, teríamos que nos deslocar para lá. Podemos suspender e voltar hoje ou então transferir o restante para amanhã.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, pela ordem. Acho que o depoimento do Sr. Luís Mário de Oliveira, o Belleza, é importante para esta Comissão. E sabemos também que durante o processo de votação da Ordem do Dia a Comissão fica impedida de votar. E nós não estamos votando nada. Estamos numa audiência...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas está votando coisa importante, como a cassação de um Deputado.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Eu queria propor que houvesse um revezamento, um Parlamentar vai lá, volta e volta. Só tem mais 3 inscritos também. E o processo lá de votação é de no mínimo de 2 ou 3 horas, pelo que conhecemos da Casa. A gente esticasse mais ou menos uns 15 minutos, se os Parlamentares fossem mais sucintos e a gente concluisse esse depoimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu acho difícil se a votação for o processo de cassação, mas eu gostaria então de suspender por meia hora a oitiva e daqui meia hora voltamos então para saber o que vem acontecendo.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - Sr. Presidente, desculpe a insistência, mas pelo que conhecemos do processo de votação na cédula, a gente não consegue votá-la com menos de 1 hora. Deve ter uma fila muito grande. Por isso que acho que suspender por meia hora também não vai surtir efeito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então suspendemos por 1 hora.

O SR. DEPUTADO NEUCIMAR FRAGA - O.k.

(*A reunião é suspensa.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Luís Mário Belleza, pode tomar assento. Vamos reiniciar a sessão de oitiva do Sr. Humberto Silva e Luís Mário Belleza. Pela ordem de inscrição, vou chamar a Deputada Perpétua Almeida para fazer os questionamentos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Muito obrigada, Sr. Presidente. Sr. Luís Belleza, na verdade, a preocupação desta CPI é chegar àqueles que consideramos realmente criminosos, que podem estar traficando armas no País, como é que eles estão comprando, como é que é o processo da entrada e de saída de armas. E o senhor, como um colecionador, já que inclusive também foi envolvido num processo de armamento, como a polícia mesmo estava investigando, a gente queria mais informações. O que o senhor pode nos dizer? Eu vou fazer aqui algumas perguntas e depois, se o senhor puder nos adiantar alguma coisa do que o senhor sabe, do que o senhor ouviu falar, certo?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Certo.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Veja bem, o senhor argumentou desde o início que o senhor fez a aquisição das armas antes da lei de 1997, não é isso? O senhor é advogado.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não? A sua profissão é...

O SR. LUÍS MÁRIO BELEZA - Eu sou produtor rural, mas eu tenho curso de agronomia, só que não terminei.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Qual é o seu patrimônio hoje?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu tenho uma área de 1.600 hectares de campo lá em Alegrete.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Isso está avaliado em quanto?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Vamos imaginar 3 mil reais o hectare.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Só isso? O senhor não tem mais?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Casa, automóveis.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O seu patrimônio todo o senhor avalia em quanto? (Pausa.) O que o senhor declarou na Receita na última declaração agora esses dias?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não... o meu contador que fez. Eu não sei como é que ele colocou os valores. Inclusive eu fui... a Receita me examinou profundamente agora nesses últimos 2 anos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Tudo bem. Eu só quero ...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas o que foi declarado eu não me lembro. Imagino que seja ao redor de 4 milhões e meio.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Tá certo. Quatro milhões o senhor imagina que seja o seu patrimônio. E o senhor imagina quanto que custa aquele armamento com munições que a Polícia Federal apreendeu? O senhor acha que está avaliado em quanto tudo aquilo ali?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Vamos dizer 200 mil reais.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Duzentos mil. Todos adquiridos antes da lei?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Veja bem: tem aquela parte antiga dos anos 30, 40 e 50 que meu pai juntou; depois tem essas outras adquiridas antes da lei e tem algumas pistolas adquiridas no ano de 2001, mas todas têm documento.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Essas estão documentadas.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Essas todas estão documentadas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas as que não estão documentadas e que foram adquiridas antes da lei? Por que o senhor, depois do conhecimento da lei, sabendo o que a legislação indica — inclusive por conta disso o senhor foi incluído no art. 334 do Código Penal e no art. 10 § 2º da Lei n.º 9.437 — por que o senhor não procurou, então, a lei para garantir o registro desse armamento?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu procurei, como já disse anteriormente, o SFPC-3 é que dá o registro de colecionador, certificado de registro. Antes era um certificado de registro de atirador, porque o certificado de colecionador era separado. Hoje é um certificado de registro só, único, para as duas coisas, só que sem as negativas de Receita Federal, Estadual Militar, eu não conseguia o registro.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor chegou na polícia onde precisava registrava e disse: “*Olha, eu tenho uma quantidade de armas, eu quero legalizar*”.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Deixa eu lhe dizer: o pessoal em Bagé sabem que eu tenho as armas, tanto é que eu lhe disse que a Polícia de Bagé me conhecia, sabe quem eu sou e nunca fizeram absolutamente nada. Mas veio a força-tarefa, levantou o problema e eu não legalizei as armas por causa disso. E eu tenho um documento que demonstra que, quando eu tentei legalizar, inclusive aquelas coisas antigas de 95 me impediram de legalizar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor tem esse documento?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tenho o documento. Eu posso lhe mandar uma cópia.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nós vamos pedir para o senhor mandar aqui para a gente.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sem problema nenhum.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Em média, os outros sócios e atiradores do clube quantas armas têm em casa?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Os atiradores normalmente têm 6, 8 armas — os que são só atiradores. Os colecionadores têm mais. Tem uma coleção em Itaquara de 700 armas; tem uma coleção em Bagé de umas 100 armas; tem aqui, em Brasília, um colecionador que coleciona canhões e tanques, que tem 25 mil itens, inclusive uniformes. Tem as coleções mais diversas, dentro do... Mas isso tudo são coleções registradas. É fácil de ver. No SFPC/3 é fácil de ver as coleções que existem no País.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E granada os colecionadores de armas costumam colecionar?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Por que o senhor tinha uma no meio da sua...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu tinha uma granada de gás, porque essas coisas... Tinha lá uma granada de gás e eu comprei aquela granada de gás. Mas eu tinha uma de demonstração, como eu já lhe disse, uma de instrução, que é uma granada vazia. Ela não explode. Essa eu tinha na minha mesa de cabeceira. Eu tive anos na minha mesa de cabeceira.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Sr. Luís, o senhor comprava munição para essas armas, para o seu *hobby*, de quanto em quanto tempo?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Quando aparecia, porque essa munições não são fáceis de...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Assim, a cada 6 meses, a cada 3 meses, de ano em ano?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Às vezes passava tempo sem comprar.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Tempo de 1 ano, 6 meses?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas eu comprei muito na década de 80. Na década de 80 foi quando eu comprei mais e no início da década de 90.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E qual foi a última compra que o senhor fez?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Na década 90. Lá pelo ano de...



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - No início de 90, 99?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - ... de 95, 96, por aí.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Isso está legalizado? O senhor tem documento?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas aí a lei já estava prevalecendo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, a lei é de 97.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Ah, o senhor disse que foi de 95.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, eu comprei em 95; a lei é de 97.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. De lá para cá o senhor não comprou mais?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Por que o senhor deixou de visitar o clube?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Vamos dizer assim: comprei munição 22 legalizada. Tenho documentos. Não, eu continuei atirando. Só que, como eu tinha um bom estoque de munição, eu continuei atirando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deixa eu só fazer uma observação. A Polícia Federal deve estar fazendo, mas, de qualquer jeito, vamos pedir o rastreamento dessa munição, porque a munição no Brasil é difícil de rastrear, porque não tem um controle. Mas munição estrangeira tem controle, dá para se fazer um rastreamento. Então, nós vamos saber certinho qual é a data que ela foi fabricada, sem problema nenhum.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Sr. Luís, no meio que foi apreendido tinha um colete a prova de balas. O senhor tinha medo? Usava? Como é que é?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Não, não, absolutamente não. O colete a prova de balas foi uma dessas coisas que surgiram.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Surgiram? Não entendi.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Colete a prova de balas era vendido livremente antes no mercado.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o senhor o comprou mais ou menos quando?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Agora, de um tempo para cá é que ele está sendo controlado.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor lembra quando o senhor comprou?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ah, faz bastante tempo, faz muito tempo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Dez anos, 5 anos, 2 anos?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Seis anos, 7 anos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Está certo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Imagino.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor disse que, como a legislação não garantia absolutamente controle nenhum, muita coisa o senhor comprou sem documentação, não é? Alguns o senhor disse que comprou no Brasil; outros comprou fora do Brasil.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, eu comprei tudo aqui no Brasil.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas algumas de fora.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Armas de procedência estrangeira, sim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então. E o senhor tem conhecimento de como é o processo da vinda dessas armas? Quando o senhor comprava, perguntava como é que era isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A maioria das armas que entravam no Brasil nos anos 80 vinham do Paraguai, porque eram as armas mais baratas que tinham.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E o senhor sabe dizer de quem o senhor comprou?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Como eu lhe disse, são pessoas boas, são pessoas que não têm nada a ver com tráfico nenhum; eram atiradores. E são pessoas que, num negócio feito nos anos 80, eu vou expor agora, depois que mudou a lei? Fica uma coisa meio constrangedora, porque não existe tráfico nesses casos. O problema é depois... Agora, entrou muita arma; tem arma por aí.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Luís, não existe tráfico, mas as armas estavam entrando no Brasil de forma ilegal.



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Como lhe disse, durante os anos 70, 80, início dos anos 90, entrava bastante arma no Brasil.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quando foi a última vez que o senhor adquiriu uma arma?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Das armas com documento, agora no ano de 2001.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. Estou satisfeita, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sr. Luís Mário de Oliveira Belleza, vi que o senhor, no seu depoimento, tomou alguns cuidados. Primeiro, ao dizer que comprou munição em 1980. Eu sou delegado federal de profissão. Nós não usamos munição com mais de 2 anos de fabricação por nada deste mundo. O senhor me disse que por 15 anos o senhor usa ainda munição. Quer dizer, qual o seu segredo?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sílica, sílica gel, bom condicionamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, todas essas munições estava com sílica e sílica gel.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Algumas, sim, enroladas em jornais. Estavam na parte alta da minha casa, que era a parte mais seca também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se é para usar, ainda mais em Bagé, Rio Grande do Sul, que é um clima úmido para caramba.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - E deve ter alguma munição vencida. Eventualmente, pode ter alguma munição vencida. Veja bem, Deputado, isso não era a minha atividade; isso era o meu esporte. Isso estava lá, eu comprava; eu estava cuidando das outras coisas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Veja, as versões é que são complicadas, e muitas vezes a gente se complica nas versões. Estamos tão preocupados em sair de algumas coisas... Por exemplo, alguém deve ter lhe dito: "Olha, não assume nada até 1997. De 1997 para trás, pode assumir o que for, porque já é outra legislação, é outro problema". Tanto é que o senhor tomou o cuidado de dizer que as últimas que comprou foi em 95, 96, comprehendeu, que é justamente antes de 97. Tanto é que, quando ela disse que foi em 97, o senhor pulou e disse: "Não, foi a lei em 97." Mas a lei que trata do contrabando existia antes



também. Não mudou nada da lei que regula o contrabando de 95, 96, de 80. O art. 334 do Código Penal é de muito tempo atrás. Então, quem o orientou esqueceu-se de dizer que o contrabando continua. Quer dizer, contrabando ou descaminho, tanto faz, dá no mesmo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Nesse aspecto, ninguém me orientou, porque eu vivi isso; eu vivi o problema da lei de 97 quando queria organizar e não organizei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas contrabando é contrabando sempre. Mas contrabando era contrabando antes. Não deixou de ser contrabando antes.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, isso era contrabando, era material proibido no País. Era contrabando.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Se eu for acusado pela Justiça e for julgado culpado, o que vou fazer? Agora, veja bem, é importante que fique claro que não existiu tráfico. Existia a parte esportiva. Tem muita munição? Reconheço que tem muita munição. Mas o que vou fazer? Aconteceu isso. Comprei munição legalizada, depois de 2000; comprei arma legalizada, depois de 2000. Mas antes todo o mundo comprava e trocava arma.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E o senhor comprou arma ilegal também depois de 2000, porque as Glock são armas novas agora.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não senhor. As Glock são de muito tempo; nos anos 80 já existiam Glocks.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Volto a dizer: é a maior tranquilidade isso. Não é preciso ficar batendo boca. É só pegar o número, ligar para a fábrica e perguntar quando foi fabricada e quando foi vendida a última vez legalmente. Só isso.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não tem para onde correr.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não tem, absolutamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como da munição. As Glock o senhor comprou quando? Eu vou pedir todo esse levantamento, e isso vai determinar se o senhor prestou falso testemunho aqui na Comissão ou não.



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não há problema nenhum, Deputado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Compreendeu? Então, se o senhor me disser que comprou munição nos anos 80 e eu provar que essa munição foi fabricada em 90, é sinal de que o senhor mentiu. Eu tenho prova concreta, fato concreto.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu comprei nos anos 80, eu comprei nos anos 90.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Compreendeu? Nos anos 90, em 95, 96.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Doutor, Presidente, deixe eu só lhe dizer um detalhe: esse fato ocorreu comigo há 2 anos e dias. No início, eu me envolvi a mil nesse assunto. Depois, o negócio acalmou e eu fui cuidar da minha vida. Então, tem muita coisa hoje que eu não me lembro, assim. "E isso aqui?", como queria a Deputada Vice-Presidente, "E isso aqui?", "E essa arma, de quem é?" Eu não me lembro, eu tenho de revisar. Está tudo anotado lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, eu não quero isso. Eu quero...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não posso me lembrar de todos os detalhes de uma coisa que aconteceu há 2 anos atrás.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Veja que eu tenho de fazer um juízo de valores. A Comissão vai ter de fazer um juízo de valores e vai votar depois indiciamentos, vai votar pedidos de prisão, vai votar um monte de coisas. E a hora de nós fazermos juízo de valores começa agora. É ao contrário do que o Deputado muitas vezes quis falar lá, mas falou errado, porque, na verdade, nós estamos começando a fazer o juízo de valores que vai terminar no relatório.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Entendeu? Qual é o juízo de valores que eu tenho que fazer com o senhor? Eu tenho que saber se todo esse armamento e o negócio de ser do Clube de Tiro lá de Bagé era uma cobertura para o senhor fornecer armamento ilegal — não necessariamente para quadrilha ou coisa parecida, mas fornecer armamento ilegal para alguém — ou se o senhor é uma pessoa de boa-fé, que deixou os acontecimentos atropelarem a sua vida. E eu tenho



exemplo dos 2 lados. Até como delegado e como Secretário de Segurança que eu fui, eu conheço um que fornecia rifles e armas de grosso calibre para tudo quanto era quadrilha de traficante, mas principalmente de ladrão de carro-forte e de assaltante de banco. E ele era o quê? Era diretor de clube de tiro, porque era a cobertura boa de ter.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Em que cidade isso?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Compreendeu? Eu não posso lhe dizer os nomes aqui, agora, mas posso lhe dizer que era no Nordeste. Era diretor de clube de tiro. No entanto, ele era, na verdade, o grande almoxarifado das quadrilhas, com armas de grosso calibre e tudo o mais. Agora, é aquilo que eu digo: as provas nós vamos agora procurar. Eu vou pedir esse levantamento, vou ver se o senhor está dizendo a verdade ou se não está, vou saber tudo isso. Se o senhor não estiver dizendo a verdade, é claro que o senhor passa a ser suspeito do outro lado. Se tudo o que o senhor está dizendo for confirmado pelo levantamento, aí é lógico que eu vou pensar: "Não, esse é um sujeito de boa-fé desorganizado". Como o Deputado Pompeo disse: "Totalmente desorganizado". Compreendeu? Só que eu acho difícil outra coisa. O senhor sabia a legislação. Se o senhor é praticante de tiro, o senhor conhece toda a legislação. Eu fui jogador de voleibol, eu conheço tudo de voleibol. O que existe de legislação de voleibol eu conheço.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu estou muito tranquilo, Deputado, quanto a esse levantamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, nesse sentido, o senhor conhecendo a legislação, por que é que o senhor não legalizava essas armas?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque eu não podia. Era um problema a impositiva de 65. Eu tenho um documento, que eu posso mandar para os senhores.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas o senhor disse que tinha porte de arma.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sessenta e cinco, não; 95, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se isso o impedia de legalizar uma arma, como é que não o impediu de ter porte de arma?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Deputado, foi... Presidente, foi antes. O porte de arma foi antes.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Foi antes de 65?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, antes, não. É 95. Meu problema com a impositiva é no ano de 95. O assunto... Meu porte de arma é dos anos 70, não sei se do início dos anos 80, não me lembro mais. Eu tenho os portes lá, ainda; é só procurar que eu acho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, e o...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu senhor deixa eu lhe dizer: eu estou muito tranquilo nesse aspecto, que o senhor faça todo o levantamento. Isso vai melhorar muito, vai me deixar na condição exata da segunda opção que o senhor falou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Está bom, não tem problema. Eu só estou preocupado é com essa sua preocupação de dizer que não comprou munição depois de 97. Eu acho praticamente impossível o senhor não ter comprado munição se o senhor é esse esportista que diz que dá 2.500, muitas vezes 2.000 tiros por semana, segundo o que o senhor disse aqui.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Muitas vezes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é que o senhor não ia comprar munição para treinar?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É só o senhor olhar o estoque.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, o estoque, se é todo de 1980 e 1990, o senhor não treinaria isso. Esse estoque aqui tem o quê? Umas 30 mil. Trinta mil o senhor usava num ano. No mínimo, no mínimo. Nesse ritmo que o senhor diz aí, era de 30 mil para mais.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - As carabinas, aquelas de fabricação americana, as Carabine, eu cансo de atirar com munição de 43, 44 perfeita, perfeita. Claro que bem acondicionada. E algumas munições ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas o que me chama a atenção é que o senhor não tinha munição nacional praticamente. Aqui é tudo estrangeiro.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas essas munições entravam naqueles anos, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, e tu não compravas pra treinar com munição nacional, não?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Se tinha essa oferta, eu usava a munição que tinha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, vamos fazer um cálculo: dos anos 80 até 2003 são 23 anos. Trinta mil por ano, usando no treinamento, quer dizer o quê? Isso quer dizer, em 23 anos, 690 mil. Tu, nos anos 80, comprou 690 mil munições. É isso? Setecentas mil, porque ainda sobraram 20 mil.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Isso se intensificou agora, mais no fim, quando eu era o mentor do tiro em Bagé.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Tu compraste munição importada nesse molde de quase 1 milhão de munições nos anos 80?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, Presidente, absolutamente não! Mas isso se intensifica, o tiro, quando eu assumo a condição de Vice-Presidente do clube, Diretor de Tiro do Círculo Militar. Mas antes eu atirava bastante, também. Não tanto como depois...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vocês não atiram com munição recarregada, não?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu nunca atirei. Mas tem gente que atira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pra treinamento, nunca usou recarga?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem gente que atira. Sim, sim, se atira, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E tu usavas? Tinhas máquina de recarga?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O clube tinha?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - O clube tem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Máquina de recarga? E nunca usaste pra treinamento a recarga?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, usei, sim. O pessoal recarregava, a gente usava, também. Usei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Então, o que passa, comprehendeu, eu acho que é aquilo que eu falei: quando a gente diz a verdade, a gente diz com tranquilidade, não tem medo até de repetir 100 vezes a verdade,



porque é a verdade. Compreendeu? Então, o que fica difícil da gente entender, primeiro, é que o flagrante foi bem dado. Não tenho reparo nenhum a fazer ao flagrante. Se eu fosse delegado lá e pegasse essas armas contigo, sem documentação, o Exército dizendo que tu não és colecionador, eu daria o flagrante do mesmo jeito. Sem problema nenhum. Compreendeu? Não teria o menor problema nesse sentido. O que chamou a atenção é que era muita arma. Foi isso que chamou a atenção. E a metade desse armamento era de grosso calibre.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - As armas são: tem armas antigas, de grosso calibre, fuzis de ferrolho; tem armas mais modernas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A K-47 é arma de guerrilheiro ou de bandido. Eu nunca vi gente de bem usando...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É uma arma de coleção. É só uma K 47, com só um carregador. Não tem nenhuma bala.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas se tu fosses colecionador. Se tu fosses colecionador eu aceitaria. Mas tu não és colecionador.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu sou colecionador de fato; de direito, posso não ser, mas, de fato, eu lhe provo que eu sou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É como eu abrir uma farmácia sem ter o registro nos setores que devem registrar as farmácias. Quer dizer, aí, eu vou dizer: eu abro a farmácia, eu estou aqui vendendo medicamento controlado e tudo. Essa é a grande diferença. Ele vai dizer: "De fato, eu tenho a minha farmácia. Só que ninguém fiscaliza, eu não estou registrado em lugar nenhum". Então, não tem fiscalização, ninguém sabe quanta munição eu tenho, ninguém sabe quantas armas eu tenho, ninguém sabe coisa nenhuma, porque eu não estou registrado em lugar nenhum. Então, do mesmo jeito que eu pego arma pra mim, eu posso pegar arma pra mim e vender para os outros, porque não tem registro de nada. Compreendeu o negócio?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É público em Bagé, volto a lhe dizer, eu vou lhe mandar os recortes de jornais de todas as provas de que eu participava.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas prova de que tu participaste tu tens. E, cá entre nós, tu nem podias participar de arma. Se tu não podias ter o registro, tu não podias manipular arma. Se tu não podias ter o registro de colecionador, sinal de que as autoridades em Bagé estavam tudo de olho



fechado. Porque, se tu não podias ter o registro de colecionador, como é que tu podias estar manipulando arma? É isso que eu quero entender. Eu não consigo entender.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Relaxamento meu, de não organizar? Muito bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não, teu e de um monte de autoridade de Bagé. Não foi só o teu, não.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É porque provavelmente eu não oferecia perigo à sociedade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, esse não oferecer é que é complicado. Nós temos que saber. Quer dizer, essas brechas é que muitas vezes... Quer dizer, é isso que nós mover a nossa convicção.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Exatamente por estarem cerrando essas brechas que eu estou aqui hoje.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Quer dizer, é um negócio complicado. Queria falar alguma coisa?

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quero retomar uma pergunta pra ele. Sr. Luís, qual é a arrecadação sua, anualmente, da sua atividade de produtor rural?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu teria que ver.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, o senhor não tem uma noção? O senhor, o senhor lida diretamente?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor não tem uma noção de quanto é a sua produção anual?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Uns 200 mil reais por ano, alguma coisa assim.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor produz o quê lá?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Produzo o arroz, lã, carne e agora estou montando o esquema para produzir leite.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E isso tudo lhe garantiu um patrimônio de 4 milhões em quantos anos?



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Teve parte por herança e o resto estamos construindo.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo. O senhor tem conhecimento da prisão de outros colecionadores?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - A única que eu tenho recentemente é do médico, esse de Santa Cruz do Sul. Não conheço ele, não sei se é colecionador; só sei que, pelo que eu vi, é um médico que gosta de armas. Não conheço, não sei nada. Pelo o que me foi comentado em Porto Alegre é uma boa pessoa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Diga-me uma coisa: depois da lei de 97 pra cá, reduziu o número de atividades lá do Clube de Tiros?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, aumentamos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aumentaram?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Aumentamos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E a munição que vocês compravam era como?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não precisava porque eu tinha munição. E tem esse esquema da recarga do clube, eventualmente, que você a munição da recarga do clube. Mas veja bem....

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor foi Presidente do clube em que ano?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu fui Vice-Presidente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Em que ano?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Vice-Presidente em 2003. Eu fui Diretor de Divulgação em 99, 2000, 2001 e 2002 e 2003 eu fui Vice-Presidente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, de 99 pra cá, o senhor participava das decisões do clube?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, em 98... Eu fazia parte da Diretoria.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E como é que o clube fazia as compras da munição?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Através do SFPC/3. Comprava espoleta, comprava pólvora e pontas. Se compra pontas, tem fábricas de pontas.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor comprava da mesma forma? Para seu uso particular, o senhor comprava da mesma forma que o clube comprava?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, normalmente era o clube que comprava e outros atiradores compram também.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - As suas foi o clube que comprou também?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Normalmente eram outros atiradores que compravam. Muitos atiradores compram. Compram pontas — as pontas não são controladas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, o senhor me disse que o clube comprou também as suas.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Também, o clube comprou também.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Foi o clube que comprou ou o senhor comprava de terceiros?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Alguma coisa eu comprei do clube, alguma coisa comprei de terceiros, alguma coisa já comprei recarregada de terceiros. Tem no estoque ali munição recarregada também.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A compra dessa munição do exterior, a importação, como é feita pelo clube?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Quem fazia era a Federação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A Federação. E o clube compra da Federação?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não sei se o clube de Porto Alegre fazia. Eu sabia que a Federação... A informação que eu tenho é que a Federação fazia as importações, com autorização do Exército, naturalmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, e aí o clube comprava da Federação?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Comprava da Federação. Atiradores compravam da federação; atiradores revendiam para os outros atiradores, eventualmente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas como é que o Exército controla isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não me pergunte. Eu realmente não saberia lhe dizer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como é pra eu me tornar...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Isso são coisas mais antigas, anteriores às leis últimas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pra eu me tornar um atirador do que eu preciso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - O senhor precisa ser sócio de um clube. Sendo sócio do clube, tendo as negativas, o senhor pode se federar e se confederar numa confederação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Pois é, esse é o fato que eu lhe falei aquela hora: tendo as negativas. O senhor não tinha as negativas. Como o senhor fazia?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Mas eu não tinha as negativas pra efeito de registro de coleção. Mas as negativas para o clube, para me registrar atirador, eu tinha...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual é a diferença da negativa para coleção e da negativa para atirador? É a mesma negativa!

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Isso eu acho que o SFPC/3 tem que lhe responder. Ou então o documento que eu posso lhe enviar, quando eles me negam tudo, pode-lhe esclarecer, porque, para os outros, tinha lá o problema, mas eles não deram bola.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor pediu quando isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Quando eu pedi esse registro?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É, o registro de colecionador.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Em 2003.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Depois da apreensão?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Depois da apreensão.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Aí, também, tenha santa paciência!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Nossa! De 1997 até 2003 o senhor não tentou nada?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Feita a apreensão, o senhor queria que o Exército lhe desse?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu já lhe expliquei e vou explicar de novo. A carta que eu recebi, que eu vou lhe mandar a cópia, diz os motivos da negativa: o problema impositivo de 1995 e tem outro problema e, depois, tem o inquérito. Mas eles não me dariam. Com o problema impositivo, eles não me dariam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que o senhor não pediu a partir de 1997 isso?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque eles não me dariam.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Claro que eles lhe dariam. Quem é que disse que não lhe dariam?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eles mesmos me disseram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não. Isso o senhor está supondo.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Eles me disseram. Eu perguntei. Porque tem despachantes...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor tem como provar isso?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Agora, o interessante é o seguinte: se o senhor sabia que eles não lhe dariam, por que pediu depois então?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque fui fazer a tentativa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Por que não fez essa tentativa em 1997, quando entrou a lei?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque eu sabia que não davam! Eu estava esperando cair aquele assunto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, mas depois o senhor tentou. Difícil.



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Veja bem. Vamos ao detalhe. Hoje o Estatuto do Desarmamento permite. O Estatuto do Desarmamento me permite registrar tudo hoje.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim. O problema não é esse.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É mais uma anistia. Tem mais uma anistia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O registrar pode. Agora, ser colecionador. Veja, é que...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não. Não de armamento ilegal. Tem que saber a origem de tudo. O senhor não sabe da origem das suas armas.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - O laudo feito pela Polícia Federal diz que as armas são limpas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - De quantas competições o senhor participou?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ah, muitas. Tenho muitos troféus. Muitas mesmos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A partir de que ano o senhor participou de competições?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Desde o ano de 72, por aí, eu participo de competição de tiro em Bagé. E depois, nos anos 80, também, e voltou a se intensificar no final dos anos 90.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Qual é a sua especialidade?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu atiro tiro prático, tiro de precisão, tiro de carabina. Mas o que eu atiro melhor é precisão rápida.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Precisão rápida. Aí é com pistola?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tanto com pistola como com revólver. Tem diversas categorias. Revólveres de 7 tiros, cano longo, revólver 4, 6 tiros, 4 polegadas. Tem diversas categorias. Eu inventei uma prova chamada Chumbo no Aço, que são 14 metais que temos que derrubar contra o tempo. E com isso convidei o Vice-Presidente da Confederação e Presidente do Tiro 4. E ele, então,



estabeleceu no tiro 4, graças a isso, o desafio do aço, que é uma prova internacional. Mas nós não tínhamos condições de fazer isso no nosso clube.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Dentro desses clubes de tiro tem muita gente assim, como o senhor?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Irregular?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - É.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Hoje, acredito que não. Só alguém que tem algum problema também que não possa se registrar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Se tem um problema para se registrar, por exemplo, por que o senhor não botou no nome de um irmão seu, de um amigo seu? Pelo menos, ficaria tudo registrado.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque as pessoas não vão aceitar muito, vamos dizer, colocar outras armas no nome. Isso não é uma coisa muito fácil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Sim, se é colecionador, é tudo legalizado, tudo direitinho...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - E realmente eu vou lhe dizer que não houve essa preocupação. Eu não tinha essa preocupação. Vou lhe ser sincero. Eu não tinha preocupação porque eu era uma pessoa conhecida. Tudo o que eu fazia era público.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas a partir de 97 acho que o senhor devia ter, porque, inclusive, a sua atuação no clube ficou mais forte a partir desse ano de 97.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - O senhor tem razão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ficando mais forte a partir de 97, o senhor tinha conhecimento de toda a legislação e do que poderia acontecer.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Luís, o senhor argumentou o tempo inteiro aqui que antes de 97 não tinha regularização de nada.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não, não.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor está sendo insistente nisso.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Não é isso.



A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Portanto, o senhor tem feito uma defesa nesse sentido: porque antes de 1997 não tinha essa preocupação, absolutamente nenhuma, com essa questão de munição e de armas. O senhor está argumentando isso desde que chegou aqui. Está sempre usando datas de 96, 95, antes disso. Mas, se o senhor tem tanta consciência de que não tem que se preocupar com o período anterior a 97, como é que o senhor não se preocupa com o período de 97 para cá?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não. Eu me preocupei. Eu me preocupei. Eu perdi uma anistia, mas esperava que surgisse outra. Agora tem uma anistia, mas agora eu estou com problema. Agora, veja bem: antes de 97 não havia uma grande preocupação em geral; não havia um controle. Até 64 se comprava arma na esquina. Qualquer armazém vendia arma neste País, até 64. Depois, começou o controle.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Quando começou o controle?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Em 64.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Em 65, na verdade, não é?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu imagino.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - 65.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Então, as coisas começaram a mudar. Só que, veja bem, eu moro em Bagé; eu não trazia arma de lá para cá. O meu assunto era exclusivamente local. E cometí a falha, o pecado, de não tomar as providências necessárias. Tive problema. Não pude fazer. E depois aconteceu isso. Não tenha dúvida. Agora, eu não estou muito preocupado quanto a essas outras coisas que a lei pode me acusar. A minha maior preocupação foi o escândalo feito em termos de tráfico disso, tráfico daquilo, membro de quadrilha, e não acontecia nada disso. Agora, quanto a esses detalhes das armas, acredito que vou ser julgado, vou ser...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O que depõe contra o senhor é que o senhor não diz a fonte da munição e a fonte do armamento. O senhor sai pela tangente. Quer dizer, chegou a botar um que faleceu como um dos vendedores e tal. É ótimo. O cara faleceu. Não tem mais como dizer...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Perfeitamente. Se eu não me lembro direito de coisas de 2 anos atrás, que eu tenho que reavivar a memória — vou melhorar —,



como é que vou lembrar de tudo de 1980? Daqui a pouco vou cometer um pecado! Mil novecentos e noventa.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Não, não, Sr. Luís Belleza, o senhor lembra que fez compra de munições e de armas antes de 97.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E não é uma caixinha de munição!

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor lembra dos anos 80.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Esse é que é o problema! Comprar 4 mil munições são 80 caixas de munição. Quer dizer, não é um negócio para comprar... “*Não, eu fui ao boteco, o fulano ali chegou e me vendeu 80 caixas de munição*”. Isso é um carregamento pesado, grande, que...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Isso não foi comprado tudo de uma vez só. Isso foi comprado aos poucos.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Aos poucos, quando?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não me lembro. A senhora quer que eu me lembre de detalhes. Eu estou explicando isso. Isso foi comprado aos poucos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não pode ter sido. Isso é outra coisa que não bate, porque não pode ter sido aos poucos, se o senhor usa 30 mil cartuchos por ano. Aí, como é que vai comprar aos poucos? Não tem pouco nisso! E os lotes é fácil de ver lá, inclusive, os lotes que foram comprados juntos. Quer dizer, pelo lote, vai saber o que aconteceu. Agora, o senhor não diz o nome de ninguém!

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque não existe nenhum aspecto criminal aqui. De gente amiga e boa que não tem nada a ver com isso eu não vou estar... Pessoas de 1980, lá...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Então, se não existe aspecto criminal, por que o senhor não fala?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Porque não! Porque não vou envolver pessoas desnecessariamente.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Mas, se não existe aspecto criminal, o senhor não está envolvendo ninguém!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Olha, tem que ter um fornecedor desse armamento internacional. Isso aí não é um negócio que eu compro



aqui uma, compro ali outra, compro lá na esquina outra ou coisa parecida. Para começar, munição importada são poucos que manuseiam.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Isso foi comprado lentamente, ano após ano. Tudo foi comprado durante 41 anos. Essas coisas foram sendo juntas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Durante 41 anos, de que ano até que ano?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - De 2003, 41 anos para trás. De 2003, eu me lembro...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor comprou armamento depois de 97.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu já lhe disse que eu comprei. Eu comprei armas registradas. Está lá. Está tudo lá na Polícia Federal.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Munição, também?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Munição de 22 com documento também. Eu disse.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E esses policiais que foram presos no mesmo dia que o senhor? Qual foi a acusação contra eles?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eles tinham algum armamento na posse sua aqui?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor fez algum negócio com eles alguma vez?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não fiz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor não fez negócio? Nem de munição nem de armamento?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não fiz. Não fiz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E eles foram presos por quê? Qual foi a alegação?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Não tinha... Esse assunto era um outro assunto que dizia a respeito de uma morte de uma pessoa lá e um assunto que não sei, é um assunto que é no ar e eu não vou lhe repetir, mas eu tenho a impressão que Polícia Federal de Bagé pode lhe informar perfeitamente o que aconteceu com



os outros; a própria Brigada Militar, que fez uma sindicância grande com cada um dos policiais militares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - A esse clube de tiro iam policiais e outras autoridades?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Sim, pessoal da Brigada, pessoal da Polícia Civil. Às vezes... Foram até alguns policiais rodoviários. A gente convidava todo o mundo para participar das provas!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - E estavam lá. O senhor ficou nos devendo a fonte desse armamento internacional. E quase todo o seu armamento é estrangeiro. Isso que é o interessante.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Sr. Presidente, vamos pedir pra...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - O senhor bem que poderia ter usado das fábricas nacionais, mas, infelizmente, tudo era estrangeiro.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem umas quantas armas nacionais. Rossi e Taurus tem umas quantas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Não são umas quantas, não. Que eu vi aqui...

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - Vamos pedir para ele encaminhar pra gente as tentativas que ele fez de registro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu vi aqui que não tem quase nenhuma. Não tem quase nenhuma nacional aqui. Na verdade, estou vendo aqui, nacional não tem. As carabinas não eram nacionais; os revólveres, que poderiam ser nacionais, eram Smith & Wesson e Garand; as pistolas eram Smith & Wesson, Glock, Faschi — deve ser italiana, não é?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Hum, hum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Colt, Beretta, italiana. Quer dizer, não tinha nada nacional aqui, não.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tem Rossi. Eu acho que tem alguns revólveres Rossi. Tem 3 Rossi. Tem os...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Mas não está nessa apreensão aqui não, viu? Então tinha mais armas além dessas aqui.



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Ou não colocaram completa aí ou não está bem claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Deveria ter mais armas aqui, porque aqui só tem estrangeiras. Não tem uma nacional aqui. É tudo importada.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - É por isso que eu lhe digo: de repente, o laudo da Polícia Federal seria bom que o senhor recebesse.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Como também toda a munição aqui é toda importada também. E um grande número de munição. Nós vamos fazer as investigações, vamos ver os laudos, vamos pedir essas informações. Ouviu, Manoel? Eu quero pedido de informações sobre os lotes de origem e as armas e os anos de fabricação das armas e das balas.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - E a documentação que ele tem de que fez as tentativas de registro antes de 2003.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele não fez. Ele disse que...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Só uma tentativa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Fez quando?

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu fiz só uma, depois do evento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ah! Só depois de 2003.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Tentativa eu fiz só uma, depois do evento.

A SRA. DEPUTADA PERPÉTUA ALMEIDA - O senhor tinha dito que tinha feito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Ele só fez a tentativa...

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Eu nunca disse que eu fiz. Eu lhe disse que, como eu tinha positiva, perguntei a um despachante. O despachante disse que não passava e eu não fiz a tentativa, porque se gasta dinheiro e não ia passar. Então, fiquei esperando que aquilo caísse. Não caiu, demorou, e aí teve o problema.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Olha, eu espero, Sr. Belleza, que, na verdade, o senhor tenha sido aquele que caiu de boa-fé. Espero que seja isso. Se não for, nós vamos descobrir na CPI e vamos, então, depois, às responsabilidades penais equivalentes. Houve alguma coisa que o senhor gostaria de retificar daquilo que o senhor disse? A chance é agora, e para suas últimas palavras também.



O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Em primeiro lugar, eu não sei se eu digo muito obrigado por terem me trazido aqui na CPI, porque, de alguma maneira, as coisas ajudam a se esclarecer. E isso naturalmente vai acelerar agora o desfecho da Justiça Federal, que eu não tinha sido acusado ainda. O processo provavelmente vai... O inquérito provavelmente virá em processo agora. E eu não tenho nenhuma retificação a fazer que eu lembre de detalhes, porque foram uns quantos detalhes que foram ditos aqui. Agora, eu estou muito tranquilo, Presidente. Estou muito tranquilo porque não tem, na minha atividade, em nenhum momento, nada de criminoso em face das leis anteriores. Das leis atuais, que foram posteriores ao evento de 15 de abril, agora, sim, as coisas ficam bem diferentes. Hoje a arma é um produto criminoso. Qualquer pessoa que tem uma arma sem registro está com um problema muito sério. Então, agradeço ao senhor, agradeço a todos os Deputados, ao Deputado Vítorio e continuo à disposição dos senhores lá em Bagé.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Vou dispensar a testemunha. Se houver uma nova chamada, eu tenho certeza de que... E isso eu gostaria de ressaltar: atendeu prontamente ao chamado. Se houver uma nova chamada, eu tenho certeza de que estará aqui conosco. Muito obrigado. O senhor está dispensado.

O SR. LUÍS MÁRIO BELLEZA - Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Eu só queria ressaltar que amanhã ouviremos uma quadrilha que vendia armas no centro do Rio de Janeiro e todos eram armamentos pesados e ouviremos também o Marquinho Niterói, que foi pego justamente numa transação de armas bastante interessante. São alguns bandidos de alta periculosidade. Então, teremos todo um setor de segurança amanhã aqui.

Ressalto que a CPI continua aberta a receber denúncias pelo telefone 0800-619619.

Essa luta vai ser grande mesmo e as pessoas menores tentarão dar cobertura às maiores, seja por medo, por conivência, por qualquer coisa nesse sentido. E a nossa luta não para é pegar aqueles traficantezinhos de armas que estão nas esquinas; a nossa luta será para pegar os grandes traficantes que abastecem o mercado nacional. Consequentemente, é uma luta grande.



Os Deputados que não freqüentam a CPI podem estranhar — não é Deputado, Couto? —, mas são interrogatórios longos, muitas vezes cansativos, mas é através deles que se busca a verdade, sempre com total transparência, com respeito à lei, com respeito a tudo.

E alguns Deputados mais precipitados vêm aqui muitas vezes e falam em dissonância com aqueles Deputados que estão realmente trabalhando na CPI. Eu gostaria que esses Deputados mais precipitados pudessem estar aqui conosco trabalhando porque é muito fácil aparecer num dia e falar que CPI está sendo muito dura, que não sei o quê e tudo o mais. O difícil e duro é estar no dia-a-dia da CPI aqui conosco.

Pois não, Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, pela ordem.

Eu não estive presente à oitiva da segunda testemunha porque fui ser testemunha na Justiça Federal de um amigo nosso de Pernambuco. Nós fomos ouvidos nesse momento e não pudemos estar presente.

Mas quero reafirmar que a CPI está no caminho certo, que V.Exa. tem se pautado, como Presidente, dando oportunidade para que todos os Parlamentares possam fazer seus questionamentos. E, como diz V.Exa., acho que os Deputados que querem mesmo investigar as redes criminosas de tráfico de armas deveriam participar de todos os eventos da CPI, e não fazer acusações que não correspondam à verdade.

Sabemos que V.Exa., em nenhum momento, tem desqualificado e nenhum Parlamentar aqui tem desqualificado qualquer das testemunhas. Pelo contrário, têm procurado tirar o máximo de informações. Agora, se o Parlamentar percebe que a testemunha está sofismando, ele tem de chamar a atenção; é um direito que tem e eu acho que V.Exa. está agindo corretamente e eu acho que esse é um papel nosso.

Muitas vezes, os Parlamentares vêm até defender algumas pessoas e terminam fazendo crítica com relação à postura da Comissão, mas a Comissão, na direção de V.Exa. na Presidência, tem agido de forma bem correta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Muito obrigado.

Dou por encerrada a sessão, convocando para amanhã, às 10h, nova sessão.



CÂMARA DOS DEPUTADOS - DETAQ

Nome: CPI - Tráfico de Armas

Número: 0522/05

COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

Data: 4/5/2005
